

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

LUIS EDUARDO BOVE DE AZEVEDO

**FIGURAÇÕES DE BRASIL E DE BRASILEIROS NAS CAMPANHAS E HISTÓRIAS
DE JÂNIO QUADROS (1953-1972)**

FRANCA

2022

LUIS EDUARDO BOVE DE AZEVEDO

**FIGURAÇÕES DE BRASIL E DE BRASILEIROS NAS CAMPANHAS E HISTÓRIAS
DE JÂNIO QUADROS (1953-1972)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Franca, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História e Cultura Social

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Célia Camilotti

FRANCA

2022

A994f Azevedo, Luis Eduardo Bove de
Figurações de Brasil e de brasileiros nas campanhas e histórias de
Jânio Quadros (1953-1972) / Luis Eduardo Bove de Azevedo. --
Franca, 2022
155 f. : il., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Virginia Célia Camilotti

1. Brasil republicano. 2. Povo brasileiro. 3. Jânio Quadros. 4.
Figurações identitárias. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUIS EDUARDO BOVE DE AZEVEDO

**FIGURAÇÕES DE BRASIL E DE BRASILEIROS NAS CAMPANHAS E HISTÓRIAS
DE JÂNIO QUADROS (1953-1972)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Franca, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
(Profa. Dra. Virgínia Célia Camilotti)

1º Examinador(a): _____
(Profa. Dra. Márcia Regina Capelari Naxara)

2º Examinador(a): _____
(Prof. Dr. Jefferson José Queler)

Franca, 3 de maio de 2022.

*Em memória de Eduardo, meu avô, Suzy e Ruth,
minhas avós, Luiz, meu tio, e Myke, meu amigo.*

AGRADECIMENTOS

Escrever, para mim, sempre foi um exercício de libertação. Libertar-me de meus medos, meus receios e, até mesmo, de meus sentimentos. Faz tanto tempo que escrevo, que nem me lembro quando comecei a me libertar de verdade. Concluir essa dissertação evidencia, para mim, a importância que a escrita possui, e sou grato por ter conseguido realizar essa tarefa, ainda que em um período de tempo maior do que o planejado, com êxito.

Dessa forma, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, por todo o cuidado que tive – e ainda tenho – em minha vida. Meu Deus foi, é e sempre será um Deus de amor, e não de ódio; um Deus de cuidado, e não de vingança; um Deus que acolhe, e não que exclui. Obrigado, Deus, pela minha vida, pelas pessoas que o Senhor colocou ao meu lado (ainda que à distância) e pela conclusão de mais essa etapa.

Tenho muitas pessoas a agradecer e fico com receio de esquecer alguém, afinal, desde quando eu me mudei para Franca, em 2014, conheci dezenas de pessoas que deixaram, ainda que de forma sutil, uma marca em minha vida. Sem dúvida alguma, o Luis que está concluindo o mestrado não é o mesmo que começou a graduação, lá em 2014, e ainda bem por isso!

Dessa forma, agradeço à minha família, que me acompanhou ao longo desses anos com todo o apoio que eu precisava, mesmo que à distância e com o contato menor do que eu deveria dar. Aos meus pais, Carlos e Sônia, obrigado pela ajuda ao longo dos anos, mesmo com todas as divergências e problemas que temos. Sinto não estar mais presente, mas a vida é repleta de encontros e desencontros e tenho certeza que teremos momentos muito bons por vir!

À minha principal inspiração acadêmica, minha irmã Carla, que sempre foi um exemplo de dedicação aos estudos e de esperança através da educação. Ainda que nossos percursos tenham sido diferentes, a começar das escolas e das cidades, você sempre foi – e continua sendo – minha grande inspiração, apesar de não demonstrarmos muito esse tipo de carinho um ao outro. Somente nós sabemos o quão difícil são estes anos um longe do outro e de nossos pais, mas fazemos isto por um propósito, que é a mudança do país através da educação. Que estejamos no caminho certo! Obrigado, Carla, pelo exemplo e companheirismo!

Agradeço, ainda, aos meus avós, que, mesmo tendo partido ao longo da minha formação, sempre torceram por mim e estiveram, mesmo de longe, me acompanhando nessa jornada. Sei que vocês estão felizes pela conclusão dessa etapa, independentemente de onde estiverem. Também agradeço aos meus tios e tias, em especial as mais próximas, Tia Sandra e Tia Lu, por todo o apoio nestes anos. Vocês fazem parte disso tudo! Agradeço, por fim, aos meus primos e primas, apesar do pouco contato nos últimos anos.

Um agradecimento especial à mulher que tem me ajudado a olhar para mim mesmo com outros olhos e mais carinho, além de me fazer querer ser, cada vez mais, um homem melhor: Malu, você é uma luz que apareceu em minha vida e espero, de coração, que eu consiga fazê-la feliz todos os dias que passarmos juntos (e espero que sejam milhares e milhares!). Desejo passar minha vida ao seu lado e realizar todos os nossos sonhos. Amo você, obrigado por ser abrigo sempre, em especial, nos momentos difíceis, e obrigado pela sua paciência, porque não é fácil me aturar! Que a nossa caminhada continue assim, leve e cheia de carinho! Também agradeço à sua família por toda a ajuda ao longo do ano de 2021 e em todos os outros momentos em que precisei ficar mais em Jardinópolis, do que na minha própria casa. Não teria conseguido sem vocês!

Não poderia deixar de agradecer ao Enrique e à Marili, referências de amigos e de família que não é de sangue. Seguir esta jornada na área da educação passa, e muito, pelo contato que tenho com vocês. Obrigado pelo apoio incondicional e pelo entusiasmo sempre que nos víamos, mesmo que pouco, nos finais de ano. Também agradeço pela amizade que temos com a Gabi e o Gui, quase que primos para mim, e com quem cresci e me diverti desde criança.

Aos meus amigos de São Paulo, desculpem-me pela ausência e distância, mas carrego ótimas recordações de vocês todos os dias e sei que, apesar da distância, posso contar com vocês. Para não cometer injustiças, cito, em especial, meus melhores amigos, Cindy e Islan, e minhas grandes amigas, Adriana, Isabella e Bruna. A todos meus amigos que não mencionei, obrigado pela amizade que temos!

Seria irracional, da minha parte, deixar de mencionar meus professores, tanto da EMEF. Mal. Eurico Gaspar Dutra, quanto da EE. Conde José Vicente de Azevedo, além dos professores da UNESP Franca e minhas professoras e professores de idiomas. Agradeço, igualmente, a todos por terem feito parte da minha formação como pessoa, aluno e professor. Agradeço, em especial, aos professores Cesar, Sheila, Jacyr, Lucélia, Edna, Teresa, Helena, Bete, Polônio, Sandra, Karina Anhezini, Márcia Naxara, Dona Franca, Lu Casimiro. Agradeço, ainda, a duas professoras que são, mais do que exemplos de docência, grandes amigas: Fabi Sader e Márcia Porto, com quem nutro uma amizade sincera e honesta. Obrigado por serem meus grandes exemplos!

Agradeço aos professores Yllan de Mattos e Marcos Alves de Souza, que me orientaram durante a graduação e me ajudaram na difícil tarefa de descobrir o que é pesquisar. Sem vocês, minha formação estaria incompleta. Também agradeço ao professor Pedro Tosi, com quem compartilhei experiências incríveis e instigantes no PET História. Por fim, agradeço à Virgínia Camilotti, minha orientadora durante o mestrado, que me acolheu e me ensinou, de fato, o que

é pesquisar em História. O apoio, a cobrança, as dicas, os puxões de orelha, os comentários (positivos e negativos) sobre meu trabalho, o acolhimento e o incentivo à escrita foram essenciais para que eu não desanimasse e para que este trabalho tenha sido desenvolvido, mesmo que eu me responsabilize pelos eventuais erros e imprecisões contidos nestas páginas. Obrigado por me acompanhar durante o mestrado!

Também agradeço a todas as funcionárias e funcionários da UNESP Franca, tanto do departamento de História, que tive maior contato durante a graduação, quanto da pós-graduação, que me auxiliaram nestes quase três anos de mestrado, em especial, à Maísa, sempre solícita e atenciosa. Agradeço, ainda, aos funcionários e ex-funcionários da Biblioteca UNESP Franca, local em que realizei estágio de um ano, logo no início da minha graduação. Obrigado por me ensinarem tanto, em especial, Tia Laura, Eliana, Andreia, Márcia, Dani, Fer e Núbia (e o Vaca também!). A Biblio continua sendo meu local preferido da UNESP!

Outro agradecimento especial vai para uma pessoa que, apesar de não ser funcionário da UNESP, sempre prestou serviços de excelência, atenção e por um preço justo aos unespianos, além da grande simpatia de sempre: Clayton do Multicópias, que me ajudou muito desde o meu primeiro ano. Você é fera demais e aqui fica o meu agradecimento e da Isa Casellato pela sua solicitude e atenção de sempre! Obrigado!

Agradeço, também, aos meus amigos da Turma LII de História e aos amigos do bem da pós-graduação em História. Que sejamos luz em meio às sombras. Agradeço aos meus amigos do Novo Colégio, local em que trabalhei por mais de dois anos e que me fez conhecer mais do mundo francano. Vocês foram minha família fora de casa.

Não posso deixar de falar dos companheiros de morada, desde o início da República Zé Budega e, posteriormente, Maria Budega, até os dias de mestrado: Sahid, Fujão, Murilo, Gian, Peroba, Fran Sosa, João Cruz, Sapeca, Bezerra, Fetiche; Vitória, Gi Boesso, Duqs, Cersei, Nii, Enzo, Pira, Chaves. Agradeço, ainda, à Letícia Aga e Isa Disney, com quem morei durante o mestrado e que me ajudaram e ajudam a tornar essa etapa mais leve. Obrigado, meninas, pelo carinho e puxões de orelha para limpar a casa!

Também agradeço aos amigos da ABU Franca, que me deram o suporte que eu necessitava quando me mudei para Franca. Veteranos e calouros, vocês têm um lugar especial na minha vida. Vocês foram essenciais e eu não teria sido o que sou hoje sem vocês. Gratidão eterna, ainda, à Mariko e à Risso, por terem me apresentado a este grupo e me ajudado a chegar na UNESP pela primeira vez. Também agradeço aos meus amigos de rolês: Canis, Jansen, Cross e Leo Agapito, saudades dos nossos hambúrgueres e cervejas!

Agradeço a todos os membros do grupo de pesquisa “Historiar” pelas tardes de discussões históricas e perspectivas que ampliam o olhar de cada um que lá está. Que a História seja uma potente arma contra a ignorância desse governo e de todos que, a cada dia, desvalorizam mais a nossa profissão e a educação.

Agradeço, ainda, às professoras Márcia Regina Capelari Naxara e Márcia Pereira da Silva, que estiveram, junto com a minha orientadora, na banca de qualificação, sobretudo pelas correções, indagações e novas possibilidades para este trabalho, além, é claro, da aprovação! Desenvolver este trabalho não seria possível sem os apontamentos realizados. Agradeço, uma vez mais, à professora Márcia Naxara por ter aceitado novamente o convite, dessa vez, para a banca de defesa do mestrado, e também ao professor Jefferson José Queler, que me auxiliou com sua tese no decorrer da minha escrita e por ter aceitado estar em minha defesa. Agradeço pelo tempo despendido com a leitura!

Pesquisar sobre Jânio Quadros é algo que me fascina e, infelizmente, a única maneira de com ele dialogar, desde 1992, é através de suas obras. Com elas, aprendi que é fundamental compreender os problemas de nosso país como algo decorrente de nossa própria condição de exploração. Jânio, ao desempenhar o papel de historiador, conseguiu evidenciar características singulares de nosso país, além de apontar possibilidades de melhorias. Obrigado, Jânio, por ter me ajudado, através de seus escritos, discursos e figurações de Brasil, a compreender mais sobre este país.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, cujo pagamento ocorreu de forma ininterrupta durante todo o período de vigência da bolsa, o que contribuiu para a minha participação em eventos, compra de livros e, evidentemente, para cobrir meus gastos com aluguel, alimentação, transporte e lazer, este último essencial a todas as pessoas nessa longa e solitária jornada que é a pesquisa e escrita científica.

Agradeço a todos que estiveram e estão comigo nessa longa jornada, vocês são incríveis!

AZEVEDO, Luis Eduardo Bove de. **Figurações de Brasil e de brasileiros nas campanhas e histórias de Jânio Quadros (1953-1972)**. 2022. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

RESUMO

Jânio da Silva Quadros (1917-1992) tornou-se nacionalmente conhecido graças à famosa imagem de sua vassoura, responsável por combater a corrupção do Brasil, “varrer a bandalheira”, extirpar as práticas políticas elitistas, acabar com o uso da máquina pública em proveito da hegemonia dos partidos tradicionais e liquidar a imoralidade administrativa e dos costumes. Tal figura esteve associada ao político desde o início de suas campanhas aos cargos do executivo municipal e estadual, entre 1953 e 1954, tendo sido ainda mais difundida em sua campanha à presidência da República (1959-1960), por concentrar, inclusive, a imagem da esperança por dias melhores. Esse símbolo, e outros a ele associados, não foram, contudo, explorados pela historiografia enquanto alegorias maiores da perspectiva diagnóstica e prescritiva, assumida por Jânio Quadros, no tocante aos males e problemas incontornáveis do país e de seu povo. Considerando esta carência, este trabalho ocupou-se em explorar quais foram os diagnósticos e as propostas de saneamento para a nação brasileira. Além disso, buscou-se quais as figurações de Brasil e de brasileiros mobilizadas pelo político nas suas campanhas, capazes de conquistar eleitores maciçamente e orientar sua meteórica carreira política. Figurações essas que foram, inclusive, aprofundadas nos termos de suas próprias constituições e formações, em fina trama histórica nas obras por ele escritas - *História do Povo Brasileiro* (1967) e *Os dois mundos das três Américas* (1972).

PALAVRAS-CHAVE: Brasil republicano. Povo brasileiro. Jânio Quadros. Figurações identitárias.

AZEVEDO, Luis Eduardo Bove de. **Figurations of Brazil and Brazilians in Jânio Quadros' campaigns and stories (1953-1972)**. 2022. 155 p. Thesis (Master's degree in History) - São Paulo State University, School of Humanities and Social Sciences, Franca, 2022.

ABSTRACT

Jânio da Silva Quadros (1917-1992) became nationally known due to the famous image of his broom, which was responsible for confronting Brazilian corruption, sweep the crookedness, eradicating elitist political policies, ending the use of the public machinery in favor of the hegemonic traditional political parties and liquidating the immorality in people's customs and within Brazilian administrative bodies. Such figure had been associated to the politician since the beginning of his campaigns towards municipal and state executive positions between 1953 and 1954, having been more deeply disseminated during his presidential campaign (1959-1960), for its representation of hope for better days. However, this symbol, and others related to it, have not been explored by the historiography as substantial allegories of the diagnostic and prescriptive perspective undertaken by Jânio Quadros regarding the unavoidable iniquity and problems of the country and its people. Considering the referred scarcity, this thesis focused on exploring which were Quadros' diagnoses, as well as his sanitization propositions for the Brazilian nation. Besides that, this work investigated which were figurations of Brazil and Brazilians mobilized by the politician throughout his campaigns, capable of massively conquer voters and guide his meteoric political career. These figurations were, in fact, deepened in terms of their own constitutions and formations within a fine historical plot in Quadros' works – *História do Povo Brasileiro* (1967) and *Os dois mundos das três Américas* (1972).

KEYWORDS: Republican Brazil. Brazilian people. Jânio Quadros. Figurations of identity.

AZEVEDO, Luis Eduardo Bove de. **Figuras de Brasil y brasileños en las campañas e historias de Jânio Quadros (1953-1972)**. 2022. 155 p. Tesis (Maestría en Historia) - Facultad de Humanidad y Ciencias Sociales, Universidad Estatal Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2022.

RESÚMEN

Jânio da Silva Quadros (1917-1992) se dio a conocer a nivel nacional gracias a la famosa imagen de su escoba, responsable de combatir la corrupción en Brasil, de "barrer la bandalheira", de eliminar las prácticas políticas elitistas, de acabar con el uso de la maquinaria pública en beneficio de la hegemonía de los partidos tradicionales y de acabar con la inmoralidad administrativa y las costumbres. Esta figura se asoció al político desde el inicio de sus campañas para cargos ejecutivos municipales y estatales entre 1953 y 1954, y se extendió aún más en su campaña para la presidencia de la República (1959-1960), que también concentró la imagen de la esperanza en días mejores. Este símbolo, y otros asociados a él, no fueron, sin embargo, explorados por la historiografía como grandes alegorías de la perspectiva diagnóstica y prescriptiva, asumida por Jânio Quadros, respecto a los males y problemas ineludibles del país y de su pueblo. Teniendo en cuenta esta carencia, este trabajo se ocupó de explorar cuáles eran los diagnósticos y las propuestas de saneamiento para la nación brasileña. Además, buscamos identificar las representaciones de Brasil y de los brasileños movilizadas por el político en sus campañas, capaces de conquistar masivamente a los votantes y guiar su meteórica carrera política. Estas figuras también fueron profundizadas en cuanto a sus propias constituciones y formaciones, en una fina trama histórica en las obras que escribió - *História do Povo Brasileiro* (1967) y *Os dois mundos das três Américas* (1972).

PALABRAS-CLAVE: Brasil Republicano. Pueblo brasileño. Jânio Quadros. Figuras identitarias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I. DAS APREENSÕES E INTERPRETAÇÕES DE JÂNIO QUADROS	19
Diferentes olhares sobre Jânio Quadros	26
Um debate em torno do populismo	27
Sob o crivo de um conceito ou Jânio populista	32
Sob o crivo da biografia ou a renúncia de Jânio.....	41
Sob a inspeção da imagem construída.....	48
II. DAS CAMPANHAS – DIAGNÓSTICOS E PRESCRIÇÕES PARA O BRASIL.....	53
“O TOSTÃO CONTRA O MILHÃO” – a campanha para a prefeitura de São Paulo e o início da trajetória no executivo (1953)	54
“JÂNIO VEM AÍ!” – a campanha para governador de São Paulo (1954)	68
“A ESPERANÇA DO BRASIL” – a campanha presidencial de Jânio Quadros (1960).....	79
III. DAS HISTÓRIAS – DO POVO BRASILEIRO E DA AMÉRICA DOS	
LATINOS	95
Imagens do povo brasileiro – compreender o Brasil, compreender seu povo.....	98
Em tempos de República – imagens e ideais do povo brasileiro	110
A América, as Américas – a busca da unidade na diversidade	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS	148

INTRODUÇÃO

O passado do Brasil recebeu inúmeras construções historiográficas ao longo dos anos, em diferentes perspectivas: desde os chamados “ensaistas brasileiros”¹, que constituíram suas teorias com base em interpretações de aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos de nossa sociedade, bem como de instituições criadas no século XIX, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (cuja proposta de criação foi apresentada por Januário da Cunha Barbosa e pelo Marechal Raimundo José da Cunha Matos, ao Conselho da Sociedade Administradora da Indústria Nacional).²

Tendo em vista que a história do Brasil também se escreve e se escreveu pela pena e ações de diferentes atores, como literatos e intelectuais em geral, mas também políticos, por meio de textos, assim como em discursos escritos e/ou oralizados, onde presentificam-se distintas visões acerca da nação e de seu povo, buscamos compreender, justamente, as diferentes visões de Brasil enunciadas por um sujeito histórico polêmico e controverso: o político Jânio da Silva Quadros, que teve uma carreira política considerada “meteórica”³.

A rápida ascensão política de Jânio ocorreu através das eleições para vereador paulistano (1947), deputado estadual por São Paulo (1950), prefeito da cidade de São Paulo (1953), governador do estado paulista (1954), deputado federal pelo estado do Paraná (1958) e, por fim, presidente do Brasil (1960). Ao considerar essa trajetória política meteórica, pareceu-nos necessário encontrar as formulações identitárias mobilizadas por Jânio Quadros, sobre as quais ele embasou e orientou suas campanhas políticas (1953-1961).

Com isso, asseveramos que nosso objeto de pesquisa é substancialmente importante sob a perspectiva das narrativas desenvolvidas sobre o passado brasileiro, uma vez que os discursos proferidos por Jânio Quadros em suas campanhas denunciavam diagnósticos, caracterizações e visões do povo e da nação, além de prescrições, cujo apelo à moralidade e ao combate à corrupção foram amplamente mobilizados.

No que tange à experiência republicana no Brasil, da qual nosso personagem político é também um formulador, consideremos o que Marcos Napolitano dela sintetiza:

¹ Neste rol de autores podemos citar, dentre tantos outros que contribuíram para o grande campo de estudos da interpretação do Brasil, Afonso d’Escagnolle Taunay, Caio Prado Júnior, Capistrano de Abreu, Celso Furtado, Charles Boxer, Francisco Adolfo de Varnhagen, Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Roberto Simonsen, Rocha Pitta e Sérgio Buarque de Holanda.

² Sobre a história do IHGB, o *site* do Instituto nos traz diversos dados acerca de sua fundação e consolidação, além de atas de suas reuniões, periódicos e edições da RIHGB (sua revista oficial), publicada desde o ano de 1839. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

³ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 12.

[...] a história da República no Brasil envolve múltiplos processos, eventos e personagens que, muitas vezes lutando por um mesmo objetivo – a modernização das estruturas arcaicas legadas pelo passado – encontraram caminhos ideológicos e políticos diferentes para alcançá-lo: mais à esquerda, mais à direita, mais radicais, mais conciliadores, mais democráticos ou mais autoritários, mais inclusivos ou menos inclusivos.⁴

Por meio de Napolitano, consideramos que a República Brasileira, que passou por governos militares desde o seu início (com Deodoro da Fonseca e, posteriormente, Floriano Peixoto, entre 1889 e 1894), seguida de governos oligárquicos, nos quais os grandes proprietários de terras se revezavam na presidência do Brasil (naquela que ficou conhecida como República das Oligarquias, entre 1894 e 1930), serviu aos interesses políticos e econômicos de determinadas camadas sociais, especificamente daquelas mais abastadas, e de seus agentes políticos responsáveis pelas suas manifestações.

Ao longo dos anos republicanos brasileiros, nota-se que os candidatos aos mais variados cargos se utilizaram de diversas medidas para se promoverem politicamente e, dessa feita, garantirem suas vitórias. Nos anos iniciais da República, por exemplo, o voto de cabresto, a violência e a coerção social foram práticas corriqueiras para se garantir os votos e eleger determinados candidatos.

Entendemos, portanto, que o uso de estratégias políticas foi recorrente nas campanhas eleitorais, no intuito de reafirmar a visão que determinados candidatos possuíam acerca do que representava o Brasil e, conseqüentemente, do que o país viria a se tornar a partir de suas vitórias. No presente caso, analisaremos as diferentes formas com que Jânio da Silva Quadros estabeleceu suas campanhas à prefeitura e ao governo de São Paulo, em 1953 e 1954, respectivamente, e à presidência da República, entre os anos de 1959 e 1960, cujos símbolos e práticas estão associados à construção de sua figura pública em meio ao eleitorado. Procuramos, com isso, verificar como a sua imagem, comumente associada pela historiografia à figura do político populista⁵, alegorizava o Brasil e os brasileiros e de que forma a figura da nação por ele formulada era propalada em suas campanhas.

Notamos, por exemplo, o uso de frases como “O tostão contra o milhão”, na campanha

⁴ NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 2017, p. 08.

⁵ Normalmente, o populismo busca amenizar as lutas sociais através da conciliação entre ambas as camadas, por meio da liderança do Estado e cuja característica fundamental é que ele não costuma ser revolucionário, ao invés disso, procura manter certas ordens existentes. Norberto Bobbio (*et al*, 1986) observa que as definições de “populismo” são imprecisas, ambíguas e que os modelos e tipologias são confusos e contraditórios. BATISTELLA, Alexandre. Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade. In: **Revista Latino-Americana de História**, v. 1, n. 3, março de 2012, p. 468. Disponível em: <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/97/75>. Acesso em: 22 dez. 2019.

para a prefeitura de São Paulo, em março de 1953, quando concorreu com Francisco Antônio Cardoso, apoiado por aquela que Jânio chamava de a “máquina eleitoral”, um vasto grupo político que representava uma coligação de partidos que, até então, havia garantido a vitória de qualquer político por ela apoiado.

Além disso, foi com Jânio Quadros que a associação de símbolos às práticas políticas passou a ter um papel ainda maior nas disputas eleitorais, sobretudo graças à figura de sua icônica vassoura, que deveria “varrer a corrupção” do país, utilizada desde a campanha à prefeitura de São Paulo, em 1953, para propalar a sua tão mencionada reforma moral e administrativa, bradada de forma enérgica em seus comícios pelo estado.⁶

Por meio de alguns dos exemplos citados, Jânio criticava, em suas campanhas, a tradição política brasileira, baseada na concentração de riquezas em mãos de grandes proprietários de terras e barões de café, sobretudo do Sudeste brasileiro. Tais exemplos nos permitem perceber o intento de aproximação de Jânio das camadas mais populares da sociedade, em consonância com a transmissão da imagem que ele projetava do Brasil: antes de quaisquer outros problemas, o país deveria libertar-se das amarras da concentração do poder, por meio da valorização da população menos favorecida social e economicamente, em conjunto com o fim da corrupção e dos privilégios dos mais ricos.

Ao obter, com este discurso e com a mobilização destes elementos, popularidade incontestada, Quadros foi eleito prefeito de São Paulo e, com todo o apoio que recebeu, encabeçou nova candidatura, desta vez para o governo paulista, em 1954. Ao concorrer com um de seus principais opositores, Adhemar de Barros, Jânio lançou o *slogan* “Não desespere, Jânio vem aí”. De outra parte, também associou à sua campanha, nas eleições para a presidência da República, em 1960, um *jingle* que coroar a sua carreira política, ficando muito conhecido entre os eleitores brasileiros: *Varre, varre, vassourinha*. Podemos visualizar, a seguir, trecho da música elaborada por José Maugeri Neto e que se tornou uma das principais marcas de Jânio Quadros:

Varre, varre, varre, varre vassourinha!
 Varre, varre a bandalheira!
 Que o povo já está cansado
 De sofrer dessa maneira
 Jânio Quadros é a esperança desse povo abandonado!
 Jânio Quadros é a certeza de um Brasil, moralizado!
 Alerta, meu irmão!
 Vassoura, conterrâneo!

⁶ VALENTE, Nelson. **A vida de Jânio em quadros**. São Paulo: Editora Nacional, 1993, p. 39.

Vamos vencer com Jânio!⁷

Na campanha ao governo de São Paulo, cujas eleições ocorreram em outubro de 1954, Jânio se aproveitou de sua popularidade e do apoio que ganhava da sociedade, obtidos graças aos seus mandatos como vereador e deputado estadual, mas, sobretudo, daquele desempenhado enquanto prefeito, desde 1953, e estabeleceu um estilo de governo considerado “revolucionário” por alguns escritores do período, em especial por José Viriato de Castro.⁸

Através de uma visão de Brasil vinculada ao popular, ao humilde, ao simples, Quadros construiu suas campanhas tendo um claro objetivo: a vitória. As formas como se vestia, discursava e moldava seus atos e gestos em público dão a ideia do desenho de Brasil que o político tinha em seu horizonte: uma nação carente e subjugada às mazelas sociais, que necessitava de uma personalidade que a transformasse e que personificasse este Brasil por vir, ou seja, ele próprio.

Paulo Markun e Duda Hamilton descrevem, no livro *1961: o Brasil entre a ditadura e a guerra civil*, algumas práticas adotadas por Quadros em meio ao grande público, as quais o colocavam mais próximo das pessoas e dos seus problemas cotidianos. No excerto abaixo observamos estes exemplos, a partir dos quais se construía Jânio como uma nova esperança para o Brasil e para os brasileiros, responsável por constituir um país moralizado, contraposto ao que ele considerava imoral e corrupto:

Tomava injeções em público, simulava desmaios, comia sanduíches de mortadela e muita banana. O final era sempre o mesmo: saía de cena nos braços da multidão, que lotava as praças com vassouras e velas acesas, não importando o frio ou o horário, muitas vezes tarde da noite. Os discursos tinham o molho adicional de seu português precioso, de sílabas escandidas. O visual era outra arma infalível: paletós escuros surrados e amassados, cabelos compridos, os ombros cheios de caspa, barba por fazer. Enfim, um homem do povo, jamais um representante da elite.⁹

No que concerne à campanha para a presidência do Brasil, realizada entre 1959 e 1960, além da já consolidada imagem da vassoura anticorrupção, outro *slogan* fora empregado por Quadros: “Jânio vem aí”. A partir de então, os comícios realizados contavam com a presença de pessoas de diferentes classes sociais: de populares a membros de grandes associações

⁷ MAUGERI NETO, José. **Varre, varre, vassourinha**. Disponível em: <https://www.letras.com.br/maugeri-neto/varre-varre-vassourinha>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁸ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J.V. Castro, 1959, p. 77.

⁹ MARKUN, Paulo; HAMILTON, Duda. **1961: O Brasil entre a ditadura e a guerra civil**. São Paulo: Benvirá, 2011, p. 33.

empresariais¹⁰, marca do malabarismo político de Jânio.

Com a referida expressão utilizada em sua campanha, concretizou-se mais uma eleição vitoriosa, com recorde de votos para Jânio: 5.636.623 pessoas se identificaram com as suas propostas, o que representava 48% dos votos válidos, sendo que o Marechal Henrique Teixeira Lott, segundo colocado, contou com 33%, e o paulista Adhemar de Barros, até então um dos grandes nomes da política brasileira, ficou em terceiro lugar, com 19% dos votos.

Apresentando-se como personagem principal de nosso estudo, cabe registrar aqui que a leitura das peças das campanhas e da própria *performance* de Jânio como candidato será colocada sob o referencial dos estudos que tratam e verificam as narrativas sobre o Brasil, a fim de circunscrever qual o particular diagnóstico do país efetuado pelo político e qual a ideia de Brasil prescrita para o futuro deste mesmo país sob o seu comando. Com isso, procuramos compreender o que tal visão guarda da nação brasileira e como ela ressalta os problemas sociais, econômicos e políticos. Ademais, buscaremos analisar qual teria sido, essencialmente, o Brasil identificado por Jânio Quadros.

Podemos ainda destacar que este estudo é essencial para confrontar as interpretações até então feitas sobre Jânio, em grande parte definindo-o como demagogo, populista¹¹ e sujeito ambíguo no âmbito da política e história brasileiras, em razão de suas “idas e vindas” entre a esquerda e a direita política, representadas, respectivamente, pelas grandes massas eleitorais e pelos grupos empresariais com os quais Jânio procurava estreitar suas relações.

Buscamos, dessa forma, responder a algumas questões levantadas durante a construção do projeto de mestrado e que foram retomadas no decorrer de nossas pesquisas, dentre outras: de que forma as estratégias adotadas por Jânio Quadros foram utilizadas em campanhas eleitorais e o que isso nos diz acerca da sua visão da população/povo brasileiro? Qual, efetivamente, é a sua visão de Brasil e brasileiros? De que forma suas práticas, atos e gestos são alimentados por uma narrativa de Brasil, ao mesmo tempo em que a instituem?

Para que tais questões fossem exploradas, fez-se necessário, antes de adentrar a documentação específica elencada para tanto, adentrar uma vasta bibliografia recolhida a propósito de Jânio Quadros, subscrita por políticos, jornalistas, cientistas políticos, juristas e historiadores que buscaram interpretar ou decodificar a icônica personagem do político.

¹⁰ MARKUN, Paulo; HAMILTON, Duda. **1961**: O Brasil entre a ditadura e a guerra civil. São Paulo: Benvirá, 2011, p. 37.

¹¹ Excelentes reflexões são feitas no artigo do Prof. Dr. Jefferson Queler. QUELER, Jefferson José. Quando o eleitor faz a propaganda política: o engajamento popular na campanha eleitoral de Jânio Quadros (1959-1960). **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 59-84, junho 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042010000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2019.

Ao conjunto de materiais produzidos nas e para as campanhas, como peças fundamentais para verificar o Brasil e os brasileiros de Jânio Quadros, somam-se as obras subscritas pelo próprio político autor, obras que permitem apreender melhor a sua visão do povo brasileiro, em especial aquela que Jânio compôs em parceria com Afonso Arinos, *História do Povo Brasileiro*.

De grande erudição, Jânio Quadros ainda escreveu, no decorrer de sua vida, um livro de contos¹², um sobre as Américas¹³ (que será analisado no terceiro capítulo deste trabalho) e dois na área de língua portuguesa, *Novo Dicionário Prático da Língua Portuguesa* e *Curso Prático da Língua Portuguêsa e sua Literatura*.

Com relação à estrutura de nosso trabalho, o primeiro capítulo foi intitulado *Das apreensões e interpretações de Jânio Quadros*. Ao longo de sua estruturação, buscamos compreender quem foi Jânio Quadros sob as interpretações de diversos autores que encontraram, no político, o objeto de seus estudos. Em seguida, buscamos situar estes autores de acordo com suas abordagens, encontrando três veios principais: o primeiro deles apresenta Jânio enquanto populista; o segundo, de abordagem mais biográfica, dá maior enfoque em seu mandato como presidente do Brasil e, predominantemente, ao episódio de sua renúncia; por fim, analisamos os livros que trataram da construção de sua figura pública no decorrer dos anos, cuja narrativa principal foi sendo desenvolvida de forma a se pensar seus gestos, discursos e a busca de uma identificação da população com a sua imagem.

O segundo capítulo intitula-se *Das campanhas – diagnósticos e prescrições para o Brasil*, no qual procuramos analisar, no arco temporal adotado entre 1953 e 1961, os materiais das campanhas desenvolvidas por Jânio Quadros rumo aos cargos do executivo. Primeiramente, analisamos a campanha para a prefeitura de São Paulo (1953); em seguida, para governador do estado paulista (1954); por fim, examinamos a campanha para a presidência do Brasil (1960).

Nosso intuito, com este segundo capítulo, foi analisar cada uma das campanhas e entender como elas foram construídas por Jânio, considerando a população por ele mobilizada e, também, a forma como o político transmitia, a partir de seus discursos contrários aos políticos anteriores, uma ideia de Brasil em progresso ligada à sua própria figura. Ademais, procuramos observar quais eram as imagens exploradas em suas campanhas e que nos dão indícios de sua visão de Brasil e de brasileiros constituída ao longo de sua trajetória política.

No terceiro e último capítulo, *Das Histórias – do Povo brasileiro e da América dos latinos*, nossa proposta foi identificar, a partir dos livros escritos pelo próprio Jânio Quadros,

¹² QUADROS, Jânio. **Quinze contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

¹³ Id. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Martins, 1972.

quais eram, propriamente, as imagens de Brasil e de brasileiros por ele figuradas. Os livros analisados foram os seguintes: a coletânea de seis volumes escritos em parceria com Afonso Arinos, *História do Povo Brasileiro* (1967), que busca realizar uma detalhada exposição acerca da história nacional, bem como de seu povo; e *Os dois mundos das três Américas* (1972), no qual o autor faz uma espécie de “resenha histórica” do panamericanismo, evidenciando as dificuldades existentes na integração dos países latino-americanos e nas possíveis origens do desenvolvimento e subdesenvolvimento na América.

Com isso, esperamos que este trabalho colabore com os estudos sobre as formas de escrita do passado brasileiro, dado que leva em consideração a contribuição política e intelectual de Jânio Quadros, personagem que transformou as campanhas políticas no Brasil e, conseqüentemente, a maneira de os políticos dialogarem com a população.

I. DAS APREENSÕES E INTERPRETAÇÕES DE JÂNIO QUADROS

Para começarmos este primeiro capítulo, faremos algumas indagações a respeito de nossa personagem central, Jânio Quadros, que irão contribuir para o direcionamento deste trabalho, que objetiva compreender quais são as visões de Brasil postuladas por Jânio no decorrer de suas campanhas. Sendo assim, seremos capazes de delinear um panorama mais amplo acerca das produções que encontraram, em Jânio Quadros, sua temática principal e, simultaneamente, a sua abordagem ao longo dos anos.

Em um segundo momento, procuraremos entender de que maneira tais produções ocorreram seguindo algumas tendências historiográficas, uma vez que podemos notar determinados assuntos sendo abordados com maior destaque em detrimento de outros, deixados, de certa forma, mais à margem das produções. Questionamo-nos, inicialmente, se isto foi apenas uma “desatenção” cometida pelos autores que escreveram sobre Jânio Quadros, desde a década de 1950, ou se existem outros interesses que apontam para esta forma de se explorar a imagem do político.

Desenvolvemos nosso texto a partir de algumas questões norteadoras que começam a ganhar destaque: o que já foi escrito sobre o político Jânio da Silva Quadros, em termos bibliográficos? Os autores responsáveis por estes trabalhos possuem algum traço em comum, que demonstrem certa “familiaridade” em suas abordagens? Que relações é possível estabelecer entre os diferentes autores e a forma como Jânio fora por eles retratado? Como foram realizadas as abordagens acerca dessa figura tão controversa da história brasileira, ao longo das décadas, considerando a especificidade dos períodos em que foram escritas?

Neste processo, buscamos compreender como foram construídas as narrativas que visualizaram Jânio Quadros como intérprete dos anseios do povo brasileiro, procurando trazer uma nova abordagem sobre tal figura, central para a análise de diversos políticos, jornalistas, historiadores, juristas e cientistas políticos.

Para termos um contato inicial com as obras cujo tema central é Jânio Quadros e sua trajetória política e pessoal, realizamos um vasto levantamento bibliográfico em bases de dados brasileiras, portais de periódicos, bibliotecas digitais de teses e dissertações e alguns livros considerados como referências sobre o político. O resultado foi significativo: encontramos mais de meia centena de obras que tratam de analisar Jânio Quadros, dentre livros, teses, dissertações e artigos publicados por diversos autores e com as mais diferentes abordagens, escritos desde a década de 1950 até os dias de hoje. A partir destes materiais, procuramos distinguir os assuntos

apresentados, a fim de organizar os trabalhos, inicialmente, de acordo com a temática e o período no qual os seus autores se dedicaram a escrever.

Algo a se destacar é que grande parte dos autores aqui analisados escreveram entre as décadas de 2000 e 2010, o que evidencia grande interesse pela vida e trajetória política de Jânio na atualidade. Essas obras integram desde estudos sobre educação, luta de classes, origens do chamado “janismo”, política externa e propaganda política, até trabalhos voltados a análises econômicas, à ditadura militar e à imprensa, que, a despeito de sua substantiva relevância para a historiografia, não iremos despendar maiores atenções, sobretudo em razão dos diferentes recortes temporais e abordagens adotadas pelos autores.

Outra informação relevante sobre o recorte temporal é que, quase predominantemente, esses trabalhos acadêmicos estão ligados a dois momentos distantes temporal e politicamente: o primeiro deles, localizado na década de 1960, diz respeito à curta presidência de Jânio, ocorrida entre os meses de janeiro e agosto de 1961, em um cenário no qual ele crescera de forma tão intensa, que não chegou a ser derrotado por nenhum dos seus adversários nos pleitos que disputou desde 1947. O segundo momento que encontramos neste conjunto de trabalhos, por sua vez, dedica-se a um período posterior – a década de 1980, precisamente entre os anos de 1985 e 1988 – momento este em que Jânio Quadros foi eleito novamente prefeito da cidade de São Paulo.

Dentre as teses e dissertações analisadas, destacamos três delas que apresentam interessantes leituras acerca de Jânio Quadros, inserindo-se em um conjunto de autores que se dedicaram a analisar mais detalhadamente o político: a primeira delas é uma dissertação defendida em 1992, por Silvana Maria de Moura Walmsley, na qual a autora discute as origens do termo “janismo”¹⁴ na cidade de São Paulo, entre os anos de 1948 e 1953.

Vale frisar que o período analisado pela autora é extremamente importante para os nossos estudos, uma vez que é nele que observamos a consolidação do trabalho de Jânio na legislatura paulista, primeiramente como vereador e, posteriormente, deputado estadual. Visto que as bases do pensamento de Jânio em relação à sociedade serão aí definidas, percebemos o nascimento de uma nova forma de atuação política e social, estabelecida através do termo estudado por Walmsley (o janismo).

O segundo trabalho que merece destaque é a tese de doutoramento de Jefferson José Queler, defendida no ano de 2008 e que apresenta a construção da figura pública de Jânio a partir de uma instigante análise sobre o “mito” e a propaganda política em torno de sua

¹⁴ WALMSLEY, Silvana Maria de Moura. **Origens do Janismo**: São Paulo (1948-1953). 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

imagem.¹⁵ Para tanto, o autor toma como base a campanha para a presidência da República, iniciada em 1959 e consolidada, com êxito, nas eleições de outubro de 1960, que contou com a vitória de Jânio Quadros.

Ademais, Queler procura entender como o estudo das trajetórias individuais pode ser utilizado para se compreender diferentes questões da história política. É neste sentido que ele insere a figura de Jânio Quadros, tecendo críticas às produções que consideraram o político tão somente um demagogo, um populista ou, até mesmo, uma pessoa que sofria de problemas psicológicos.

Por fim, enfatizamos a dissertação de mestrado de Thiago Fidelis¹⁶, defendida no ano de 2013 e que analisa, a partir do periódico *O Estado de São Paulo*, a trajetória política de Jânio Quadros, desde a sua eleição como vereador, em 1947, até a sua vitória obtida para o cargo de governador de São Paulo, em 1954 (cuja posse ocorreu no início de 1955).

Para além das dissertações e da tese de Jefferson Queler, contamos com um vasto conjunto de livros formulados sobre Jânio Quadros, publicações estas ocorridas a partir da década de 1950 e que consistem em importantes materiais de referência para os trabalhos desenvolvidos mais recentemente. A respeito das publicações sobre o político, Thiago Fidelis afirma que houve um hiato na produção bibliográfica na qual Jânio era a personagem principal, sobretudo durante a ditadura militar:

O recrudescimento contra a oposição nos governos militares de Castelo Branco e Costa e Silva, culminando com o Ato Institucional nº 5 (AI-5) em 1968, ocasionou um forte cerco a vários pensadores, sendo que os estudos do período giraram em torno de temas ligados à política (sobretudo a institucional, relacionados também à organização social) no período anterior ao golpe militar, sobretudo a imagem de Jânio Quadros, diminuíram consideravelmente.¹⁷

Em relação às datas de publicação dos livros ao longo dos anos, as primeiras delas ocorreram ainda na década de 1950, sendo que em nosso levantamento encontramos três livros cujo objeto de estudo era Jânio Quadros: o primeiro deles fala sobre a rápida ascensão de Jânio no cenário político brasileiro, percorrendo desde a sua eleição para vereador até o

¹⁵ QUELER, Jefferson José. **Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública** (1959-1961). 349 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

¹⁶ FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal O Estado de São Paulo** (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013.

¹⁷ Ibid., p. 39.

início de sua campanha para a presidência; o segundo apresenta a figura de Jânio Quadros através de três diferentes autores, cada qual com as suas próprias interpretações sobre os seus feitos; por fim, o terceiro livro traz uma compilação daqueles que ficaram, popularmente, conhecidos como os “bilhetinhos” de Jânio, escritos durante o mandato de governador e cujo objetivo era transmitir ordens e despachos diretamente do político aos seus interlocutores, reduzindo, assim, a burocracia da máquina administrativa paulista, que, segundo Jânio afirmava, impedia que as decisões fossem tomadas de forma mais rápida e eficiente.

Na década seguinte, 1960, a produção sobre Jânio Quadros teve um importante crescimento, com um total de sete livros publicados. Observamos que este conjunto de produções versava, quase que predominantemente, sobre a presidência e o episódio da renúncia de Jânio, fato este que abalou a sociedade e deu início à crise política que seria confirmada em 1964, com a deposição de João Goulart e a instauração da ditadura no Brasil.

Quanto à década de 1970, percebemos uma redução na quantidade de livros publicados, sendo que encontramos somente três obras em nosso levantamento, duas delas focadas na renúncia de Jânio e a terceira sobre o desenvolvimentismo do país, através da análise das presidências de Juscelino Kubitschek (1956-1961) e do próprio Jânio Quadros (1961).¹⁸

A partir dos anos 1980 houve novo crescimento nas produções bibliográficas, sendo que encontramos mais sete livros publicados. Neste período, observamos que as temáticas acerca de nossa personagem passaram a adotar um teor mais biográfico. A existência de livros sobre a renúncia e a crise sucessória com ela deflagrada também marca este período, cuja produção foi renovada, acreditamos, graças ao retorno de Jânio Quadros à política, em 1982, quando concorreu para o cargo de governador de São Paulo.

Com relação a tal momento da história do Brasil, vale destacar, ainda, que o ano de 1982 é marcado pela realização das primeiras eleições diretas para os governos estaduais desde a década de 1960. A despeito de terem ocorrido ainda durante a ditadura militar, as eleições estaduais foram um passo importante para a redemocratização da política brasileira.

No estado de São Paulo, a disputa ocorreu entre Franco Montoro, Reynaldo de Barros e, após 21 anos afastado da política, Jânio Quadros, que tivera seus direitos políticos cassados pelo regime militar entre 1964 e 1974. O vencedor, contudo, foi Franco Montoro, que concorreu pelo PMDB. Em seguida vieram, em segundo e terceiro lugares, respectivamente, Reynaldo de Barros e Jânio Quadros (este último com cerca de 1,5 milhão de votos).

¹⁸ CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento** – Brasil: JK-JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

De volta à análise das produções bibliográficas, na década de 1990 encontramos o total de oito livros publicados, sendo que metade deles foi escrita por Nelson Valente, o autor que mais produziu sobre Jânio Quadros nos últimos anos. Com formação na área da comunicação, seus livros apresentam a trajetória política de Jânio ao longo de suas candidaturas, priorizando o evento da renúncia à presidência, em 1961, além de trazerem análises da atuação de Jânio Quadros, como o seu envolvimento com os diferentes grupos de eleitores e as suas estratégias para angariar votos.

Há que se destacar, de antemão, que nossa leitura sobre os livros de Valente encontrou algumas questões um tanto quanto curiosas, como o fato de o autor, por exemplo, repetir trechos idênticos em alguns de seus livros, como *Jânio de fio a pavio* (1996), *Jânio Quadros: face a face com a renúncia* (1997) e *Luz... câmera... Jânio Quadros em ação: o avesso da comunicação* (1998).

Também na década de 1990 temos um livro publicado no ano de 1991 e que foi o resultado da tese de doutorado em Ciência Política, defendida por Vera Lúcia Michalany Chaia, sob o título *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Ainda que a obra não seja da área de História, ela é uma das principais referências para os estudos sobre Jânio Quadros. Este fato se deve, dentre outros aspectos, à riqueza nos detalhes sobre a trajetória política de Jânio, desde o início de sua caminhada na política brasileira, em 1947, sendo-nos possível, destacá-la dentro de uma gama de publicações que tratam de Jânio a partir de uma abordagem mais biográfica. O período estudado pela autora encerra-se no ano de 1990, quando o político já não ocupa mais nenhum cargo público e anuncia, oficialmente, sua aposentadoria da política.

Em continuidade à nossa análise, a primeira década do século XXI fornece mais sete livros a respeito de Jânio Quadros, cujos enfoques são, novamente, sua renúncia, a trajetória política e aspectos de sua forma de governar, singulares na história brasileira. Há, neste âmbito, a construção de reflexões sobre a Política Externa Independente (PEI) adotada por Jânio e algumas comparações entre as carreiras políticas de Adhemar de Barros e Quadros, considerados dois dos principais políticos populistas de São Paulo, cada um à sua maneira, e que mobilizaram o eleitorado com o intuito de alcançarem as suas vitórias eleitorais quase que simultaneamente.

Chegamos, finalmente, ao limite temporal das produções bibliográficas por nós levantadas: a década de 2010. Para este período, encontramos apenas três livros dedicados a compreender o papel de Jânio Quadros na política do Brasil. Destes, dois deles foram escritos, novamente, por Nelson Valente, e ambos possuem, mais uma vez, trechos idênticos replicados,

como nas obras *A vida de Jânio em quadros* (1993), *Jânio da Silva Quadros: o estadista!* (2011) e, por fim, *Jânio Quadros: a vassoura em ação* (2016).

Ainda que o autor seja a pessoa que mais escreveu sobre Jânio Quadros, cabe-nos refletir sobre o intuito dessas publicações: será que a replicação de trechos integrais, em diferentes livros e décadas, é fruto do grande interesse do público leitor, do qual o autor se aproveitou para vender suas obras? Entendemos que, por ele ter escrito vários livros sobre o político, inclusive mais recentemente e alguns com mais de uma edição, existe, ainda hoje, um grande público interessado em compreender Jânio Quadros.

Ademais, existe grande interesse por parte dos autores em estudar mais sobre Jânio Quadros, o que pode ser explicado devido à mobilização que o político causava entre a população, construindo para si a imagem de uma figura libertadora e, até mesmo, de salvador nacional. Neste sentido, Jânio procurava se aproximar e se identificar com o público mais carente e trabalhador, ao menos em suas campanhas para vereador e deputado estadual, diferentemente das campanhas posteriores, para a prefeitura, governo estadual e presidência, em que teve de mobilizar outros setores, como a classe média, para consagrar suas vitórias.

Em vista da abordagem aqui adotada, não iremos nos deter nos livros que tratam, especificamente, de seu *marketing* político, ainda que essa temática possa aparecer em determinados momentos de nosso trabalho. Faremos, no transcorrer desse capítulo, uma discussão sobre o que já foi escrito sobre Jânio Quadros e, a partir de então, identificaremos os pontos em comum existentes entre as obras aqui exploradas.

Agrupando-se trabalhos dedicados a Jânio Quadros em linhagens específicas, encontramos três eixos principais a defini-los: o primeiro deles constitui-se de análises acerca do populismo de Jânio, cuja discussão sobre o termo apresentará, inclusive, abordagens sociológicas; o segundo refere-se a trabalhos que tratam de sua figura pessoal, incidindo preferencialmente sobre as discussões em torno de sua renúncia ao cargo de presidente do Brasil (tema este com a maior quantidade de materiais produzidos, de acordo com nosso levantamento); e, por fim, um terceiro eixo, composto de trabalhos dedicados à construção de sua figura pública, que predominantemente buscou problematizar as visões construídas de Jânio Quadros como louco, demagogo, mas também como Messias ou salvador.

Dessa forma, entendemos que o interesse dos autores por Jânio Quadros é recorrente, uma vez que se passaram décadas desde a sua primeira aparição na cena política e a existência de trabalhos sobre o político continua existindo na atualidade. A forma como Jânio impactou a política brasileira, sobretudo devido aos seus discursos em defesa da moralização da sociedade

e da administração pública, ainda hoje encontra adeptos e interessados, definindo estímulos a novos estudos sobre essa personagem.

Com este trabalho, não procuramos apenas realizar um levantamento das obras que falaram sobre Jânio Quadros. Procuramos, também, entender de que forma Jânio permaneceu sendo uma das personagens principais da política brasileira ao longo das décadas e sendo um exemplo para muitos outros políticos que se utilizaram e se utilizam dos discursos de combate à corrupção e à moralidade, angariando votos e seguidores por onde quer que passem.

Perpassamos, assim, aproximadamente sessenta anos de produção bibliográfica, sendo que, agora, podemos comentá-la a partir dos três principais eixos apresentados anteriormente: o debate em torno do populismo de Jânio Quadros, a construção de narrativas voltadas ao evento da renúncia à presidência (25 de agosto de 1961), de caráter mais biográfico, e, por fim, a construção de sua figura pública em meio à sociedade brasileira, que reclamava por melhorias sociais, econômicas e pelo combate à corrupção, nele enxergando uma espécie de salvador.

É preciso destacar, também, que os autores que se detiveram a escrever a respeito de Jânio através de uma perspectiva na qual o político era visto como populista apresentam uma riqueza maior nos detalhes da sua campanha à presidência, em detrimento de outros momentos de sua trajetória, como por exemplo a prefeitura e o governo de São Paulo, entre 1953 e 1954. Tais características podem ser melhor observadas como resultado de uma associação mais direta entre o termo “populista” e os esforços empreendidos neste momento de sua vida pública, quando o político buscou se relacionar com as diferentes parcelas da sociedade.

Entendemos, ainda, que a riqueza de detalhes desses trabalhos é decorrente, sobretudo, da magnitude e relevância que o cargo preterido por Jânio Quadros possuía, mas também pode ser o resultado da repercussão que a renúncia ganhou entre os estudiosos. O que podemos afirmar com mais certeza é que os livros aqui apresentados e analisados possibilitarão uma compreensão mais integral acerca de Jânio Quadros, a partir da distribuição em linhagens mais amplas sobre os diferentes vieses de apreensão e explicação.

A síntese dessa discussão poderá ser verificada ao final deste capítulo, no qual apresentaremos de que forma o nosso trabalho perspectiva uma nova abordagem a ser estabelecida, procurando entender como Jânio Quadros foi capaz de mobilizar o apoio a partir de discursos em que investia em si próprio como solução para os problemas internos e externos do país, configurado no diagnóstico que dele fazia – a presença da corrupção, da imoralidade e dos mandos e desmandos dos “velhos políticos”, inseridos, até então, na política brasileira.

Diferentes olhares sobre Jânio Quadros

Neste momento de nosso trabalho a intenção é traçar um panorama com relação às diferentes abordagens mencionadas anteriormente sobre Jânio Quadros, partindo-se de três aspectos que foram, no decorrer de nossas investigações, apontados como principais pelos autores: o primeiro deles diz respeito ao populismo de Jânio Quadros.

Para que consigamos entender mais acerca desse aspecto, primeiramente exploraremos o que representa o termo em si e, posteriormente, discutiremos como a sua atribuição a Jânio pode significar um aspecto negativo à sua imagem, sobretudo por conta dos usos do termo para o período, visto que Adhemar de Barros, o principal adversário político de Jânio, também era considerado populista.

O segundo leque de trabalhos que analisaremos reportam-se ao personalismo de Jânio Quadros, a partir do qual procuraremos explorar como a narrativa sobre a sua vida foi construída, e fundamentalmente como a questão de sua renúncia à presidência, em agosto de 1961, foi neste âmbito considerada. Com tais análises, notamos que o papel político de Jânio foi basicamente reduzido a apenas um momento de sua carreira, em que o político se encontrou impedido de governar por aquelas que ele mesmo designou como “forças terríveis”, acusadas, mas não expostas, em sua carta-renúncia.

Também percebemos que as interpretações sobre a renúncia de Jânio trazem duas principais linhagens: a primeira delas afirma que o ex-presidente renunciou por não ter apoio do Congresso Nacional, que o impossibilitava de colocar em prática as suas reformas administrativas; a segunda trata da renúncia de Jânio enquanto uma tentativa de golpe, com o intuito de voltar ao cargo com maiores poderes e com o apoio massivo da população e das Forças Armadas, o que explicaria o apelo a estes setores em sua carta-renúncia. Diante disso, sua volta ao cargo possibilitaria a renovação do Congresso e, conseqüentemente, a possibilidade de governar sem impedimentos. Existe, ainda, outra visão acerca da renúncia, a qual afirma que Jânio renunciou devido aos seus problemas psicológicos, no ímpeto de sua loucura, uma vez que ele era assim chamado pelos seus adversários políticos no intuito de ser desmoralizado, algo que será analisado com mais atenção nas páginas que seguem.

O terceiro e último conjunto de trabalhos se relaciona à perspectiva da apreensão de Jânio pelo viés do populismo, cuja perspectiva engloba obras que trataram da construção de sua figura pública ao longo dos anos, com destaque para os seus gestos, discursos e a busca de sua identificação com a população.

Esta perspectiva é muito bem explorada na tese de doutoramento proposta por Jefferson Queler, em que o autor observa os limites da propaganda política feita por Jânio e, em paralelo, como a população o responsabilizava por salvar o país do descalabro que os outros políticos o haviam deixado. Jânio parecia ser visto como salvador da pátria, que contava com o apoio da população, mas, sem necessariamente manipulá-la, tal como enfatiza uma das interpretações elaboradas acerca do político.

Um debate em torno do populismo

A primeira linhagem de trabalhos, que conta com o maior índice de produção ao longo dos anos, constitui-se de abordagens do populismo atribuído a Jânio Quadros, abordagens estas incidentes, sobretudo, a respeito de sua campanha à presidência da República, ocorrida entre os anos de 1959 e 1960. O interesse mais amplo evidenciado acerca deste período da carreira de Jânio pode ser explicado, dentre outros motivos, à grande relevância do cargo por ele pleiteado, além da mobilização de um eleitorado nunca antes visto na história do Brasil.

No entanto, para que possamos melhor compreender esses trabalhos, precisamos fazer, inicialmente, uma exploração em relação à prática do populismo e, no caso aqui em destaque, acerca de sua incidência ao longo dos anos de 1950 e 1960. Para concretizarmos essa tarefa, analisaremos se, já nas primeiras campanhas feitas pelo político, era possível notar a existência dessas características sobre o populismo, e como elas foram percebidas e apontadas pelos estudiosos, em especial, na campanha para a presidência.

No *Dicionário de Política*¹⁹ organizado por Bobbio, Matteucci e Pasquino, observamos uma vasta definição do verbete “populismo”. Como nosso intuito não é transcrever o texto de forma integral, observaremos algumas das definições de populismo apresentadas no dicionário e que serão essenciais para a melhor compreensão e crítica aos trabalhos aqui elencados, especialmente àqueles que indicam Jânio Quadros como líder populista.

De acordo com os autores do *Dicionário*, podemos definir, enquanto populistas, “[...] as fórmulas políticas cuja fonte principal de inspiração e termo constante de referência é o povo, considerado como agregado social homogêneo e como exclusivo depositário de valores

¹⁹ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11 ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

positivos, específicos e permanentes.”.²⁰ A partir dessa referência, percebemos que o populismo busca encontrar suas bases no povo. É importante questionar, por sua vez, quem é este “povo” mencionado pelos autores: pode ser tanto a população rural, quanto a urbana, e que acabam por se identificar com uma liderança carismática. Como podemos ver no verbete do *Dicionário*, “Na realidade concreta dos vários sistemas populistas, [o populismo] ressaltava sempre uma *leadership*²¹ de tipo carismático e a formação de uma elite de ‘iluminados’, de intérpretes quase sagrados da vontade e do espírito do povo.”.²²

O líder populista, portanto, deve exercer um papel de proeminência em relação à população, utilizando-se do carisma, conceito discutido pelo sociólogo Max Weber, para apresentar uma forma singular de poder, cujo objetivo principal é se tornar o intérprete da vontade popular. De acordo com esse entendimento, o conceito clássico de carisma implica:

[...] a existência dos **líderes**, cuja autoridade se baseia, não no caráter, sagrado de uma tradição nem da legalidade ou racionalidade de uma função, mas num **dom**, isto é, na capacidade extraordinária que eles possuem. Estes dons excepcionais se impõem como tais no anúncio e realização de uma missão de caráter religioso, político, bélico, filantrópico, etc. Aqueles que reconhecem este **dom**, reconhecem igualmente o **dever** de seguir o chefe carismático, a quem obedecem segundo as regras que ele dita, em virtude da própria credibilidade do Carisma e não em virtude de pressões ou de cálculo. Mais, a influência do Carisma nasce e perdura, se a missão é deveras cumprida, isto é, se oferece provas eficazes e úteis, capazes de robustecer a fé dos sequazes. Toda a expressão do processo carismático, as novas regras, a força, as provas que demonstram a legitimidade do Carisma e da missão se colocam, de modo revolucionário em relação à situação institucionalizada, mediante uma experiência social que exige **conversão** (metanoia) nas atitudes e comportamento dos sequazes, como do próprio chefe. Assim esboçada, a situação carismática é, ao mesmo tempo, forte e lábil. Seus limites se vão configurando à medida que surge a conveniência de dar uma estrutura permanente, formalmente organizada, ao papel do chefe, dos sequazes e sucessores.²³

É dessa referência que muitos dos autores se alimentaram, ainda que indiretamente, para suas interpretações: a partir de uma liderança carismática exercida por parte de Jânio Quadros, na qual o político foi capaz de alicerçar o seu eleitorado, inicialmente vindo de camadas mais pobres do estado de São Paulo, que já haviam vivenciado seus mandatos anteriormente (como vereador, deputado estadual, prefeito e governador). A partir disso, Jânio também se viu

²⁰ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11 ed. Brasília: Editora UNB, p. 980.

²¹ *Leadership*: liderança.

²² BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, op. cit., p. 983.

²³ *Ibid.*, p. 149. (Grifos dos autores).

apoiado por grandes empresários de classes mais elevadas para a disputa da presidência, em uma alteração no apoio inicial que lhe foi concebido para a campanha.

Dessa forma, pode-se entender que o carisma de um líder político, responsável por “conquistar” o eleitor, ocorre devido à credibilidade que ele mesmo obtém em consequência de seu trabalho desempenhado em outros momentos de sua carreira. Ou seja, ao cumprir as suas promessas e melhorar as condições sociais, políticas e econômicas da sociedade, por exemplo em nível municipal ou estadual, tal qual Jânio divulgou em suas campanhas para prefeito e governador, o líder carismático dá o seu “cartão de visitas” ao eleitorado brasileiro, possibilitando a conquista de um maior apoio a partir da adesão dessas pessoas às suas ideias.

Jânio também desenvolveu, à parte do carisma, uma imagem pautada em atributos como a honestidade, o trabalho e a moralidade, os quais eram transpostos ao exercício de seus cargos políticos. Ele buscava representar, portanto, o próprio modelo de eficiência na administração pública, sendo esta uma de suas estratégias para alcançar cargos de maior relevância.

Como vimos até aqui, se existem provas concretas de que Jânio solucionou muitos dos problemas existentes em São Paulo (e as principais delas são os relatos e o apoio do próprio eleitorado paulista), o exemplo da eficiência em torno de si é transposto para um cenário mais amplo, até mesmo como uma esperança reverberada para o Brasil, agregando o apoio em torno de sua figura, como dissemos, carismática.

O cientista político Francisco Weffort nos apresenta alguns pontos essenciais do populismo na política brasileira ao afirmar, sobre o populismo, os seguintes termos:

[...] como estilo de governo, sempre sensível às pressões populares, ou como política de massas, que buscava conduzir, manipulando suas aspirações, [o populismo] só pode ser compreendido no contexto do processo de crise política e de desenvolvimento econômico que se abre com a revolução de 1930. Foi a expressão do período de crise da oligarquia e do liberalismo, sempre muito afins na história brasileira, e do processo de democratização do Estado que, por sua vez, teve que apoiar-se sempre em algum tipo de autoritarismo, seja o autoritarismo institucional da ditadura Vargas (1937-45), seja o autoritarismo paternalista ou carismático dos líderes de massas da democracia do pós-guerra (1945-64). [...] E foi sobretudo a expressão mais completa da emergência das classes populares no bojo do desenvolvimento urbano e industrial verificado nestes decênios e da necessidade, sentida por alguns dos novos grupos dominantes, de incorporação das massas ao jogo político.²⁴

Considerado por muitos como uma forma de manipulação e subjogação do eleitorado, o populismo, contudo, vai além dessa definição. Ele não considera os sujeitos influenciados

²⁴ WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 61.

pelos políticos populistas apenas como passivos, mas os coloca, também, enquanto representantes dos problemas e das questões nacionais. Weffort, neste sentido, complementa:

[...] o populismo é algo mais complicado que a mera manipulação e sua complexidade política não faz mais que ressaltar a complexidade das condições históricas em que se forma. O populismo foi um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares, mas foi também um modo de expressão de suas insatisfações.²⁵

Com relação ao surgimento do populismo, os autores do *Dicionário* afirmam: “[...] as fórmulas populistas renascem, sempre que ocorre uma rápida mobilização de vastos setores sociais, uma politização à margem dos canais institucionais existentes.”²⁶ Muitas vezes visto como um Messias, o líder populista pode se manifestar nas mais distintas sociedades, sejam elas mais conservadoras, ou progressistas, mais autoritárias, ou liberais, mais humildes, ou abastadas, como podemos analisar no trecho a seguir:

O apelo à força regeneradora do mito – e o mito do povo é o mais fascinante e obscuro ao mesmo tempo, o mais imotivado e o mais funcional na luta pelo poder político – está latente mesmo na sociedade mais articulada e complexa, para além da sistematização pluralista, pronto a materializar-se, de um instante para o outro, nos momentos de crise.²⁷

A situação política vivenciada no Brasil, à época das eleições de Jânio Quadros (desde a Câmara municipal até o executivo nacional), está inserida na chamada República Populista, período compreendido entre os anos de 1945 e 1964. Com relação aos presidentes eleitos nesses quase vinte anos, temos: Eurico Dutra (1946-1951), Getúlio Vargas (1951-1954, não tendo cumprido seu mandato ao ter se suicidado), Juscelino Kubitschek (1956-1961) e Jânio Quadros, que governou entre 31 de janeiro e 25 de agosto de 1961.

Neste período houve grande instabilidade política, sobretudo no momento do suicídio de Getúlio Vargas e na renúncia de Jânio Quadros, fatos estes que causariam um grave problema na sucessão presidencial, uma vez que, no caso deste último, o vice João Goulart (Jango) era visto com maus olhos por pertencer a uma ala mais trabalhista da política brasileira e por ser acusado, por seus adversários, de estar ligado ao comunismo.

²⁵ WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 62.

²⁶ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11 ed. Brasília: Editora UNB, 1998, p. 985.

²⁷ Ibid., p. 986.

Em um interessante artigo escrito por José Szwako e Ramon Araujo²⁸ acerca do conceito de populismo no debate sobre os movimentos sociais, os autores entendem que:

A concepção de populismo que atravessa os textos de Weffort da década de 1960 está alinhada pelo par “crise de hegemonia” e “política de massa”. Bem ao modo de *O 18 Brumário*, desde o varguismo, a dupla incapacidade política, tanto burguesa quanto proletária – de dominar politicamente as demais classes ou de se contrapor à dominação burguesa –, teria tido como efeito a subordinação e a adesão das massas populares, então recém-urbanizadas, a um chefe.²⁹

A concepção apresentada pelos autores, sintetizando algumas ideias de Francisco Weffort que foram elaboradas durante a década de 1960, parece nos direcionar à compreensão de que o líder populista apareceria como um instrumento para a dominação das massas, uma vez que nem a burguesia, nem o proletariado, teriam a capacidade de dominá-las politicamente.

Explicitados tais pontos no que diz respeito ao populismo, gostaríamos ainda de deixar uma reflexão do historiador Jorge Ferreira, do qual temos uma síntese e, ao mesmo tempo, uma indagação acerca do que é ser populista. Essa compreensão deve acontecer em meio a um cenário mais amplo, no qual possamos perceber de que maneiras as massas populares se relacionam com os políticos e, no caso brasileiro, como esta associação entre o líder e seus “subordinados” é representativa de um cenário marcado por graves crises políticas, tal como foi o cenário brasileiro das décadas de 1950 e 1960. Como bem elucida Jorge Ferreira:

Mas, afinal, quem são os populistas? Difícil saber, pois depende do lugar político em que o personagem que acusa se encontra. Para os conservadores, populismo é o passado político brasileiro, são políticas públicas que garantem os direitos sociais dos trabalhadores, são modelos de economia e de sociedade que, na Europa Ocidental, ficaram conhecidos como Estado de Bem-Estar Social; outros, talvez, diriam que populista é aquele que, diante dos pobres, diz que ser rico é chato. O populista, portanto, é o adversário, o concorrente, o desafeto. O populista é o Outro. Trata-se de uma questão eminentemente política e, muito possivelmente, político-partidária, que poderia ser enunciada da seguinte maneira: o meu candidato, o meu partido, a minha proposta política não são populistas, mas o teu candidato, o teu partido e a tua proposta política, estes, sim, são populistas. Populista é sempre o Outro, nunca o Mesmo.³⁰

²⁸ SZWAKO, José; ARAUJO, Ramon. Quando novos conceitos entraram em cena: história intelectual do “populismo” e sua influência na gênese do debate brasileiro sobre movimentos sociais. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 67, p. 469-499, maio 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862019000200469&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2020.

²⁹ Ibid., p. 476.

³⁰ FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In.: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 124. (Grifos do autor).

É a partir de tais concepções em torno do populismo e de uma análise mais detalhada das obras que definiram Jânio Quadros como populista, que verificaremos como foi construída essa abordagem e, também, de que forma podemos perceber as semelhanças e diferenças acerca das narrativas elaboradas pelos autores neste diapasão.

Sob o crivo de um conceito ou Jânio populista

No tópico anterior exploramos o conceito de populismo, uma vez que sua adoção é notória em diversos livros que tratam da figura de Jânio Quadros. Nessa direção, partiremos agora para a análise de alguns dos autores que se apropriaram, ainda que indiretamente, desse conceito. Tal exercício é fundamental para que notemos as significações dadas pelos autores aos termos “populismo” e “populista”, o que contribuirá para traçarmos um perfil da abordagem de Jânio Quadros enquanto líder de massas e, ao mesmo tempo, como essa imagem foi sendo construída ao longo dos anos.

É importante analisar, inicialmente, algumas discussões levantadas pelo jornalista Nelson Valente, que, como dito anteriormente, publicou diversas obras sobre Jânio Quadros. Também iremos problematizar a quantidade de suas publicações e de que maneira elas podem ter sido produzidas com o intuito principal de atender a uma demanda comercial específica sobre Jânio Quadros.

Para tanto, tivemos acesso a oito livros escritos por Nelson Valente, cujo assunto é a trajetória política de Jânio Quadros, além de análises das estratégias de comunicação por ele utilizadas. Os livros analisados foram os seguintes: *A vida de Jânio em quadros* (1993), *Jânio de fio a pavio* (1996), *Jânio Quadros face a face com a renúncia* (1997), *Luz... câmera... Jânio Quadros em ação: o avesso da comunicação* (1998), *Jânio Quadros: fi-lo porque quis* (2002), *Jânio da Silva Quadros: crônicas de uma renúncia anunciada* (2007), *Jânio Quadros: o estadista!* (2011) e, por fim, *Jânio Quadros: a vassoura em ação* (2016).

O primeiro ponto que acreditamos ser interessante destacar é o tom, um tanto quanto cômico, evidenciado nos títulos dados pelo autor. Valente se utiliza de alguns trocadilhos, frases de efeito e até da associação com um dos principais símbolos janistas, a vassoura, para estampar a capa de suas obras. Outra característica é que os livros são de fácil leitura, tanto para o público acadêmico, quanto para o mais leigo, uma vez que os assuntos abordados pelo autor acabam se tornando recorrentes. Ao analisarmos, portanto, os trabalhos de Nelson Valente, entendemos

que não houve nenhuma novidade entre os seus livros publicados, sendo que os mesmos assuntos se repetem com insistente frequência.

No que diz respeito, propriamente, ao populismo de Jânio Quadros, o autor tem muito claro o seu ponto de vista. Sobre o político, Nelson Valente pondera: “Um populista de muito sucesso. É assim que eu defino o ex-Presidente Jânio da Silva Quadros, no entanto, observo que o populismo janista sempre se diferenciou dos demais populismos.”³¹ O populismo de Jânio, segundo o autor, seria diferente de outros populismos, uma vez que o político não se ligava a partidos, ou seja, não se submetia aos mandos e desmandos dos grandes grupos partidários. Como o autor destaca acerca dessa característica:

A fraqueza da organização partidária, em contraste com o carisma da personalidade do líder, é uma das características definidoras do populismo. Mas Jânio, neste aspecto, foi muito mais longe que outros grandes políticos do estilo populista. [...] O nome de Jânio não se liga a nenhum partido. Tomou-os como simples legenda eleitoral, abandonando-os sem nenhuma cerimônia tão logo chegava ao poder. Além disso, outro fator diferenciador do ex-Presidente é que Jânio, em lugar da retórica redistributivista, clientelista ou nacionalista, explorou a retórica “moralista”, centrada na denúncia da corrupção e da “vagabundagem” dos funcionários públicos. Outro aspecto abordado é que, entre os líderes populistas, foi o mais inconsistente ideologicamente, aproximando-se dos comunistas e dos nacionalistas em algumas ocasiões e dos liberais da UDN em outras.³²

No excerto anterior, Valente descreve um pouco da ideologia de Jânio Quadros, ressaltando as suas aproximações ora com os comunistas, ora com os mais conservadores, sem necessariamente se tornar fiel a quaisquer destes grupos. Fato é que, nesse movimento, Jânio procurou se consolidar através do apoio político que lhe fosse mais conveniente.

Nelson Valente também descreve, detalhadamente, o populismo de Jânio Quadros, ao afirmar que o político era um populista de sucesso, apresentando-nos diferenças em relação às outras interpretações acerca do termo:

Muito do sucesso de Jânio Quadros se deve a seu estilo pessoal. Sempre teve grande capacidade teatral, um senso muito aguçado para reconhecer a dimensão da expectativa do povo brasileiro e imensa habilidade na manipulação de sentimentos e emoções. Já na década de 50, Jânio emprega o *marketing* político muito bem.³³

³¹ VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros: o estadista!** São Paulo: EDICON, 2011, p. 403.

³² Id., 2016, p. 231.

³³ VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros: fi-lo porque quis.** São Paulo: O Artífice, 2002, p. 143.

Se o populismo, como vimos anteriormente, é um termo utilizado para designar uma liderança carismática, que, a partir da sua percepção dos problemas da sociedade, desenvolve um papel de proeminência, normalmente surgindo em momentos de crise política, o que vislumbramos em Valente é a criação de uma espécie de categoria à parte – o populismo janista, que, de acordo com o autor, representaria uma atuação teatral utilizada por Jânio para cativar o seu eleitorado, passível de suas manipulações.

Ademais, Valente atribui à figura de Jânio Quadros o uso do *marketing* político, que contribuiu para que o político cooptasse o máximo de eleitores possível por meio da manipulação dos seus sentimentos. Nesse sentido, Valente afirma que Jânio “[...] exercia grande fascinação nas massas. Seu método de comunicação era singular. Magro, desalinhado, sua figura sofredora correspondia à imagem do povo sofredor.”³⁴

A partir do que podemos expor sobre Nelson Valente, a noção de “populismo janista” presente em seus textos está mais ligada à questão do *marketing* político, ou seja, da associação de gestos, discursos e ações para a manipulação das massas, do que propriamente à ideia de uma liderança carismática, como vimos nas definições anteriores de Weber e no verbete do *Dicionário de Política*.

As definições dadas por Valente, portanto, estão mais direcionadas para a área da comunicação, área na qual o autor possui formação. De toda forma, tais definições são importantes para entendermos a figura populista de Jânio Quadros delineada em suas obras, uma vez que o autor ainda afirma, a respeito de Jânio: “Elegia-se pela via populista e governava pragmaticamente, e seus eleitores não se sentiam frustrados, pois Jânio sabia conciliar os interesses de todas as classes, tornando-se cada vez mais respeitado.”³⁵

Outra autora que produz uma obra na qual Jânio é apresentado como populista é a socióloga Maria Victoria Benevides, em seu livro *O governo Jânio Quadros*. Apresentando-nos seu olhar sobre o político, Benevides considera que o populismo de Jânio Quadros se confirma nos traços de autoritarismo da direita política. Neste sentido, a autora diferencia-se de Nelson Valente quanto à significação atribuída ao termo populismo. Enquanto Valente dá maior enfoque à teatralidade de Jânio, fruto de seu *marketing* político, Benevides afirma que o político, apesar de apresentado como um dos principais exemplos de político carismático, “[...] teve apenas a caricatura do carisma, ou seja, o talento histriônico, a facilidade para a adesão

³⁴ VALENTE, Nelson. **Jânio da Silva Quadros**: crônica de uma renúncia anunciada. 1. ed. São Paulo: Intermedial Editora, 2007, p. 286.

³⁵ Id., 1993, p. 14.

epidérmica, populista no pior sentido da palavra, da manipulação e do autoritarismo.”.³⁶ Benevides, dessa forma, associa Jânio à forma autoritária do populismo, uma vez que o político estaria consciente do seu papel de manipulador e desprezava a legalidade política. Ela ainda complementa:

O estilo autoritário, moralista e extremamente personificado de Jânio Quadros evocava um “populismo de direita” - militarista, antiparlamentar e associado ao grande capital - o qual, dirigido “a todas as classes, ao conjunto da nação”, terminava por diluir o próprio significado de povo e de massa. Como indica Francisco Weffort [...] Jânio Quadros significava não apenas a falência do sistema partidário, como o populismo levado à sua contradição mais extrema e que se volta contra si próprio.³⁷

É de se destacar, ademais, que a autora discute apenas o governo presidencial de Jânio Quadros, deixando de analisar os seus mandatos anteriores, o que nos permite constatar que as análises que mais se dedicaram a falar de Jânio enquanto populista dizem respeito ao seu mandato como presidente do Brasil, e é nesta seara que a análise de Maria Victoria Benevides se insere; outro ponto é que, ao tratar Jânio Quadros como populista, a autora o define enquanto sujeito ativo no processo de manipulação das massas, descaracterizando o grande apoio popular por ele obtido e evidenciado ao longo de suas campanhas (como poderemos observar com o trabalho de Jefferson Queler), cujo papel é ressaltado por outros autores, por exemplo, o próprio Nelson Valente. O terceiro ponto a destacar, e para o qual a autora parece alertar, é a tendência de Jânio Quadros ao autoritarismo e o desprezo que o político nutria pelas instituições, principalmente o Congresso Nacional.³⁸

Sendo assim, podemos admitir que a visão de Benevides acerca de Jânio Quadros populista é, sem dúvida, uma visão na qual o político estava consciente de seus gestos e atos, sendo que um dos principais motivos de ele agir autoritariamente seria sua própria índole autoritária. A autora conclui sua obra com esta passagem, que sintetiza seu pensamento:

O mais importante é entender que o império da vassoura preparou o caminho para o domínio da espada. [...] Assim, o governo Quadros teria contribuído decisivamente para reforçar o papel “avalista” das Forças Armadas, na linha seguida após 64, e na antiga lição dos liberais em descaminho, de que “fora do Exército não há salvação”.³⁹

³⁶ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 8.

³⁷ Ibid., p. 9.

³⁸ Ibid., p. 11.

³⁹ Ibid., p. 80-82.

Adiante com nossas análises, destacamos o livro escrito pelo jornalista Ricardo Arnt, intitulado *Jânio Quadros: O Prometeu de Vila Maria*. A primeira observação sobre o livro diz respeito ao termo “Prometeu”, utilizado logo no título de sua obra. Remetendo ao mito do herói grego Prometeu, o autor nos apresenta Jânio Quadros como o próprio herói de Vila Maria, bairro de origem mais carente da cidade de São Paulo e considerado o “reduto” janista. A partir dessa analogia, a figura do político representaria, tal qual o herói grego, a luta de um homem simples contra as injustiças causadas por um poder superior.

No entendimento do autor, em prol da humanidade, Jânio, assim como Prometeu, enfrentaria as penas por ser o representante dos mais pobres: enquanto o herói grego fora acorrentado em um penhasco, no qual uma águia devorava o seu fígado durante o dia, mas o mesmo se regeneraria durante a noite, para, no dia seguinte, ocorrer a mesma situação, e assim sucessivamente, Jânio seria o herói brasileiro, que lutava, incessantemente, contra o poder dos grandes políticos e da corrupção existente na sociedade, dia após dia.

Tal perspectiva parece apresentar Jânio enquanto o político que faria de tudo para salvar a população brasileira, sacrificando-se e sofrendo o quanto fosse necessário para estender os seus próprios ideais de moralidade, combate à corrupção e de modernidade para toda a nação. No início do livro, Arnt traça o perfil de Jânio a partir de duas distintas visões: a dos mais pobres, onde o político seria uma espécie de salvador, e a dos mais ricos, onde ele seria apenas um erudito sem maior importância. De acordo com o autor:

Para os desvalidos, Jânio era o líder sábio e articulado, o mestre da linguagem virtuosa, capaz de defendê-los à altura de suas ilusões e esperanças desmedidas num mundo de políticos espertos que advogavam em causa própria. Já para os ricos e cultos, Jânio não passava de um professor de ginásio provinciano cujo beletismo arcaico exprimia apenas um pedantismo ridículo.⁴⁰

A descrição apresentada pelo autor revela algumas especificidades de sua interpretação e apreensão de Jânio Quadros. Com relação aos contornos do seu Jânio populista, é importante ter em mente que Arnt não atribui o apoio popular conquistado por Jânio ao fato dele ser um demagogo:

Só uma crítica ressentida pode atribuir sua complexa popularidade à manipulação demagógica ou à vitória da forma sobre o conteúdo. Ninguém chega a presidente da República sem levar-se e ser levado a sério. Seu carisma, seus mandatos na prefeitura e no governo de São Paulo e suas propostas

⁴⁰ ARNT, Ricardo. *Jânio Quadros: O Prometeu de Vila Maria*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 12-13.

empolgaram eleitores de todas as origens e condições sociais, levando-o à Presidência da República na eleição mais democrática do país até então. Jânio tornou-se um fenômeno pelas suas virtudes e pagou caro por seus vícios.⁴¹

Especificamente sobre o populismo de Jânio, Arnt considera que este era diferente e mais responsável do que aquele dos políticos seus contemporâneos, por Jânio ser o “[...] defensor do trabalho, da meritocracia, do saneamento administrativo e da austeridade orçamentária. Enquanto os ademaristas praticavam o ‘quem não chora não mama’, os janistas foram precursores da responsabilidade fiscal.”⁴²

Ao considerar tais características, vemos Arnt situar o populismo de Jânio a partir da alcunha “janista”, adotada para indicar o aspecto de manipulação das massas populares. Neste sentido, entendemos que Arnt concorda com Maria Victoria Benevides, uma vez que atribui a imagem de manipulador a Jânio Quadros, desconsiderando o apoio consciente prestado pelo seu eleitorado.

No que se refere ao termo “janista” ou, ainda, “janismo”, Silvana Walmsley, a partir de vasta análise, caracteriza o termo utilizado por Arnt como representante de “[...] uma corrente vinculada aos trabalhadores, assalariados ou não, que, no entanto, conseguiu se expandir e empolgar parcelas mais amplas da população.”⁴³

Walmsley indica, como origem do termo, a atuação de Jânio em relação aos problemas da população, atuação esta considerada eficiente pelos seus eleitores, o que lhe proporcionou ainda mais apoio. A autora, no entanto, não atribui ao político a característica de manipulador das massas, como visto em outras interpretações, ainda que ressalte o teor autoritário de Jânio:

No projeto de Jânio Quadros deste período, portanto, podemos reconhecer alguns dos elementos que o tornavam popular: em primeiro lugar, o apelo a valores de economia moral, que pareciam obter grande ressonância entre os trabalhadores e outros segmentos sociais marginalizados e também a denúncia das injustiças que a desigualdade social estabelecia e a igualdade formal não evitava.

Já transparecem também, no seu discurso, traços do autoritarismo que o notabilizaria nos períodos posteriores de sua carreira: a grande ênfase dada ao Estado, como promotor da justiça e do desenvolvimento nacional, que, para ele, seriam as chaves para a promoção do bem-comum. O Estado dos discursos

⁴¹ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros: O Prometeu de Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 16-17.

⁴² Ibid., p. 27.

⁴³ WALMSLEY, Silvana Maria de Moura. **Origens do Janismo**: São Paulo (1948-1953). 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992, p. 37-38.

de Jânio deveria ser o Estado benfeitor, impessoal, que expulsasse os inimigos comuns, varresse a corrupção e colocasse cada coisa em seu lugar.⁴⁴

A perspectiva adotada por Walmsley difere de Arnt, sobretudo, porque a autora não considera que exista a característica da manipulação das massas em Jânio, ainda que suas ideias acerca do autoritarismo os aproximem. Walmsley, portanto, considera o populismo de Jânio mais voltado ao autoritarismo, sendo o janismo uma expressão associada a esse aspecto. Retomando ainda uma passagem de Arnt, em que podemos notar essa aproximação com Walmsley, vemos:

Jânio foi antidemagogo e demagogo, estatizante e liberal, moderno e reacionário, moralista e fisiológico, nacionalista e favorável ao capital estrangeiro, anti-imperialista e subimperialista, esquerdista e conservador, sem que se possa dizer, a rigor, que mudou de posição. Só nunca deixou de ser autoritário. Levou a ambiguidade até o fim e, não por acaso, morreu acusado de ter invertido valores e abandonado o janismo autêntico.⁴⁵

Outra análise sobre o populismo de Jânio Quadros pode ser verificada na dissertação de Thiago Fidelis, que estudou as publicações do periódico *O Estado de São Paulo* entre 1947 e 1955, período este que compreende, respectivamente, a eleição de Jânio para vereador e sua posse como governador de São Paulo. Ao buscar a compreensão do cenário político paulista no pós-Estado Novo (1937-1945), Fidelis considera a construção da figura política de Jânio Quadros, além de suas escolhas políticas e formas de administração. Ademais, o autor compara o discurso de Jânio com aquele presente no periódico, o qual revela características notórias da sociedade dos anos 1940 e 1950. Ao tratar mais detalhadamente de Jânio Quadros, Fidelis afirma:

[...] sua trajetória é ligada, no início, a embates contra os ditos populistas, sobretudo ao considerado seu grande arquirrival: Adhemar de Barros. Em seus cargos legislativos (vereador e deputado estadual), Jânio fizera oposição ferrenha tanto a Adhemar quanto ao seu sucessor, o engenheiro Lucas Garcez. No entanto, ao chegar à prefeitura e, posteriormente, ao governo, Jânio passou a ser apontado também como um populista, pois possuía algumas características próximas aos líderes políticos que tanto combatera, tais como: grande proximidade com a população, promessas que não eram consideradas possíveis de serem realizadas, desvalorização das instituições públicas, etc. No entanto, a trajetória de Jânio difere da trajetória de qualquer político dito populista, uma vez que, entre outros aspectos, Jânio nunca teve ligação com um grupo político específico, nem negociava apoios políticos com trocas de cargos (pelo menos não aparentemente); assim, embora a aproximação do

⁴⁴ WALMSLEY, Silvana Maria de Moura. **Origens do Janismo**: São Paulo (1948-1953). 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992, p. 44.

⁴⁵ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros**: O Prometeu de Vila Maria. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 25.

político com a população fosse bastante evidente, seus métodos eram distintos dos métodos populistas.⁴⁶

Nesse trecho, o autor distingue Jânio de outros políticos considerados populistas, sobretudo Adhemar de Barros. Para tanto, ele afirma que Jânio não possuía ligações com partidos políticos e que não estava associado às negociações de cargos até então existentes. Fidelis deixa evidente que a grande aproximação popular ao redor de Jânio não seria fruto do populismo, ao menos não o populismo que ele descreve como existente naquela época. Isto nos faz questionar se, de alguma forma, Fidelis discorda dos autores que atribuem tal categoria a Jânio, como os aqui citados anteriormente, ou se, em sua análise, ele privilegia uma visão oposta ao próprio periódico por ele analisado, na qual ele percebe a alcunha dada a Jânio de populista.

O entendimento do autor pode ser visto no seguinte trecho de sua narrativa, no qual percebemos mais explicitamente a sua visão de que a manipulação de massas, aspecto essencial no populismo, segundo Fidelis, não existiu. Assim, o autor coloca Jânio em uma posição distinta no que se refere às interpretações sobre o populismo daquele período:

É necessário frisar que a questão central da relação entre líder e massas dentro do populismo, que é a manipulação, não ocorreu, necessariamente, nesse caso: não havia nada que Jânio dissesse que ele já não tinha feito (pelo menos era assim que parecia à população), pois sua ascensão política era bastante recente e aquelas pessoas tinham essas referências (se ele continuaria trabalhando dessa forma como prefeito já é um outro aspecto, que só poderia ser discutido posteriormente).

Fidelis também afirma que o grande apoio popular dado a Jânio seria reflexo de seus mandatos no Legislativo do estado de São Paulo, os quais representariam excelentes referências para a continuidade de sua vida na política, a partir de então no Executivo (municipal, estadual e, por fim, nacional). Entendemos, dessa forma, que Thiago Fidelis não considera Jânio Quadros populista, sobretudo quando o político é comparado a outros candidatos do período.

O último autor que analisaremos para explorar a apreensão de Jânio sob o qualificativo “populista” é Jefferson Queler, que, em sua tese de doutorado, explora a construção da figura pública de Jânio Quadros a partir da campanha para a presidência da República, entre 1959 e 1960. Além disso, o autor ainda apresenta algumas das interpretações que definem Jânio Quadros como populista, problematizando a adoção deste termo:

⁴⁶ FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão**: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal *O Estado de São Paulo* (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013, p. 22.

De acordo com a historiografia - numa posição similar quando comparada a posições comumente veiculadas pela memória coletiva -, o personalismo dele poderia ser apontado como o principal fator para explicar sua força política, e a propaganda política ajudaria a construir seu prestígio de forma enganosa. Tal ponto de vista pressupõe que o eleitorado brasileiro era passivo e ingênuo, sendo facilmente manipulado por demagogos, o que é uma interpretação clássica para a política na América Latina como um todo, sob a capa do conceito de populismo.⁴⁷

No excerto, o autor questiona as interpretações existentes sobre o populismo de Jânio, uma vez que a expressão acaba por definir o eleitorado brasileiro como passivo e ingênuo, imagem esta que Queler desconstrói em sua tese. O autor também considera que o político mobilizava o apoio popular não graças à manipulação das massas, característica presente em outras interpretações, mas que ele representava, para a população, uma real possibilidade de melhoria através de sua própria figura combativa das desigualdades e da corrupção.

Os argumentos desenvolvidos por Queler, no transcorrer de suas páginas, confrontam a ideia de que Jânio seria apenas um manipulador das massas. Ele atribui, à figura do político, muito mais do que uma categoria como o populismo poderia designar, como podemos evidenciar na passagem a seguir:

[...] teriam a propaganda associada à sua figura e seu personalismo, de fato, exercido influência tão avassaladora no que seria a mistificação de sua imagem, a ponto de ludibriar o eleitorado e o restante da população, como aponta a historiografia em compasso com as posições de muitos dos adversários e inimigos dele naquele momento? Ou, considerando a possibilidade de abandonar a categoria de populismo, [...] seria concebível a participação de sujeitos políticos e sociais na conformação e promoção da imagem pública de JQ?

Uma série de documentos permite a apreciação desta última hipótese, compreendendo desde discursos políticos, memórias, entrevistas, a organização da propaganda e o próprio material publicitário, a imprensa, até cartas populares enviadas a JQ.⁴⁸

Ao que percebemos de sua abordagem, Queler não considera que todas as atitudes tomadas por Jânio eram premeditadas, uma vez que isto lhe conferiria o atributo de manipulador e, portanto, o perfaria um populista. O autor estabelece a hipótese de que o apoio conquistado por Jânio Quadros ocorreu graças à identificação das pessoas com os próprios anseios do

⁴⁷ QUELER, Jefferson José. **Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)**. 349 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008, p. 9.

⁴⁸ Ibid., p. 22-23.

político. Neste sentido, a visão de Brasil que Jânio acreditava ser possível encontrava, em seu eleitorado, o apoio incondicional para suas vitórias.

O que mais nos chamou a atenção no trabalho de Queler é o fato de os documentos explorados (cartas enviadas a Jânio Quadros e que estavam sob a posse de seu ex-secretário particular, José Aparecido de Oliveira), deixarem claro que “[Jânio] foi capaz de mobilizar o imaginário e paixões coletivos com grande sucesso, aparecendo ao olhar de muitos como uma pessoa extraordinária, seja por possuir qualidades excepcionais seja por ter características de um cidadão comum.”.⁴⁹

A apreensão de Jânio a partir da categoria do populismo, portanto, define abordagens distintas, mas que, em linhas gerais, convergem em alguns aspectos, como a questão da manipulação das massas e da liderança carismática, ou mesmo no tocante ao jânismo, percebido enquanto termo que sintetiza o populismo particular de Jânio Quadros.

Sob o crivo da biografia ou a renúncia de Jânio

Neste ponto de nosso capítulo, analisaremos as narrativas sobre Jânio Quadros que reverberaram um evento específico de sua trajetória política: a renúncia à presidência da República, ocorrida em 25 de agosto de 1961, levando em consideração que as narrativas que focalizam este evento em sua trajetória são enformadas, predominantemente, no gênero biografia.

No tocante ao conjunto destes trabalhos, foi possível perceber duas perspectivas de interpretação distintas: a primeira delas coloca a renúncia do ex-presidente enquanto o resultado de sua incapacidade em conciliar a administração do país com o exercício do Congresso Nacional, além de sua incapacidade emocional para governar, já que apresentava problemas psicológicos, a ponto da loucura. A segunda abordagem notada também apresenta o evento da renúncia, mas de uma forma ainda mais arquitetada, na qual o político teria renunciado no dia do soldado, justamente, para sensibilizar as Forças Armadas, além de fazer pressão sobre o Congresso Nacional, que não aprovava os projetos propostos por Jânio.

Diante dessa versão, o envio de João Goulart, vice-presidente, a uma missão diplomática na China, alguns dias antes da renúncia, faria parte do golpe arquitetado por Jânio, bem como

⁴⁹ QUELER, Jefferson José. **Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)**. 349 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008, p. 338.

a carta-renúncia deixada com o Ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, que deveria ter sido divulgada à imprensa antes de ser entregue ao Congresso Nacional, que prontamente a aceitou e empossou ao cargo o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli. Esta é a versão mais recorrente e predominante nas obras analisadas que se conformam ao gênero biográfico sobre o político Jânio Quadros, sendo que a versão que o considera louco por ter renunciado é adotada, principalmente, pelos seus políticos oponentes.

Para iniciarmos nossas discussões, analisamos as interpretações construídas por Nelson Valente, cujo autor concorda com a tese da renúncia para o golpe de Jânio. Ao tratar do assunto, o autor afirma:

Para a renúncia há mais de dez versões diferentes. Uma das mais prováveis é um embuste com o objetivo de obter mais poder para governar, citada recentemente por Jânio Quadros Neto, como o último desabafo do avô, embora nunca confirmada pelo próprio. O presidente queria apoio do povo e dos militares para não depender do Congresso que lhe era hostil.⁵⁰

Em outro texto, Valente refuta a interpretação de que a renúncia de Jânio teria acontecido por conta de seu temperamento: “Prova cabal de que a renúncia não é um gesto individual de um presidente destemperado: a carta em que a decisão é tornada pública está desde o dia 20 de agosto em poder de [Oscar Pedroso] Horta.”.⁵¹ Em outros momentos, contudo, a imagem construída por Valente acerca de Jânio é até mesmo a de salvador da pátria, na qual o ex-presidente teria renunciado tão somente pela impossibilidade de governar com o Congresso, que barrava todas as suas propostas:

Com a renúncia, perdeu o Brasil a grande oportunidade de vir a ser realmente uma Nação com o direito de falar de igual para igual com outros países desenvolvidos.

Jânio foi, em suma, um patriota corajoso, um homem que muito fez pela sua Pátria, que a amou e sonhou, um dia, torná-la feliz, respeitada, rica e forte, transformando-a em um lugar onde seus cidadãos pudessem trabalhar em paz e com os olhos voltados para o bem da humanidade.⁵²

Essa interpretação engendrada por Valente deixa de lado as ideias de que Jânio Quadros seria autoritário e que, com isso, a renúncia seria uma forma de o político retornar com ainda mais força, contando com o apoio da sociedade e das Forças Armadas. Podemos notar, dessa

⁵⁰ VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros: fi-lo porque quis**. São Paulo: O Artífice, 2002, p. 20-21.

⁵¹ Id., 1997, p. 110.

⁵² Ibid., p. 147.

forma, que Valente prefere destacar o que o país perdeu com a renúncia de Jânio, em vez de analisar mais detalhadamente a motivação de seu ato:

Impedido o caminho constitucional, restava a Jânio Quadros apenas o golpe de Estado se insistisse em cumprir o programa de governo que traçara, e ninguém poderá negar que tinha ele condições para dá-lo, se bem ao preço talvez de uma guerra civil. Mas isto seria trair os seus próprios princípios democráticos, seu próprio sentimento humano, seria trair o povo. Preferiu, a única alternativa que lhe restou, a da renúncia, já que **de maneira nenhuma queria permanecer no governo como uma figura decorativa e inútil**, aliando-se, tacitamente, aos que sempre desejou combater.⁵³

Na obra *Jânio Quadros: memorial à história do Brasil*, Jânio Quadros Neto e Eduardo Lobo Gualazzi se propõem a narrar a trajetória de Jânio Quadros, dando enfoque às suas campanhas e aos mandatos desempenhados e, também, ao evento que seria um dos principais mistérios da política republicana: a renúncia de Jânio. Em determinado momento, ao assumir a narrativa, Jânio Quadros Neto indaga o avô sobre a renúncia, sendo que o político responde, ao seu neto, que enviou João Goulart em missão oficial à China, pois, dessa forma, o vice-presidente não estaria no país para assumir o cargo após a renúncia. O relato feito por Jânio Quadros ao seu neto prossegue da seguinte maneira:

Escrevi a carta de renúncia dia 19 de agosto e entreguei para o ministro da justiça, Oscar Pedrosa Horta, no dia 22. Eu acreditava que não haveria ninguém para assumir a presidência. Pensei que os militares, os governadores e principalmente o povo nunca aceitariam a minha renúncia e exigiriam que eu ficasse no poder. O Jango era, na época, semelhante ao Lula. Ele era completamente inaceitável para a elite. Achei que era impossível ele assumir, que todos iriam implorar que eu ficasse.⁵⁴

Quando o neto pergunta a Jânio Quadros se ele desejava, com a renúncia e o respectivo golpe, ser um ditador, o político lhe responde:

Eu poderia ter sido [um ditador], mas não o quis. Se eu tivesse mandado os militares fecharem o Congresso, eles teriam me obedecido. Charles de Gaulle renunciou na França e o povo foi às ruas, exigir a sua volta. A mesma coisa ocorreu com o Fidel Castro, em Cuba. Era isso que eu esperava. Eu jamais teria sido um ditador militar. Cheguei à presidência com mais de cinco milhões de votos. Um recorde, uma vitória esmagadora. Eu nunca fui nomeado nada em minha vida. Sempre fui eleito. Eu absolutamente nunca teria sido um presidente colocado e sustentado pelos militares. Renunciei no

⁵³ VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros**: fi-lo porque quis. São Paulo: O Artífice, 2002, p. 85. (Grifos nossos).

⁵⁴ QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo Lobo Botelho. **Jânio Quadros**: memorial à história do Brasil. 1. ed. São Paulo: Rideel, 1996, p. 45-46.

dia do soldado porque eu quis sensibilizar os militares e conseguir o apoio deles. Era para ter criado um certo clima político. Imaginei que, em primeiro lugar, o povo iria às ruas, seguido pelos militares, e que os dois me chamariam de volta. Fiquei com a faixa presidencial até o dia 26, um pouco antes de embarcar no Uruguay Star. Achei que eu voltaria de Santos para Brasília na glória. Na realidade, renunciando, eu pedi um voto de confiança à minha permanência no poder. Na Inglaterra, isso é feito frequentemente pelos primeiros ministros. Fui reprovado e o País pagou um preço muito caro. Deu tudo errado.⁵⁵

A visão acerca da renúncia, presente no livro *Jânio Quadros: memorial à história do Brasil*, deixa em evidência a posição dos autores de que Jânio, de fato, teria renunciado no intuito de dar um golpe para retornar com ainda mais força política, mas a população, surpresa e, ao mesmo tempo, frustrada com o ato, acabou não aderindo como Jânio esperava, consolidando a renúncia que foi aceita pelo Congresso.

Para sintetizarmos a abordagem de Gualazzi e Quadros Neto, apresentamos mais uma passagem, sobretudo porque enfatiza outra interpretação sobre o episódio da renúncia:

E sobreveio a **renúncia-deposição** do Presidente Jânio Quadros, consumada aos 25 de agosto de 1961. Sob aspecto formal, foi uma **renúncia**. Sob aspecto substancial, tratou-se de uma **deposição**, urdida por fatídica simbiose de fatores internos e internacionais - as ‘forças terríveis’ -, que se conluíram para desmoralizar, impedir e aniquilar o Governo Jânio Quadros.⁵⁶

Ao aludirem às “forças terríveis” que Jânio mencionou em sua carta-renúncia, os autores acabam afirmando que, com a renúncia, concretizou-se também a deposição de Jânio, uma vez que o político, com sua maneira particular de governar, procurava administrar o país de forma independente do legislativo. Simultaneamente, o legislativo impedia que as reformas apresentadas por Jânio Quadros seguissem adiante.

Os autores consideram, assim, que a renúncia perpetrada por Jânio Quadros foi o desejo do político em se consagrar na presidência, mas, ao mesmo tempo, tal fato ocorreu como uma forma de tentar reduzir a interferência do Congresso, sendo que, caso Jânio voltasse ao cargo por desejo das Forças Armadas e da população, convocaria novas eleições para deputados e senadores, angariando maior base para fazer avançar suas reformas.

A abordagem biográfica também conduziu as reflexões de Moniz Bandeira, que procurou analisar a renúncia de Jânio como a faísca da crise ocorrida em 1964, culminando na

⁵⁵ QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo Lobo Botelho. **Jânio Quadros: memorial à história do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 1996, p. 45-46.

⁵⁶ Ibid., p. 140. (Grifos do autor).

deposição de João Goulart e no início da ditadura militar. Em Bandeira, a visão da renúncia converge com aquela do golpe, na qual Jânio havia calculado o seu retorno a partir da pressão gerada pela sua atitude. O autor afirma, quanto à renúncia:

[...] todos os dados de que eu dispunha, colhidos nas mais diversas fontes, indicavam que Jânio Quadros, ao abandonar a Presidência da República, jogava uma cartada com o objetivo de provocar um impasse entre o povo, as Forças Armadas e o Congresso, o que lhe possibilitaria exigir poderes extraordinários como condição para o seu retorno ao Governo. Em outras palavras, ele tentou produzir um trauma institucional e submeter o País à sua ditadura. E fracassou.⁵⁷

Podemos perceber, além da opinião de Bandeira acerca da renúncia, a sua visão de Jânio enquanto líder autoritário, que buscava instituir uma ditadura no Brasil. De acordo com o autor, Jânio representaria o maior perigo fascista⁵⁸, uma vez que o político se aproximaria da mesma política de direita que iria, no ano de 1964, colocar os militares no poder.

Outra interpretação é feita pelo político e jornalista João Mellão Neto, em seu livro *Jânio Quadros: 3 estórias para 1 história*, no qual o autor analisa a trajetória política de Jânio Quadros, trazendo três diferentes olhares sobre o político: o primeiro considera que Jânio não possuía as mínimas condições psíquicas e emocionais para exercer o cargo (ele era, portanto, considerado demente, sendo este argumento difundido na época de sua renúncia); o segundo afirmava que Jânio seria um farsante frio e calculista, ligado ao grande capital e cuja meta era instaurar uma ditadura que favorecesse aos interesses desse capital (esta visão também é veiculada à época da renúncia, a qual Jânio teria planejado com o intuito de retomar o poder); por fim, a terceira visão o considera como um predestinado, que ousou desafiar o poder econômico, mas foi por ele vencido.

No decorrer de seu texto, Mellão Neto traça o perfil de Jânio Quadros enaltecendo diversas características positivas do político, como a honra, o trabalho e a austeridade desempenhadas em suas administrações no estado de São Paulo. No que tange à questão da renúncia, contudo, o autor parece ficar neutro, ao afirmar que “Se Jânio Quadros, ao renunciar, pretendia dar um golpe de Estado, ou apenas demonstrava não mais suportar as pressões que vinha sofrendo, só ele próprio poderá responder.”⁵⁹

⁵⁷ BANDEIRA, Moniz. **A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, p. 9.

⁵⁸ Ibid., p. 18.

⁵⁹ MELLÃO NETO, João. **Jânio Quadros: 3 estórias para 1 história**. São Paulo: Editora Renovação, 1982, p. 197.

É importante destacar que o livro data de 1982, ou seja, nove anos antes do depoimento de Jânio ao seu neto e a Gualazzi, quando ainda não havia essa versão da renúncia na voz do próprio Jânio. De toda forma, ainda que Mellão Neto não tenha se manifestado acerca do episódio, ele nos dá indícios de que considerava que as forças que tiraram Jânio do poder também tiraram, do povo brasileiro, o vislumbre que se tinha de um país menos desigual, no qual as reformas defendidas por Jânio poderiam ser, de fato, aplicadas:

Por mais que se discutam as possíveis intenções de Jânio [ao renunciar], o fato é que a grande chance de mudar o Brasil perdeu-se no distante 1961. Naquele ano a Nação possuía condições reais e objetivas para modificar o seu curso. Pela primeira e única vez na nossa História, estava eleito e empossado um presidente da oposição, com projetos reformistas, disposição para realizá-los e legitimidade popular para tanto.

Maria Victoria Benevides, por sua vez, em *O governo Jânio Quadros* afirma que, ao renunciar, Jânio também procurava dar um golpe para voltar ao cargo com maiores privilégios, ressaltando ainda o papel de Carlos Lacerda, governador da Guanabara, para o cenário político da época entrar em crise. Ao ter denunciado à imprensa, nos dias 23 e 24 de agosto de 1961, a suposta tentativa de golpe tramado por Jânio Quadros, em que ele renunciaria à presidência para comover a população e, dessa forma, retornar ao seu cargo com plenos poderes, Lacerda teria sido o catalisador da renúncia de Jânio. As denúncias de Lacerda teriam impactado profundamente a Câmara dos Deputados, que solicitou, no dia seguinte, a presença do Ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, para prestar declarações sobre o fato.⁶⁰ Eis a síntese do pensamento da autora:

Aparentemente Jânio esperava voltar “nos braços do povo”. Confiava demais na “ignorância das massas” [...]. Confiava no temor dos militares e da direita em geral com a “ameaça” da posse de João Goulart [...]. Confiava, também, no temor da esquerda com a possível instalação de uma junta militar no governo, se declarado acéfalo, pois o vice-presidente encontrava-se em missão oficial na China. E assim, contando otimisticamente com a repercussão na opinião pública (afinal, eram seis milhões de votos!), entre os militares, na direita e na esquerda, imaginava, talvez, o ressurgimento de um novo “queremismo”. Um “queremos Jânio” (num pastiche ao queremismo getulista que garantira a volta de Vargas em 1950) que lhe daria respaldo para reassumir a Presidência com poderes discricionários.⁶¹

⁶⁰ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 76.

⁶¹ Ibid., p. 76-77.

Como sabemos, porém, não houve a comoção popular e, sequer, a militar ou partidária (tanto da esquerda, quanto da direita). A renúncia de Jânio foi consolidada e o político entrou para a história como um líder que frustrou os seus quase seis milhões de eleitores. Somente retomaria seu vigor político em 1985, quando reeleito prefeito de São Paulo, último cargo por ele ocupado na política brasileira. O trabalho de Benevides se insere, portanto, no conjunto daqueles que localizaram, na renúncia, a tentativa de golpe planejada por Jânio, sendo que a autora faz referência ao autoritarismo populista de Jânio, que apareceu, também, em alguns momentos de nossas discussões.

No livro *A Renúncia*, Hélio Silva e Maria Cecília Carneiro apresentam a curta presidência de Jânio Quadros e os eventos que precederam e sucederam o episódio nos seguintes termos: “A renúncia foi um móbil, um acontecimento variável no tempo e no espaço, visível ou invisível, conforme o momento e a posição do espectador. Porque vale mais por suas causas e seus efeitos do que pelo ato em si - puro e inexplicável.”.⁶²

Na obra, os autores apresentam diversos momentos da política brasileira, bem como a instabilidade sofrida por Jânio para governar, o que teria motivado, dentre outras coisas, a renúncia. Ao construírem sua narrativa sobre Jânio, os autores dão maior enfoque às motivações e às consequências da renúncia para o Brasil, e não especificamente ao ato praticado. Os autores também afirmam, neste sentido, que a dramaticidade da renúncia:

[...] fixou a personalidade de Jânio Quadros. Como se a sua passagem pela Presidência da República não tivesse tido outro motivo. A imagem é defeituosa. Jânio, em sete meses de Governo, traçou novos rumos à política externa e orientou, de maneira singular, os negócios internos. [...] Foi em seu Governo, breve, mas meteórico, que se firmaram diretrizes tão avançadas que, muitos anos passados, voltamos a elas, sem possibilidade real de desconhecer as motivações que as inspiraram.⁶³

Silva e Carneiro deixam de lado a ideia da renúncia como golpe em andamento e buscam ressaltar, ao longo da obra, os aspectos positivos do curto mandato desempenhado por Jânio, ainda que este tenha ficado negativamente marcado pela renúncia devido às pressões partidárias que o político sofria.

Em nossa próxima seção analisaremos outras obras que analisaram a trajetória política de Jânio, considerando importantes episódios na tentativa de compreender o político,

⁶² SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **A Renúncia**. São Paulo: Editora Três, 1975, p. 30. (Grifos dos autores).

⁶³ Ibid., p. 33.

principalmente a partir da imagem que erigiu e adotou frente à população e para atender aos diversos interesses em jogo.

Sob a inspeção da imagem construída

Este último ponto de nosso capítulo dedica-se à análise dos trabalhos que descreveram como Jânio Quadros foi visto pela população e como ele próprio objetivou ser visto ou talhou sua própria imagem, a fim de obter apoio entre o eleitorado das diferentes camadas da sociedade, associando-se à figura de um político diferenciado, moderno, inovador e responsável pelas reformas administrativas e morais de que o país mais necessitava. Nessa perspectiva, encontram-se os trabalhos de Jefferson Queler, Vera Chaia e Thiago Fidelis.

Iniciamos nossas análises a partir de uma afirmação de Fidelis sobre a imagem de Jânio: “[...] o Jânio Quadros político era uma personagem, agindo de maneira paradigmática, sem precedentes [...]”.⁶⁴ Esse traço é colocado como um ponto chave na sua abordagem, uma vez que Fidelis apresenta o político como atento observador dos problemas existentes nos centros urbanos, e não necessariamente um “caricato”.⁶⁵

Ao nos apresentar esse quadro, Fidelis deixa transparecer que Jânio, nos momentos de campanha, tornava-se uma personagem, cujo intuito principal era persuadir seus eleitores. Para tanto, Jânio buscava se aproximar das camadas mais pobres, especialmente do bairro paulistano de Vila Maria. Com relação ao período em que Jânio disputou a eleição para a prefeitura de São Paulo, em 1953, conhecido como a “revolução pelo voto”, Fidelis descreve algumas das características com que Jânio Quadros se apresentava à população:

De maneira geral, a votação representou uma luta entre o novo e o velho: a novidade política estranha, porém, competente, contra a manutenção da ordem, que privilegiava poucos em detrimento de muitos. Com uma imagem construída de homem próximo das multidões, Jânio conseguiu arrebatar grande parte dos votos dos mais desvalidos e parcela significativa dos votos daqueles mais abastados, descontentes com os aspectos da política vigente.⁶⁶

⁶⁴ FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão**: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal *O Estado de São Paulo* (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013, p. 103.

⁶⁵ FIDELIS, 2013, loc. cit.

⁶⁶ Ibid., p. 113.

É importante destacar que quando disputou essa eleição, Jânio já havia ocupado dois cargos no legislativo, vereador e deputado estadual (o mais votado até então). Suas vitórias revelam o êxito de algumas das estratégias por ele utilizadas para se aproximar da população, tanto os discursos de combate à corrupção e de “limpeza” moral e administrativa, quanto os símbolos populares, como a vassoura e o boné de motoneiro que levava aos comícios. Sobre a imagem de Jânio propalada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, Fidelis ainda pondera:

Conforme a ascensão política de Jânio foi se consolidando no cenário político paulistano, sua imagem passou a ser cada vez mais constante no OESP [O Estado de São Paulo], embora não necessariamente com uma visão positiva. Afinal, Jânio representava alguns valores diferentes daqueles considerados tradicionais, embora mantivesse muitos destes elementos vivos em sua atuação política: ao mesmo tempo em que transgredia o vestuário com roupas amassadas e um grande descuido com a própria aparência, prezava pela moralidade da sociedade e a manutenção dos bons costumes familiares; ao mesmo tempo em que tratava seus adversários com pouco apreço e com palavras ofensivas, defendia os direitos daqueles que mais precisavam de maneira enfática, sem dar margem para as vantagens de uns em relação aos outros. E, embora fosse bastante próximo de alguns políticos bem vistos pela publicação, nunca assumira nenhum compromisso público com elementos da UDN, partido o qual o jornal era alinhado (mesmo que não admitisse em suas páginas).⁶⁷

Fidelis associa a imagem de Jânio à figura popular, ressaltando, sobretudo, a forma como o político se vinculava à população, rural ou urbana, tanto do estado de São Paulo, em suas primeiras eleições, quanto do Brasil, entre 1959 e 1960. A imagem que Jânio faz transitar entre os trabalhadores associa-se aos lemas da honestidade, do trabalho, da moralidade e da austeridade e como figura responsável por superar as deficiências administrativas do Estado.

Outra autora que se ocupa da construção da imagem de Jânio é Vera Chaia, em seu livro *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Neste livro, a autora percebe algumas características da imagem do político: além, evidentemente, do apelo popular, Jânio também se apresentava como o candidato de oposição, o político que faria, no Brasil, a recuperação moral e administrativa, tal qual realizara em seus mandatos em São Paulo.

Vera Chaia, ademais, destaca os entraves políticos que Jânio teve com Adhemar de Barros, cuja figura, amplamente combatida por Jânio, reflete a sua crítica aos aspectos que considerava irregulares na sociedade. A esse respeito destacamos, do trabalho de Chaia, a menção à famosa questão do “rouba, mas faz”, lema atribuído a Adhemar devido aos anos em que o político foi interventor em São Paulo, possuindo grande influência no estado. A autora

⁶⁷ FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão**: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal *O Estado de São Paulo* (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013, p. 103, p. 155.

ainda apresenta a crítica que Jânio realizava à chamada “máquina eleitoral”, que, através de barganhas e favores políticos, garantia a eleição dos políticos dominantes. Por fim, Chaia apresenta os discursos feitos por Jânio contra a imoralidade de Adhemar, que não se limitariam apenas às disputas eleitorais no estado paulista, mas se estenderiam a nível nacional.

A autora aborda Jânio a partir da construção de um discurso no qual o político projetava um adversário (neste caso, Adhemar), repleto das imagens opostas àquelas que Jânio desejava fazer aderir a si mesmo:

Quando Jânio apareceu na cena política brasileira, desempenhava um papel de oposição, construindo uma imagem baseada na integridade. Cativou o eleitorado paulista com um marcante discurso de apelo moralizador, apresentando-se como alternativa àquele que dominava as relações políticas do Estado de São Paulo desde o período do Estado Novo, Adhemar de Barros.⁶⁸

É preciso ressaltar que a autora indica algumas marcas de Jânio Quadros, tais como a impessoalidade, a racionalização do Estado e a ideia de um Brasil em progresso sob a sua administração. Ademais, existe outra característica destacada pela autora: a autoridade de Jânio (e não o autoritarismo), dado que ela ressalta a forma como o político, através desse atributo, foi capaz de cativar o público, passando uma imagem de coragem e impetuosidade.⁶⁹

Jefferson Queler, autor que trata da figura pública de Jânio em sua tese, à medida que aborda como se deu a construção da imagem do político, não diretamente por ele, mas por meio da população que, através do envio de cartas, deixou evidente o aspecto da não passividade do eleitorado janista, rompeu com as análises que o inserem apenas como manipulador das massas.

Queler analisou as missivas enviadas durante a campanha para a presidência, considerando o apelo dos remetentes a Jânio. Dentre algumas dessas cartas, havia pedidos de favores, de cargos públicos e até mesmo de dinheiro, mas também havia declarações de apoio voluntário ao político. Um dos pedidos mais recorrentes era para que, caso fosse eleito, Jânio melhorasse a situação da cidade em que o remetente morava, acabasse com a corrupção e possibilitasse melhorias de vida à população:

Os pedidos dirigidos a JQ pela população em geral indicam como, em meio a uma sociedade amplamente marcada pelo autoritarismo e por relações sociais profundamente hierarquizadas, o líder em questão era muitas vezes vislumbrado como um reformador social, alguém capaz de aumentar a

⁶⁸ CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 11.

⁶⁹ Ibid., p. 74.

presença do governo e do Estado na vida dos cidadãos, de forma a trazer-lhes soluções políticas para seus problemas.⁷⁰

O autor também destaca o quanto o político desenvolveu, em si próprio, a imagem de um homem justo⁷¹, que não se vendia ao dinheiro público e nem se submetia aos partidos políticos, mostrando certa independência em relação aos mesmos. A análise realizada por Queler é, portanto, essencial para compreender como Jânio cresceu politicamente e pessoalmente, sendo que o autor desconstrói, ao longo de seu texto, alguns lugares-comuns acerca do político. Como exemplo, citamos a ideia de que todo o seu apoio teria sido obtido, apenas, devido à propaganda política e à manipulação das massas; como sabemos, Jânio contou com a participação ativa e voluntária de muitos de seus adeptos, que nele enxergavam um político justo e que melhoraria as condições sociais do país.

O trabalho de Queler também nos permite afirmar que a propaganda teve papel essencial neste momento da política brasileira, talvez como nunca antes houvera, mas no que se refere a Jânio, não se pode colocar somente na conta deste quesito. O autor afirma que muitas pessoas que votaram em Jânio, tanto os mais humildes, quanto os mais ricos, não votaram apenas para protestar contra os demais políticos, mas exerceram o seu direito porque acreditavam, de fato, nas propostas e, ainda mais, tinham a esperança de que Jânio Quadros renovaria a política brasileira, ao projetar para si a imagem de um líder eficiente, trabalhador, honesto e justo.

Pode-se notar, nos trabalhos aqui expostos e que possuem a observância de Jânio a partir das ações que envolvem a construção de sua imagem, muitos pontos convergentes. Mas, todos admitem que o discurso anticorrupção, capaz de entusiasmar a população em qualquer que seja sua parcela, foi o elemento central a conformar a imagem de Jânio. A partir do trabalho de Queler, também podemos ver a figura de uma população consciente de seu voto, manifesta nas cartas remetidas a Jânio, donde se pode vislumbrar um crescimento da adesão à Jânio, ocorrida de forma natural, ainda na observação de Queler, graças à propaganda política, na qual Jânio criticava os políticos anteriores e, sobretudo, seus principais adversários.

O exercício dos mandatos por parte de Jânio provocou significativas mudanças no enfoque de suas campanhas. As primeiras legislaturas foram desenvolvidas a partir de fortes críticas ao executivo (municipal e estadual) e em associação à população mais pobre. Nas

⁷⁰ QUELER, Jefferson José. **Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)**. 349 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008, p. 338.

⁷¹ Ibid., p. 39.

candidaturas à prefeitura e ao governo do estado, Jânio passou a construir uma imagem de si mais maleável, unindo-se tanto aos mais pobres, quanto aos mais ricos.

Seus discursos, símbolos, *slogans* e todas as demais estratégias utilizadas em campanhas conquistaram apoio maciço da população. Os trabalhos destacados nesta seção apontam que parcela considerável do eleitorado aderiu às suas promessas de melhoria nas condições de vida, limpeza administrativa, austeridade e combate à corrupção, além de reconhecer, nos seus discursos políticos, a simbologia maior de renovação.

Da exploração das obras dedicadas à apreensão da figura política de Jânio Quadros resultam, predominantemente, três abordagens. A primeira delas concentra-se no Jânio populista. A segunda, por sua vez, perspectiva Jânio Quadros pelo crivo da biografia, tomando a renúncia como evento decisivo a partir do qual se pode ler os atributos pessoais ou elementos constitutivos da personalidade do político. A terceira perspectiva objetiva o desvendamento dos mecanismos de construção da figura pública de Jânio Quadros, que mobilizou amplo apoio popular, sobretudo no início da carreira, e da elite econômica, quando o político começou a galgar cargos mais elevados. Essa terceira abordagem ainda nos apresenta um elemento fundamental: como a imagem construída em torno de e pelo próprio Jânio é indiciária de sua visão acerca do povo brasileiro e de seu país, de cujos males ele seria a solução, sobretudo, para a corrupção, a imoralidade e o domínio dos grandes grupos partidários.

Jânio desponta nas obras aqui examinadas como o líder que conseguiu obter, ao mesmo tempo, apoio dos mais pobres e dos mais ricos, dos conservadores e progressistas; dos trabalhadores do campo e da cidade. Em nosso próximo capítulo nos dedicaremos a verificar de que forma Jânio Quadros passou a encetar suas campanhas em concordância com seu olhar sobre os problemas do Brasil e do povo brasileiro, extraindo disso seu sucesso. Buscaremos, também, explicitar os termos de suas críticas e das suas figurações de Brasil e de brasileiros no decorrer de suas campanhas, em oposição à política que, até então, praticava-se no país.

II. DAS CAMPANHAS – DIAGNÓSTICOS E PRESCRIÇÕES PARA O BRASIL

A partir deste momento de nosso trabalho, analisaremos detalhadamente as campanhas políticas desenvolvidas por Jânio Quadros entre 1953 e 1961, a fim de apresentarmos as imagens de Brasil e de brasileiros nelas presentes. Ao longo dos anos aqui delimitados, Jânio foi eleito, sucessivamente, para ocupar os cargos de prefeito da cidade de São Paulo (1953), governador do estado de São Paulo (1954) e, por fim, presidente do Brasil (1960).

No interregno entre o governo de São Paulo e a presidência nacional, Jânio ainda foi eleito, em 1958, deputado federal pelo estado do Paraná, ocupando a cadeira do legislativo sem, contudo, comparecer a uma sessão sequer da Câmara durante o período em que desempenhou a função (1959-1961). Sua vitória nessa eleição, considerada expressiva para o período, serviu como uma espécie de “termômetro” para a campanha à presidência do Brasil, oficializada por meio de iniciativa do Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ), em 1959.

Com relação às abordagens que serão desenvolvidas nas próximas páginas, buscaremos apresentar o político nestes três momentos diferentes de sua vida, destacando a forma como Jânio construiu e adotou dispositivos para consolidar a sua imagem como a de uma figura libertadora das “amarras” da política praticada até então e por ele chamada de “tradicional”, primeiramente no estado de São Paulo e, posteriormente, no Brasil.

Entendemos que, nessa trajetória, Jânio Quadros possui uma específica figuração de Brasil, a partir da qual criticava os demais políticos e partidos e se apresentava enquanto solução para pôr fim aos males do país e de seu povo. É neste momento da dissertação, também, que observaremos mais atentamente as imagens de brasileiros por ele exploradas nas campanhas, nas quais notamos a presença de discursos dirigidos aos populares e, também, às elites, com características específicas voltadas a cada um destes setores, o que contribuiu diretamente para as suas vitórias políticas.

Exploraremos, assim, de que forma as estratégias por ele adotadas em suas campanhas resultaram de seu olhar sobre a sociedade brasileira e de que maneira repercutiram sobre a população. Com isso, seremos capazes de notar quais são os elementos mobilizados por – e em torno de – Jânio ao longo dos anos em que disputou as eleições e se inseriu na cena política brasileira.

Com base nas campanhas para a prefeitura, governo do estado e presidência, analisaremos a *performance* de Jânio e suas visões sobre o passado, o presente e o futuro entabuladas sobre o Brasil, nas quais ele mesmo se colocava como o timoneiro do efetivo processo de modernização nacional.

“O TOSTÃO CONTRA O MILHÃO” – a campanha para a prefeitura de São Paulo e o início da trajetória no executivo (1953)

A campanha para a prefeitura de São Paulo, ocorrida entre os anos de 1952 e 1953, é emblemática no que diz respeito à situação política do estado paulista: ela marca a realização das primeiras eleições no município desde o ano de 1930, quando Getúlio Vargas ascendeu à presidência do Brasil e reorganizou a estrutura política nacional, culminando com a deposição do então presidente da República, Washington Luís, e que impossibilitou a posse do paulista Júlio Prestes, eleito em março de 1930 para o cargo.

No período entre 1930 e 1945, que entrou para a história brasileira como Era Vargas, o presidente era responsável pela nomeação dos chamados interventores federais nos estados, os quais indicavam, por sua vez, os prefeitos dos municípios, garantindo-lhe o maior controle político nacional.

Diante desse entrave político em São Paulo, que seria resolvido apenas na primeira metade da década de 1950, os paulistanos somente conseguiram recuperar o direito ao voto para prefeito em 1953, quando as forças em disputa no pleito municipal se concentraram ao redor de dois grandes nomes: o professor Francisco Antônio Cardoso, cujo apoio principal era obtido nas camadas mais elevadas da sociedade paulistana e dos partidos tradicionais, além do apoio da imprensa da época, e Jânio Quadros, que contava com a repercussão positiva de seus mandatos na legislatura paulista, sobretudo entre os trabalhadores e operários de São Paulo, que os consideraram bem executados e lhe garantiram o apoio inicial de que Jânio necessitava para galgar postos mais elevados.

Para melhor entendermos sua rápida ascensão, convém destacar que Jânio, que iniciara sua carreira na política como suplente de vereador (em 1947), assumiu uma cadeira como titular do cargo no ano seguinte, após a cassação do Partido Comunista Brasileiro, conduzida pelo presidente Eurico Gaspar Dutra. Sua ativa participação no legislativo paulistano, com a apresentação de grande número de projetos e uma série de denúncias contra o governador Adhemar de Barros, contribuiu para que se consolidasse uma crise política no executivo da cidade, mostrando que Jânio Quadros não se intimidava com os tradicionais políticos de São Paulo.

A amplitude de sua participação política na capital paulista acabou por referendar, a Jânio Quadros, a possibilidade de disputar uma nova eleição, desta vez para uma vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo, quando se candidatou ao cargo de deputado estadual em 1950. Nessa ocasião, Jânio consolidou mais uma vitória, com o significativo número de 17.840

votos, o maior obtido para o período e cargo, graças ao apoio maciço da população dos bairros mais periféricos da capital paulista e, também, das cidades do interior do estado.⁷²

Jânio marcou sua passagem como deputado estadual no mesmo ritmo empregado à Câmara municipal: com grande aprovação pela sociedade paulista e com uma participação contestadora do poder executivo, tanto o municipal, quanto o estadual, no qual o político enxergava a origem dos problemas existentes no estado, devido, em especial, à política de acordos existente até então. Em linhas gerais, Jânio demonstrou, com isso, que “[...] a sua atuação seria a mesma, exatamente a mesma desenvolvida na Câmara Municipal”⁷³, ao passo que discursava contrariamente à corrupção.

Deve-se destacar, ademais, que Jânio, enquanto parlamentar, teve uma postura mais independente, admitindo que o legislativo deveria realizar os seus trabalhos sem sofrer a interferência de outros poderes, em especial o executivo. Dessa forma, nota-se que o político mantinha uma posição crítica em relação aos governantes, expressa por meio das inúmeras denúncias e discursos contrários aos grandes políticos da época, notadamente o governador Lucas Nogueira Garcez (31/01/1951-31/01/1955), eleito com o apoio de Adhemar de Barros.

Diante de tais credenciais, garantidas a partir do olhar que a população passou a ter em relação a Jânio Quadros e junto com uma nova possibilidade de se fazer política em São Paulo, Jânio pôde se dedicar à campanha para a prefeitura de forma mais contundente. Nome ainda apontado como desconhecido pelos seus adversários, o candidato, de acordo com Viriato de Castro:

[...] não esperava ganhar, pois não poderia vencer todos os partidos, todo o mundo oficial, social e econômico que apoiava o governador [Lucas Garcez], além do presidente da República [Getúlio Vargas] e do líder progressista [Adhemar de Barros], mas iria às urnas como candidato de protesto, uma candidatura de repúdio ao candidato oficial [Francisco Cardoso]. Iria dizer aos trabalhadores de todos os bairros que antepunha o seu nome ao candidato do governo, sem recursos materiais, sem jornal, rádio ou televisão, sem dinheiro para sua campanha eleitoral, para dizer apenas do seu protesto enérgico, interpretando a reação em nome do povo.⁷⁴

Podemos perceber, a partir do relato acima, que Jânio Quadros buscava o apoio da sociedade, principalmente da população mais humilde de São Paulo. Aspecto singular a que devemos nos deter, igualmente, é que as eleições de 1953 deixam transparecer o teor de protesto

⁷² CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 57.

⁷³ Ibid., p. 59.

⁷⁴ Ibid., p. 63.

que também existia entre a população, que se encontrava insatisfeita em relação à forma como os políticos, que dominavam a administração da cidade, a deixaram.

A forma de protesto pode, eventualmente, ter incentivado a população a votar em Jânio, por um lado, mas, por outro, muitos de seus eleitores definiram o seu voto no político em razão da confiança conquistada pelo candidato no decorrer de suas campanhas, discursos e comícios, que dialogaram com os anseios de uma sociedade até então à margem da participação na política.

Consonante a isso, a população de São Paulo, que então se encontrava sujeitada às elevadas cargas de impostos (no transporte e alimentação, por exemplo), às péssimas condições de vida e à grande desigualdade social, teria, assim, dado um voto de protesto em oposição ao domínio da “velha política” (expressão que o próprio Jânio Quadros utilizava para se referir aos seus adversários, membros dos grandes partidos de São Paulo).

Na campanha para a prefeitura, Jânio ainda se utilizou de estratégias políticas para alcançar o maior número de eleitores, em especial as expressões conhecidas como *slogans*. Dentre os principais por ele utilizados, destacamos: “tostão contra o milhão”; “revolução branca” (uma vez que os velhos políticos que dominavam a cidade seriam substituídos sem a necessidade de ocorrer um conflito armado); e, por fim, a “revolução de março” (de 1953), mês em que as eleições ocorreram e garantiram a vitória a Jânio Quadros.

Em lados antagônicos na disputa, Francisco Cardoso possuía o apoio do grupo partidário que monopolizava o poder em São Paulo; Jânio, por sua vez, contava com o respaldo da população dos bairros mais humildes da cidade. Além desses dois candidatos, completavam a disputa André Nunes Júnior e Ortiz Monteiro, chamados ironicamente por Jânio de “candidatos de brinquedo”⁷⁵, devido à inexpressiva intenção de votos que eles conquistaram durante a campanha.

Dada a relevância desse pleito, Jânio Quadros percorreu as ruas e se dirigiu de casa em casa para angariar votos, afirmando que preferia “[...] acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão”⁷⁶, referindo-se aos candidatos que deixavam de lado a população mais carente. Com as suas falas, Jânio conquistava, cada vez mais, o voto dos mais pobres.

O candidato Francisco Cardoso, que contava com grande orçamento para manter o poder sob o controle do grupo partidário ao qual pertencia, conseguia facilmente comprar espaço para divulgar a sua campanha em rádios, jornais e televisão. Foi em meio a esta situação que Jânio Quadros mostrou, ainda mais, a sua habilidade política, lançando um de seus mais famosos

⁷⁵ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 69.

⁷⁶ VALENTE, Nelson. **A vida de Jânio em quadros**. São Paulo: Editora Nacional, 1993, p. 38.

slogans e, também, da política brasileira, o supracitado “tostão contra o milhão”.

Ao bradar tal expressão, Jânio explorava os dois principais polos dessa eleição: o primeiro deles, mais rico, representado pelo nome de Francisco Cardoso, cujo termo a ele designado era o milhão; outro, o tostão, em que o político associava a ele próprio o termo no intuito de representar o lado mais humilde e mais simples dentre os políticos que disputavam a cadeira de chefe do executivo municipal. A partir desse *slogan*, o político questionava o seu adversário e se constituía enquanto representante dos mais desfavorecidos.

Foi também durante a campanha para a prefeitura que surgiu um dos símbolos mais notórios de Jânio Quadros, quando um de seus interlocutores, ao assistir seu discurso em um comício, atirou-se contra o palco com uma vassoura em mãos, entregando-a ao político.⁷⁷ A vassoura, segundo o que o próprio Jânio Quadros gostava de afirmar, seria utilizada para “varrer” ladrões e negociastas, além de eliminar aqueles que obtinham vantagens do poder, ao invés de servir ao povo.⁷⁸

Figura 1 – Jânio Quadros e sua vassoura (1953)



Fonte: Foto disponível no sítio eletrônico *História Hoje*⁷⁹

⁷⁷ KWAK, Gabriel. **O trevo e a vassoura**: os destinos de Jânio Quadros e Adhemar de Barros. São Paulo: A Girafa Editora, 2006, p. 71.

⁷⁸ QUADROS, Jânio apud CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 70.

⁷⁹ Disponível em: <https://historiahoje.com/corrupcao-a-vassourinha-de-janio-quadros/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

A partir dessa campanha, a vassoura passou a estar sempre presente em seus comícios, tanto no formato de *bottons* distribuídos aos eleitores, quanto o próprio objeto. Com isso, Jânio postulava uma limpeza moral, estimulando que seu símbolo, a vassoura, fosse adotado pela população que se dirigia aos comícios de Jânio levando o objeto nas mãos, marca da esperança que se projetava sobre a imagem do candidato.

A despeito do crescimento de Jânio nas campanhas, o sentimento em torno dos partidários de Francisco Cardoso era basicamente o mesmo: de que o médico venceria o pleito com larga vantagem. Tal fato se deve ao já mencionado apoio da coligação entre os principais partidos que financiavam sua campanha e, como acreditavam, seriam responsáveis por garantir a vitória e dar continuidade à política já existente na capital, sem grandes preocupações por parte da equipe administrativa.

Outro fator essencial a se destacar é o apoio que Cardoso recebia da imprensa da época, que, além de incentivar sua campanha, atacava seus adversários, notadamente Jânio Quadros. Como interpreta Thiago Fidelis, graças ao jornal *O Estado de S. Paulo* “[...] Jânio começou a ser visto como um herege, como alguém que renunciara ao verdadeiro cristianismo em busca de base política para um projeto pessoal (e não para o bem de São Paulo, como seria a candidatura de Cardoso).”⁸⁰

O jornal *O Estado de S. Paulo* procurava transmitir, dessa forma, uma imagem em que Jânio Quadros era apresentado como o oposto dos valores positivos daquela sociedade, a começar pelo próprio cristianismo. Com isso, Jânio necessitava realizar uma campanha claramente oposta a essa imagem contra ele propalada e, ao mesmo tempo, apresentar-se como um político diferente daqueles que governaram a cidade até 1953.

É preciso destacar, ainda, que enquanto a campanha de Cardoso foi apoiada pelos meios de comunicação e realizada nos bairros de maior prestígio da capital paulista, a de Jânio procurava dialogar com as camadas mais carentes da sociedade, as quais o médico acabava deixando de lado nas visitas e comícios realizados. Castilho Cabral, político paulista que foi secretário do Trabalho quando Jânio foi governador de São Paulo, indica em *Tempos de Jânio e outros tempos* a novidade das campanhas e do “fazer política” de Jânio Quadros:

Inaugurara-se com ele já na campanha para Prefeito um novo estilo de organização eleitoral, os comitês formados espontaneamente pelo povo, [...], em geral constituídos de elementos das camadas mais humildes, tudo improvisado, buscando recursos na própria dedicação à causa. Era o “estilo

⁸⁰ FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão**: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013, p. 105.

janista” que iria tornar inoperante a obsoleta organização dos Partidos, anquilosados nos seus “diretórios” mais de figuração que de ação.⁸¹

Apesar da campanha ser considerada modesta, se comparada à de Francisco Cardoso, Jânio chegou a contar com o apoio financeiro de alguns de seus partidários para divulgar imagens publicitárias em um dos principais meios de comunicação da cidade, o jornal *O Estado de S. Paulo*, dias antes da eleição. Este feito contribuiu para que seu nome chegasse, também, às parcelas mais elevadas da população paulistana, consagrando-o vencedor das eleições de 1953, ainda que seus panfletos não fossem colocados logo nas primeiras páginas do jornal. Na figura a seguir podemos observar um dos poucos panfletos da campanha de Jânio Quadros veiculados no jornal paulista, publicado três dias antes da eleição que definiu o novo prefeito:

Figura 2 – Propaganda de Jânio Quadros



Fonte: O Estado de S. Paulo, 19/03/1953⁸²

⁸¹ CABRAL, Carlos Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 56.

⁸² Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530319-23881-nac-0008-999-8-not>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Do panfleto acima destacamos duas características principais: a primeira é que ele evoca a necessidade dos paulistanos por um político que represente um “sangue novo” para a cidade. Neste sentido, Jânio Quadros se coloca enquanto o político representante de uma nova forma de governar, oposta àquelas existentes anteriormente. Ademais, devemos questionar: Quem é o sangue novo a revitalizar São Paulo? Ao rememorar o mito dos bandeirantes paulistas, fundadores do estado do Mato Grosso, o panfleto projeta o filho daquele estado, Jânio Quadros, como herdeiro da mesma bravura e coragem dos bandeirantes, retribuindo aos paulistas a regeneração da capital de São Paulo.

Outra característica é observada na última frase do panfleto - “Um mato-grossense que vai transformar São Paulo numa nova metrópole!”. Aqui, o político desejava transmitir a imagem de que era apoiado pelos mato-grossenses e que seria o responsável por garantir o desenvolvimento da cidade, associando a si a imagem do avanço e do constante progresso pelo qual São Paulo passaria com a sua administração.

Em que pese a mobilização de seus partidários, inclusive com a tentativa de se inserir nos meios de comunicação da época, os discursos e acusações contra Jânio continuaram existindo, sobretudo com o objetivo de desmoralizar sua campanha e desvincular sua imagem à do povo paulistano. Seus adversários buscaram, por diversos momentos, tipificá-lo como um político forasteiro ou mesmo anti-paulistano, sobretudo por ele não ser paulista e se posicionar contrariamente aos principais políticos do estado, Adhemar de Barros e Lucas Garcez.

A campanha de Jânio não se dedicou, unicamente, aos veículos de comunicação, se comparada à de Francisco Cardoso. Dessa forma, Jânio, o candidato da oposição, teve de percorrer diversos bairros da cidade e realizar seus discursos e comícios, praticamente, de casa em casa. Viriato de Castro repete, na obra *O fenômeno Jânio Quadros*, a partir das falas de Jânio às quais teve acesso durante os comícios, a distinção que o político faz de sua campanha como parte de sua própria estratégia eleitoral:

Por isso [Jânio] dizia: “Não ganho eleição em conchavos palacianos, ganho-a na rua!”. Jânio estabeleceu uma campanha baseada exatamente nas forças superiores, esmagadoras, poderosas com as quais contava o candidato oficial [Francisco Cardoso]; falou francamente ao povo da desigualdade da sua luta: contra Getúlio, Adhemar e Garcez; contra 3 governos; contra toda a Imprensa, contra todas as figuras mais representativas da sociedade, contra o poderio de uma máquina eleitoral formidável [...].⁸³

⁸³ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 69.

Jânio construía estratégias para se identificar com a população paulistana e derrotar Francisco Cardoso: a forma como se vestia descuidadamente e a propagação de seu desejo por justiça e moralidade na máquina pública, declarados em seus discursos, eram suas principais armas. Neste sentido, Viriato de Castro, que se tornaria um dos grandes apoiadores de Jânio na campanha à presidência do Brasil, em 1960, apresenta o político identificado ao povo brasileiro:

Jânio era um homem pobre, humilde, simples, saído do nada, [...], cabelos revoltosos, trazendo no rosto todos os sofrimentos e desenganos de todos os Jânios, nas mesmas condições, que existiam nos bairros populosos da Capital paulista, de todos os cidadãos espoliados, traídos, enganados centenas de vezes por políticos bem parecidos, bem vestidos, bem postos, cuja linguagem além de transparecer falta de sinceridade, era muitas vezes mesmo cínica, engraçada, anedótica ou apenas simplesmente acadêmica. O povo estava cansado daqueles discursos vazios. Jânio é um homem que convence, é um orador que põe em cada palavra todo o peso da sua responsabilidade intrínseca.⁸⁴

Jânio Quadros procurava transmitir a imagem de que contou com o apoio dos mato-grossenses à sua campanha para a prefeitura de São Paulo. Parece-nos, destarte, que o político constitui sua imagem associada à figura dos bandeirantes paulistas, responsáveis por expandir as fronteiras do Brasil e por conduzirem, no imaginário popular, a representação de São Paulo como locomotiva do país, imagem esta relacionada ao progresso e pioneirismo do estado. Jânio seria, portanto, o herdeiro legal dos bandeirantes que ocuparam Mato Grosso, ainda no século XVIII, e que retribuíram o “presente” sob a figura do político, na guinada à transformação da política em São Paulo.

Através de texto publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 5 de março de 1953, o político transmitia a imagem de que havia sido apoiado pelos mato-grossenses, que, segundo ele, declararam apoio e conclamaram seus conterrâneos que moravam na capital paulista a ajudá-los na campanha, de forma a contribuir com a vitória de Jânio. Dentre vários aspectos importantes a serem destacados, podemos ressaltar o seguinte trecho dessa publicação:

É justo, pois, que nós, os mato-grossenses residentes em São Paulo, nos unamos aos paulistas para proporcionar a vitória eleitoral a um insigne mato-grossense. É um filho de Campo Grande – a São Paulo do Oeste. Cerremos fileiras em torno de nosso conterrâneo: Jânio Quadros, mato-grossense que sempre honrou o seu Estado em sua brilhante carreira na política de São Paulo.⁸⁵

⁸⁴ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 71.

⁸⁵ Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530305-23869-nac-0017-999-17-not>. Acesso em: 24 fev. 2021.

Jânio Quadros conseguiu consubstanciar diferentes estratégias de campanha: publicação de panfletos e textos em jornais, discursos enérgicos em seus comícios e a divulgação de manifestos de apoio que muito contribuíram para a sua vitória, como podemos observar no texto publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*:

Figura 3 – Apoio dos mato-grossenses à campanha de Jânio Quadros

**OS MATO-GROSSENSES DE SÃO PAULO UNIDOS
EM TORNO DE SEU CONTERRANEIO
JÂNIO QUADROS**

Mato-grossenses de São Paulo! Através da História Pátria, sempre lutamos ao lado de São Paulo, pela grandeza comum. Unidos aos desbravadores dos sertões que partiam da vila piratiningana, mostramos ao mundo as maravilhosas riquezas auríferas do Oeste. Bandeirantes de São Paulo e de Mato Grosso desvendaram, naqueles distantes tempos coloniais, os tesouros sem par do ouro de Cuiabá. Era, então, a época em que São Paulo e Mato Grosso formavam um só torrão, ambos irmanados naquele mesmo ideal dos desbravadores heroicos; plantar a civilização Brasil afora. Como os paulistas, ao lado dos paulistas, também temos o orgulho de ser parte integrante da "brava gente bandeirante".	Pois, somente em 1748 foi que a nossa terra se separou de São Paulo. Há pouco mais de dois séculos, portanto, por Decreto Régio da Corte de Lisboa, verificava-se o desmembramento, passando nossa terra a chamar-se "Província de Mato Grosso". Entretanto, se territórios se separaram, ideais permaneceram amalgamados. Continuamos sempre ao lado dos paulistas nas grandes lutas para o bem comum. Os filhos da terra de Piratininga, lá estavam, lutando ombro a ombro com os seus irmãos mato-grossenses, quando o sagrado solo da Pátria foi invadido, na Guerra do Paraguai. Politicamente, sempre marchamos de mãos dadas — Mato Gros-	so e São Paulo — para a defesa dos princípios democráticos. Tanto é assim que, nestes últimos anos, nossos dois Estados, como sempre unidos, elegeram para a presidência da República o digno mato-grossense general Eurico Gaspar Dutra! Surge agora a campanha eleitoral pela Prefeitura de São Paulo! É justo, pois, que nós, os mato-grossenses residentes em São Paulo, nos unamos aos paulistas, para proporcionar a vitória eleitoral a um insigne mato-grossense. É um filho de Campo Grande — a São Paulo do Oeste. Cerremos fileiras em torno de nosso conterrâneo: JÂNIO QUADROS mato-grossense que sempre honrou o seu Estado em sua brilhante carreira na política de São Paulo.	Mato-grossenses de São Paulo! Ajudemos o nosso co-estaduano JÂNIO QUADROS a representar a fraternidade de Mato Grosso e São Paulo, na Prefeitura da capital paulista! QUE TODOS OS NOSSOS CONTERRÂNEOS AQUI RESIDENTES SE INSCREVAM E LEVEM SUA ADESÃO AO "COMITÊ MATO-GROSSENSE PRÓ JÂNIO QUADROS" que cerrará fileiras em torno do nome do ilustre e dinâmico "LINCOLN DE CAMPO GRANDE". VIVA A FRATERNIDADE DE SÃO PAULO E MATO GROSSO!... VIVA JÂNIO QUADROS!... (Transcrito da "Folha da Manhã" de domingo, 1 de março de 1953).
---	---	--	---

Fonte: O Estado de S. Paulo, 05/03/1953⁸⁶

⁸⁶ **Transcrição da publicação:** "Mato-grossenses de São Paulo! Através da História Pátria, sempre lutamos ao lado de São Paulo, pela grandeza comum. Unidos aos desbravadores dos sertões que partiam da vila piratiningana, mostramos ao mundo as maravilhosas riquezas auríferas do Oeste. Bandeirantes de São Paulo e Mato Grosso desvendaram, naqueles distantes tempos coloniais, os tesouros sem par do ouro de Cuiabá. Era, então, a época em que São Paulo e Mato Grosso formavam um só torrão, ambos irmanados naquele mesmo ideal dos desbravadores heroicos; plantar a civilização Brasil afora. Como os paulistas, ao lado dos paulistas, também temos o orgulho de ser parte integrante da 'brava gente bandeirante'. Pois, somente em 1748 foi que a nossa terra se separou de São Paulo. Há pouco mais de dois séculos, portanto, por Decreto Régio da Corte de Lisboa, verificava-se o desmembramento, passando nossa terra a chamar-se 'Província de Mato Grosso'. Entretanto, se territórios se separaram, ideais permaneceram amalgamados. Continuamos sempre ao lado dos paulistas nas grandes lutas para o bem comum. Os filhos da terra de Piratininga, lá estavam, lutando ombro a ombro com os seus irmãos mato-grossenses, quando o sagrado solo da Pátria foi invadido, na Guerra do Paraguai. Politicamente, sempre marchamos de mãos dadas — Mato Grosso e São Paulo — para a defesa dos princípios democráticos. Tanto é assim que, nestes últimos anos, nossos dois Estados, como sempre unidos, elegeram para a presidência da República o digno mato-grossense general Eurico Gaspar Dutra! Surge agora a campanha eleitoral pela Prefeitura de São Paulo! É justo, pois, que nós, os mato-grossenses residentes em São Paulo, nos unamos aos paulistas, para proporcionar a vitória eleitoral a um insigne mato-grossense. É um filho de Campo Grande — a São Paulo do Oeste. Cerremos fileiras em torno de nosso conterrâneo: JÂNIO QUADROS, mato-grossense que sempre honrou o seu Estado em sua brilhante carreira política de São Paulo. Mato-grossenses de São Paulo!... Ajudemos o nosso coestaduano JÂNIO QUADROS a representar a fraternidade de Mato Grosso e São Paulo, na Prefeitura da capital paulista! QUE TODOS OS NOSSOS CONTERRÂNEOS AQUI RESIDENTES SE INSCREVAM E LEVEM SUA ADESÃO AO 'COMITÊ MATO-GROSSENSE PRÓ JÂNIO QUADROS' que cerrará fileiras em torno do nome do ilustre e dinâmico 'LINCOLN DE CAMPO GRANDE'. VIVA A FRATERNIDADE DE SÃO PAULO E MATO GROSSO!... VIVA JÂNIO QUADROS!... (Transcrito da 'Folha da Manhã' de domingo, 1 de março de 1953).". Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530305-23869-nac-0017-999-17-not>. Acesso em: 22 fev. 2021.

O manifesto acima reproduzido, assinado pelos políticos Antônio de Queiroz Filho, Alípio Correa Netto e José Adriano Marrey Junior, explora diversas ideias presentes nas campanhas de Jânio e que mobilizaram o eleitorado, ao apelar para o combate à corrupção, à imoralidade e aos “clãs” políticos que comandavam a política na capital paulista. Nele percebemos, ainda, que a imagem dos políticos de longa data é enunciada de maneira negativa, uma vez que são os símbolos do atraso pelo qual a cidade e o estado se encontravam.

Ao contrário dessa imagem negativa aparecia Jânio Quadros, responsável por colocar a cidade novamente “nos trilhos”, ao passo que se colocava como o artífice da grande obra

apenas, a ratificação nas urnas, que há de completar-se amanhã, pela incomparável firmeza da esclarecida maioria do eleitorado da Capital. Estes últimos instantes, na véspera da decisão que as urnas vão consagrar, permitem destacar o significado admirável da posição assumida, e já agora de modo indiscutível, pela maioria de nosso povo. Está demonstrada a vitória de Jânio Quadros e Porfírio da Paz, e, por isso mesmo, já é tempo de identificar-se os vencidos, os derrotados, os que decaíram da confiança popular, eis que antes exerceram, ou ainda exercem, em nome do povo, mandatos outorgados em pleitos livres e legítimos, como se espera que o seja, também, o pleito de amanhã. Salvo a identificação pessoal de que se fizeram verdadeiros símbolos da corrupção, na mais luxuriosa campanha personalista até hoje conhecida pelo País, nenhuma outra figura de homem público recebe, pessoal e diretamente, nesta manifestação final da decisão do povo, a rigorosa e irrecuperável condenação pública. São muito numerosos, na verdade, os outros homens públicos que não souberam acreditar no povo e que, por essa razão, não se sentiram suficientemente fortes para afastar de si o convívio de processos políticos execrados pelo povo. Dessa voluntária fraqueza resultou a insinceridade notória de sua conduta, também porque os seus gestos de rebeldia ao personalismo, de resistência à desfaçatez, de recusa à imoralidade, foram tornando-se cada vez mais tímidos quase ocultos no tremedal das contradições, oriundas de interesses políticos que nenhum deles quis lealmente confessar de público. Tornou-se tortuosa, além de hesitante, evidentemente artificiosa, contendo em si mesma os germes da sua desagregação, a quase inacreditável ‘frente única’ de nove legendas vazias, sustentadas apenas pelo apego de uns poucos políticos às posições antes alcançadas e nas quais se esqueceram da própria origem dos mandatos exercidos. Pois toda a verdade seja dita: - na sua falta de decisão, no jogo subterrâneo das composições em torno de condutas inconciliáveis, no seu silêncio em face de atitudes escandalosas, nos excessos de métodos eleitorais repudiados pela dignidade popular, foram esses mesmos homens públicos que acenderam, ativaram e tornaram irresistível a rebelião das parcelas mais esclarecidas do povo. Esse foi o nascedouro do desinteresse popular, contra o qual os seus próprios criadores agora se voltam, na formulação de apelos cuja artificialidade é uma nova razão de desestímulo da consciência cívica do povo. Diante da angústia que esse panorama político faz surgir no coração de todos os que alcançam a extensão dos malefícios sociais que dele decorrem, é efetivamente consoladora, pelas novas esperanças que desperta, a crescente e impetuosa força de polarização de que se constituíram as candidaturas de Jânio Quadros e Porfírio da Paz. Um único sentimento justificou e estimulou essa formidável recuperação moral e política do povo: - a confiança nos seus dois representantes, homens do povo, cuja formação pessoal se fez nesta portentosa cidade, à vista de milhares de concidadãos, e cuja vida política se desenvolveu de igual modo, sempre caracterizada pela mais absoluta submissão aos princípios de moralidade pessoal e de dignidade pública. A confiança do povo nesses dois seus representantes teve o condão de criar o espetáculo arrebatador que São Paulo agora oferece à meditação de seus próprios governantes e à emulação de todas as populações brasileiras. Estabeleceu-se um divisor de águas e os desatinos de alguns homens públicos acarretaram a contrapartida da legítima clarificação das correntes populares que já asseguraram a vitória de Jânio Quadros e Porfírio da Paz. De um lado, estão três candidatos, cujo contubérnio não conseguiu esconder-se aos olhos do povo, e, do outro lado, está o próprio povo, e somente ele, na comunhão de todas as suas classes, na primeira conquista direta inconfundível do seu direito de autogoverno, de deliberação sobre o que é do seu legítimo interesse. Esse é o conteúdo empolgante da vitória que se completará amanhã, na palavra definitiva das urnas. Não se sintam banidos definitivamente os que serão superados na pugna eleitoral e que tenham o objetivo verdadeiro de servir ao povo com lealdade e firmeza. Recebam a decisão do povo como a demonstração, que é evidentíssima, de que nem tudo está perdido, pois a confiança do povo, como a fé, também demove montanhas. São Paulo, 21 de março de 1953. (aa) ANTONIO DE QUEIROZ FILHO – Presidente do Partido Democrata Cristão. ALÍPIO CORRÊA NETO – Presidente do Partido Socialista Brasileiro. J. A. MARREY JUNIOR – Pelos representantes do Partido Trabalhista Brasileiro.”. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530321-23883-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 22 fev. 2021.

modernizadora que buscava superar o atraso político existente. Apesar das angústias pelas quais a população passava devido à situação política no Brasil, o manifesto acima reproduzido bradava que “[...] é efetivamente consoladora, pelas novas esperanças que desperta, a crescente e impetuosa força de polarização de que se constituíram as candidaturas de Jânio Quadros e Porfírio da Paz.”

Com o desejo de mudança, a população foi às urnas para a eleição de março de 1953. Seria eleito o candidato pertencente ao grande grupo partidário (PSP, PTB, PSD, UDN, PRP, PR e PRT), que representava a continuidade da esfera política tradicional em São Paulo, ou o homem que se dizia representar o tostão, lançado pelos modestos PDC e PSB, mas que prometia cumprir com a recuperação moral e administrativa da cidade? Ou, ainda, seria eleito um dos “candidatos de brinquedo”, de forma a surpreender os políticos da capital paulista?

Após dominar a política em São Paulo durante a primeira metade do século XX, a máquina eleitoral, representada pelos partidos que garantiam a manutenção de seus aliados no poder foi, enfim, derrotada. E não foi uma disputa acirrada, como era de se esperar. Poucos dias após o pleito, a apuração dos votos já colocava Jânio Quadros na liderança, tendo sido eleito para a prefeitura paulistana com uma expressiva quantidade de votos: foram 284.922 para Jânio, frente aos 115.055 votos para o segundo colocado, Francisco Antônio Cardoso. Por sua vez, André Nunes Júnior contou com 18.663 e Ortiz Monteiro, com modestos 3.756 votos.⁸⁸

Podemos entender que a emblemática vitória de Jânio não foi, diante do que discutimos mais acima, fruto apenas do voto dos eleitores contra o governo (o que chamamos de voto de protesto). Viriato de Castro reverbera a campanha que Jânio fez, projetando a imagem de si como figura que integrava os anseios de um povo cansado da prática política existente à época das eleições de 1953. O autor afirma, sobre a vitória de Jânio:

Se prevalecesse a tese de que o “povo votou simplesmente contra o governo”, e não em Jânio Quadros, por que razão Jânio obteve 284.922 votos e Ortiz Monteiro apenas a ridícula soma de 3.756 votos? E André Nunes 18.663 votos? Não! O povo encontrou em Jânio Quadros o seu líder, aquele que poderia superar um estado de coisas já falido e ultrapassado. Todas as condições sociais existentes, colaboraram para a reação popular. Mas, a integração do movimento de reação na figura de Jânio é explicada apenas pelo próprio instinto popular que sabia ser Jânio o **mais fiel intérprete das suas aspirações**, naquele momento.⁸⁹

⁸⁸ VALENTE, Nelson. **A vida de Jânio em quadros**. São Paulo: Editora Nacional, 1993, p. 40.

⁸⁹ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 75. (Grifos nossos).

A passagem acima revela uma das principais características da campanha conduzida por Jânio Quadros: sua capacidade de atrair para si a confiança e o voto do povo paulistano, apresentando-se como a solução para os problemas nacionais alardeados no decorrer da campanha. Jânio foi capaz de direcionar seus discursos ao povo através das principais bandeiras apresentadas: o combate à corrupção, fim do clientelismo político, a possibilidade de melhorias no país, dentre outros aspectos que iam ao encontro do que o povo reivindicava.

Consagrada a vitória de Jânio, seu mandato teve início com a posse em 8 de abril de 1953, após ter renunciado à cadeira de deputado estadual na Assembleia Legislativa de São Paulo. Assumiu a prefeitura encontrando, segundo afirmava, uma situação desfavorável e grande déficit orçamentário, cuja missão principal seria recolocar o município na lisura econômica e na moralização administrativa.

Com o intuito de regular as finanças da cidade, propôs algumas medidas que, inicialmente, causaram certo desconforto entre a população, tais como a demissão em massa de funcionários públicos da prefeitura, a proibição da nomeação de novos funcionários sem a prestação de concursos públicos (uma vez que, anteriormente, a nomeação ocorria por meio de parentes, amigos e correligionários dos políticos no comando), corte de verbas em diversos setores (como o do transporte), supressão de concessões ou eliminação de favores políticos, abertura de sindicâncias e inquéritos contra funcionários tidos como desmerecedores de seu cargo, entre outras medidas.⁹⁰

Com a bandeira da racionalização das despesas, Jânio Quadros buscou colocar em prática uma série de projetos com o intuito de reorganizar a cidade de São Paulo, marcando um ponto de ruptura entre os governos anteriores, cujas principais características, dizia Jânio, ligavam-se ao atraso e ao paternalismo político, enquanto o seu governo corresponderia a uma nova política e modernização da sociedade.

A despeito da adoção de medidas mais rígidas e que causaram impacto negativo entre a população, o político obteve resultados significativos quase que de forma imediata, garantindo que o orçamento da prefeitura, já ao final de 1953, apresentasse um balanço mais positivo.⁹¹

Aos poucos, Jânio obteve o apoio de que necessitava para alavancar ainda mais a sua carreira. O político realizou uma série de melhorias na cidade durante seu curto mandato como prefeito, uma vez que antes de sua entrada no executivo municipal os prefeitos não davam muita atenção aos bairros mais pobres, mas àqueles em que a população de maior poder aquisitivo

⁹⁰ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 77-78.

⁹¹ Ibid., p. 78.

residia. Viriato de Castro é quem descreve, sob contraste, as atenções dos prefeitos que antecederam Jânio e suas preocupações e ações no executivo da cidade de São Paulo:

[...] havia sido sempre dar novos melhoramentos aos bairros da “gente de bem” da cidade e daqueles onde habitava a classe média; Jânio procurou melhorar os bairros da periferia, os bairros proletários, de gente humilde e, portanto, os mais populosos. Não só com obras nos bairros pobres e mais afastados o prefeito Jânio Quadros angariou a simpatia e confiança das massas trabalhadoras esquecidas, até então, dos poderes públicos, mas também com a criação de novas linhas de ônibus e bondes, as quais passaram a servir melhor os bairros mais necessitados.⁹²

Diante do que exploramos, podemos considerar que a inserção política de Jânio entre o povo mais carente foi decisiva, mas registre-se que o político também encontrou adeptos entre as camadas mais elevadas da sociedade. Sendo assim, ainda que o político tenha contado, no desenrolar de sua campanha, com o apoio de alguns empresários, o “reduto janista” estava localizado, essencialmente, entre a população dos bairros mais pobres, em especial o bairro de Vila Maria, na zona norte de São Paulo.

Ademais, à medida que Jânio, agora não mais em campanha, mas prefeito, conquistava a simpatia e a confiança da população, passava a associar, à sua figura, a imagem da eficiência na resolução dos problemas enfrentados pela parcela mais carente da sociedade, cujo apoio lhe serviu para vencer o pleito disputado e constituir sua proeminência na política brasileira.

Este quadro aponta como preocupação central dos atos de Jânio a melhoria das condições de vida das pessoas que mais necessitavam. E, neste sentido, Jânio procurou solucionar os problemas de transporte, saúde e melhorar a administração para os seus municípios. Isto é reflexo, também, de uma de suas propostas firmadas ainda durante a campanha: a de realizar um governo equânime para toda a população, possibilitando que as pessoas mais humildes tivessem a oportunidade de alcançar um nível de vida melhor e conseguissem, dessa forma, chegar às parcelas mais elevadas da sociedade, algo impensável até então e que, a partir do governo Jânio Quadros, passava a ser muito mais desejado entre a população, graças aos discursos feitos por Jânio e direcionados a essas camadas.

A partir do momento em que o político consolidou sua imagem, apresentando-se como a chave para a resolução das injustiças, além de se colocar como o representante de uma nova política (ou, ainda, de uma nova forma de governar), que não estaria ligada aos conchavos políticos presenciados anteriormente, Jânio Quadros foi capaz de se estabelecer, mais

⁹² CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 78.

efetivamente, em um cenário político cada vez mais amplo, o que lhe possibilitou a disputa por novos cargos e desafios ainda maiores, cruciais no desenrolar de sua vida pública.

“JÂNIO VEM AÍ!” – a campanha para governador de São Paulo (1954)

Em outubro de 1954 ocorreram as eleições para o governo do estado de São Paulo. Em meio às disputas para saber quem seria o candidato apoiado pelo então governador Lucas Nogueira Garcez, Jânio Quadros se aproveitou de sua popularidade e do apoio que ganhara com a repercussão de seus mandatos como vereador, deputado estadual e, mais recentemente, como prefeito de São Paulo, todos eles conquistados em um curto período.

Na campanha que passamos a analisar mais atentamente neste momento, desenvolvida ao longo de 1954, enquanto Jânio ainda era prefeito de São Paulo, notamos que houve certa reconfiguração quanto ao público-alvo para o qual Jânio direcionava seus discursos. Ele não deixou, evidentemente, de apelar à classe trabalhadora e operária do estado em busca de votos, mas, neste pleito, Jânio também procurou associar, para si, uma imagem que fosse além daquela do “tostão” propalada na campanha anterior. De acordo com o jornalista Ricardo Arnt:

Diante das candidaturas de Prestes Maia, apoiada pelo governador [Lucas] Garcez, e de Adhemar [de Barros], apoiada pela máquina do PSP no interior, o prefeito reinvestiu na mística de candidato pobre, abnegado, com saúde precária, independente e sem compromissos. Dessa vez, entretanto, o homem do tostão negociou com os homens do milhão. Empresas farmacêuticas atraídas por Olavo Fontoura, fazendeiros e cafeicultores liderados pelo deputado federal Auro de Moura Andrade, candidato ao Senado na chapa janista, ajudaram a campanha. Em consequência, recrudesceram os ataques para “desmascarar” a alegada pobreza de Jânio.⁹³

Na campanha para o governo de São Paulo, Jânio pareceu se preocupar, mais do que nas anteriores, com a origem do apoio recebido, uma vez que o político contou com o respaldo de setores mais conservadores da sociedade. Além disso, a migração do eixo de sua campanha, anteriormente focada na cidade de São Paulo, para o âmbito mais amplo do estado, definiu outra alteração na estratégia por ele adotada. Tal medida decorre de alguns fatores, a saber, a busca por financiamentos à campanha, a necessidade de um número maior de eleitores para alcançar a vitória e as dificuldades de comunicação com as cidades do estado, especialmente no interior, nas quais seu principal opositor, Adhemar de Barros, contava com grande prestígio.

⁹³ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros: O Prometeu de Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 89.

Neste período da história política brasileira, o apoio e investimento de grandes empresários a determinados candidatos era prática recorrente e, normalmente, era garantia de vitória ao candidato apoiado, sendo que Jânio Quadros, a par dessa situação, também procurou obter o seu incentivo. Como podemos observar na charge a seguir, valia quase tudo em uma campanha de proporções tão significativas, como foram as eleições de 1954:

Figura 5 – Os símbolos de Jânio e Adhemar



Fonte: Revista FLAN, 1954⁹⁴

Jânio possuía grande habilidade em concentrar, à sua volta, diferentes parcelas da sociedade, graças à sua compreensão do funcionamento de campanha e do ambiente no qual cresceu e se desenvolveu politicamente. Dessa forma, à medida em que o político conquistava a simpatia e o apoio popular, cresciam, cada vez mais, seus anseios em relação à política brasileira.

Para a empreitada rumo aos Campos Elíseos, Jânio buscou reforçar o símbolo de sua

⁹⁴ Disponível em: <http://bernardoschmidt.blogspot.com/2015/03/janio-adhemar-e-nassara.html>. Acesso em: 19 mar. 2021.

“vassoura anticorrupção”, utilizando-se também de um novo *slogan* que pudesse levá-lo – ou ameaçar a manutenção do *status quo* dos políticos tradicionais – ainda mais para perto dos eleitores de São Paulo: “Jânio vem aí!”. O uso desse bordão pode ser explicado enquanto tentativa de Jânio em adentrar os territórios dominados por Adhemar de Barros, sobretudo no interior do estado. Na figura abaixo, observa-se um dos comícios realizados em 1954, no qual Jânio aparece recolhendo uma vassoura, símbolo de suas campanhas, de um de seus interlocutores.

Figura 6 – Jânio em comício em Catanduva (SP)



Fonte: Catanduva Cidade Feitiço, 2015⁹⁵

O *slogan* adotado mostrou-se sucinto, porém, eficiente: com ele, Jânio transmitia a mensagem de que alcançaria toda a população paulista, mesmo nas cidades em que Adhemar detinha a maior parte dos eleitores. Nos comícios pelo interior, Jânio criticava Adhemar e sinalizava melhorias na condição de vida das pessoas, melhorias estas que seriam conquistadas, somente, se o ex-interventor não fosse eleito e Jânio alcançasse a vitória. Como afirma Ricardo Arnt, Jânio Quadros possuía um “[...] talento histriônico e a eloquência oratória fascinavam os novos eleitores.”⁹⁶, contribuindo para que Jânio obtivesse mais adeptos.

Ainda de acordo com Arnt, Jânio chegou a ser aconselhado a não ir para o interior realizar a campanha, em virtude da força que Adhemar de Barros mantinha nestas cidades, em oposição à capital do estado, uma vez que ela já havia sido conquistada pelo carisma de Jânio com o seu mandato de prefeito, desempenhado desde março de 1953. Jânio, ao contrário,

⁹⁵ Disponível em: http://www.catanduvacidadefeitico.com.br/site/exibemateria.php?noticia_id=1281. Acesso em: 20 mar. 2021.

⁹⁶ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros: O Prometeu de Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 91.

ignorou o conselho e realizou a campanha por todo o estado, desde a capital, a região metropolitana e o litoral, chegando às mais diversas cidades e percorrendo as mais longínquas estradas ao longo dos meses que precederam as eleições, no intuito de conquistar cada vez mais o apoio à sua forma de fazer política.

Vale destacar que, para além do *slogan* e de sua vassoura, Jânio também se valeu do *jingle* “Varre, varre, vassourinha” em sua campanha para o governo de São Paulo, que seria rememorado com dimensões ainda maiores nas eleições à presidência da República, anos depois, levantando as bandeiras da honradez, do trabalho e da moralização no combate à corrupção, pontos essenciais de sua visão sobre o país.

Atentando-se mais sobre aspectos da campanha, vale notar que, ainda que o jornal *O Estado de S. Paulo* não fosse adepto de Jânio Quadros, este veículo de comunicação chegou a divulgar algumas propagandas do político no decorrer do pleito, mostrando que Jânio conseguiu, mesmo que timidamente, inserir-se na disputa para governador com o apoio dos empresários. Exemplo disso pode ser observado nesta propaganda divulgada no periódico supracitado:

Figura 7 – Propaganda de Jânio veiculada no periódico *O Estado de S. Paulo*



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 1954⁹⁷

A propaganda veiculada no jornal não contém muitas informações, no entanto, ela nos permite aferir três pontos essenciais da campanha desenvolvida por Jânio: a defesa da moralização dos costumes e da administração pública, o trabalho de moralização previsto para

⁹⁷ *O Estado de S. Paulo* apud FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão**: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal *O Estado de São Paulo* (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013, p. 143.

o governo do estado e, finalmente, a honradez de sua pessoa, apresentando-se enquanto incorruptível diante da política praticada até aquele momento.

Na campanha para o governo do estado é curioso notar a dissociação entre o seu discurso e a sua *performance*, algo que entendemos como uma estratégia utilizada para arregimentar ainda mais camadas da população: enquanto a sua imagem procurava se assemelhar àquela da população trabalhadora e pobre, sua linguagem e oralidade mais formais, por sua vez, pareciam situá-lo em meio à classe média, que acompanhava atentamente os comícios e discursos do candidato que passava, a partir de então, a dialogar mais diretamente com ela.

É em meio a este cenário de disputas políticas – e morais – que a eleição estadual colocava, frente a frente, os principais candidatos de São Paulo: Jânio Quadros (apoiado pelo PTN e PSB), Adhemar de Barros (fundador do PSP), o ex-prefeito da capital, Prestes Maia (apoiado por Garcez e pela UDN) e, concorrendo pelo trabalhismo de Getúlio Vargas, Wladimir de Toledo Piza (PTB).

Fato importante a se destacar em relação ao ano de 1954 é que ele seria marcado por uma tragédia na política brasileira, a qual iria interferir na disputa para o governo de São Paulo: o suicídio do então presidente Getúlio Vargas. Sobre este evento nos conta Viriato de Castro:

Houve, contudo, um instante, que decidiu a eleição. Foi quando, do Rio de Janeiro, veio a notícia terrível do suicídio de Getúlio Vargas. O 24 de agosto de 1954, na realidade, decidiu a eleição de 3 de outubro de 1954. A reviravolta que se operou, com o suicídio do presidente da República, nas massas trabalhadoras, enfraqueceu a candidatura do dr. Maia, que era prestigiado pela UDN, partido que, ao ver dos trabalhadores, tinha culpa naquele desenlace.⁹⁸

A perda de apoio sofrida por Prestes Maia representou uma virada política favorável a Jânio Quadros, que herdou uma parcela dos votos de Maia e, com isso, conseguiu disputar mais acirradamente o cargo com Adhemar. A despeito disso, contudo, a vitória de Jânio para o governo de São Paulo ainda era muito desacreditada pelos seus adversários, uma vez que a força de Adhemar e de sua forma de fazer política ainda estavam presentes em grande parte do estado, conforme nos conta Viriato: “[...] no interior, só ganhava o candidato que tivesse a máquina montada, a famosa máquina eleitoral, azeitada, durante anos, pelos velhos políticos, pelos famosos ‘donos do eleitorado’, contados por cabeça, como se fossem cabeças de gado.”.⁹⁹

A imprensa teve um importante papel na tentativa de enfraquecer a campanha de Jânio Quadros, uma vez que panfletos foram veiculados em jornais para reafirmar a força que Prestes

⁹⁸ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 106.

⁹⁹ Ibid., p. 110.

Maia teria no interior do estado, justamente onde Adhemar controlava o eleitorado. Com isso, buscava-se o apoio dos janistas a Maia, uma vez que Jânio não teria, acreditava-se, força suficiente para derrotar Adhemar, como podemos observar em um desses panfletos:

Figura 8 – Propaganda em apoio à Prestes Maia

JANISTA AMIGO!

Sem odios e sem rancores falemos com lealdade:
 Janio terá boa votação na capital, mas perderá no interior
 Janio não tem organização partidária no interior
 Janio não tem cédulas no interior
 Janio terá boa votação na capital, mas perderá no interior...

**QUEM EM JANIO VOTAR
 ESTARÁ AJUDANDO A ADHEMAR!
 PRESTES MAIA ESTÁ VENCENDO
 ADHEMAR NO INTERIOR!**

Reforce essa vitória na capital para salvar São Paulo das
 garras de Adhemar!
 Janista, sua causa também é nossa!
 Nossos amigos Janio e Porfírio continuarão na Prefeitura
 unidos a Prestes Maia nos Campos Elísios!

**DERROTEMOS ADHEMAR FAZENDO
 PRESTES MAIA GANHAR**

Esta previsão eleitoral é exata:

Janio	318
Adhemar	335
Prestes Maia	355

Em nome de São Paulo, janista amigo, contamos com você
 ao lado de

PRESTES MAIA
 E juntos comemoraremos a vitória!

Fonte: *Folha da Manhã*, 03/10/1954¹⁰⁰

¹⁰⁰ *Folha da Manhã* apud MELLÃO NETO. João. **Jânio Quadros**: 3 estórias para 1 história. São Paulo: Editora Renovação, 1982, p. 87.

Outra imagem de um dos comícios de Jânio Quadros em campanha para governador pode ser vista a seguir, na qual observamos diversos cartazes afixados em seu palanque onde lemos a frase “A vassoura que varre a capital varrerá o estado”. Com esse cartaz, Jânio foi capaz de mostrar sua perspicácia ao rememorar, para o cenário estadual, as práticas adotadas enquanto prefeito de São Paulo, mostrando que ele manteria sua atitude contra a bandalheira e a corrupção dos demais políticos, também, no âmbito estadual.

Figura 9 – Jânio em campanha para governador



Fonte: GIBANET, 2011¹⁰¹

Mesmo com os prognósticos contrários e a descrença dos opositores em sua vitória, Jânio conseguiu a façanha de ser eleito governador de São Paulo com apertada vantagem em relação a Adhemar (aproximadamente 20 mil votos). O resultado final da eleição foi o seguinte: Jânio Quadros (eleito) com 660.264 votos, Adhemar de Barros, em segundo lugar, com 641.960 votos, Prestes Maia, com 492.518 e, por fim, Wladimir Piza, com 79.783 votos.¹⁰²

Ainda que eleito em votação acirrada, o feito conquistado por Jânio foi importante por desbancar Adhemar de Barros e por alavancar ainda mais a sua imagem no cenário político nacional anos depois, primeiramente como deputado federal pelo estado do Paraná, eleito em

¹⁰¹ Imagem retirada do sítio GIBANET, sem referência de fonte. Disponível em: <https://gibanet.com/janio-da-silva-quadros-e-as-pecas-publicitarias/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

¹⁰² VALENTE, Nelson. **A vida de Jânio em quadros**. São Paulo: Editora Nacional, 1993, p. 45.

1958 e, em seguida, para a presidência da República, em 1960.

Eleito governador, contudo, Jânio não possuía um programa de governo muito bem estruturado, mas isto não foi empecilho para que conquistasse o assentimento da sociedade paulista. De acordo com Castro, que reproduz as falas de Jânio, ele dizia ao povo: “- Que programa? Como? Com as finanças falidas, as obras paralisadas, os ‘déficits’ amontoados? Tinha apenas uma promessa a fazer – trabalho e honradez! E pedia ao povo – dê-me a vassoura, que a varredura ficará por nossa conta!”.¹⁰³

Diante deste cenário, o discurso construído por Jânio Quadros, neste momento de sua trajetória política, mais direcionava ataques aos seus antecessores, em vez de apresentar um programa de governo dirigido ao desenvolvimento do estado. Graças ao argumento relacionado à capacidade de trabalho e honradez é que Jânio conseguiu base para governar São Paulo, cumprindo integralmente o seu mandato (algo que somente aconteceria nesta ocasião).

Nessa campanha, Jânio afirmava, quanto às influências que poderia sofrer dos partidos que o apoiavam: “O trabalhador da cidade e dos campos que me elegeu, humilde e sofredor, não me sujeita a qualquer partido, a qualquer grupo, a qualquer indivíduo. Sujeita-me tão-só e exclusivamente ao bem comum.”.¹⁰⁴ Com este discurso, Jânio marcava sua independência em relação aos partidos políticos, reafirmando que não se deixaria levar pelos grandes conluios.

Eleito em outubro de 1954, Jânio Quadros tomou posse como governador após renunciar ao mandato de prefeito da capital, em 31 de janeiro de 1955. No discurso de posse realizado nos Campos Elíseos, Jânio indicava alguns elementos que deveriam orientar as ações no seu mandato, ações ligadas à sua ideia de moralidade, por um lado, e, por outro, à reorganização do estado, sem o detalhamento, por sua vez, de como elas seriam implementadas. Em parte de seu discurso de posse, Jânio afirma como agiria durante o mandato, apesar dos problemas existentes em São Paulo:

- Senhor Governador [Lucas Garcez, antecessor de Jânio].

Recebo de V. Exa. a suprema direção do Estado.

Vou honrá-la. Ainda ontem, nascido de um médico de roça, eu crescia em Garça e Cândido Mota, que meu pai ajudava a desbravar, na luta diuturna dos encargos de família, agravados com as despesas de minha educação.

Viera eu da Campo Grande longínqua que ascendia, tímida e pobrememente, às primeiras luzes do seu progresso.

Cursei, então, o ginásio, a nossa Academia. É paulistana a minha esposa e a menina a quem lego o meu nome.

Aqui, o povo me conduziu à Câmara Municipal, e, a seguir, à Assembleia, e, depois, à Prefeitura, e, agora, a este Palácio. O povo das cidades, e o povo dos

¹⁰³ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 113.

¹⁰⁴ CPDOC/Forense-Universitária. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro 1930-1983**. FGV/CPDOC-FINEP, 1984, p. 2848.

campos. O povo de todas as vilas-maria, anônimo, esquecido, generoso e sofredor.

Volto-me para ele, o povo augusto, embora empobrecido; invencível, embora paciente.

Volto-me e digo-lhe: mantenha a fé, eis que se inicia a tentativa, que é a experiência por muitos sonhada, do governo honrado e diligente, e inflexível, e imparcial, e áspero, e impiedoso.

Do governo cujo “sim” é “sim”, cujo “não” é “não”. Do governo dos grandes e também dos pequenos, dos ricos e também dos desfavorecidos, dos influentes e também dos humildes. Do governo que não furta, nem permite furto, no níquel de centavo ou na fortuna de milhões. Do governo que acredita na liberdade e no Direito, sem que confunda aquela com a licença, e este, com as conveniências das pessoas ou dos grupos.

Do governo cômico das terríveis responsabilidades desta hora, e das ameaças que rondam a nossa ordem econômica e a nossa paz social, e o regime das urnas soberanas.

Reitero: mantenha o povo a fé.

Não transigiremos, na experiência emocionante, quer com o corrupto, quer com o mentiroso, quer com o violento. As instituições não serão sacrificadas, sem que devam sacrificar-nos.¹⁰⁵

No discurso, Jânio Quadros se apresentava enquanto transformador da política em São Paulo e como um político que não transigiria com os corruptos que ameaçassem seu mandato. Dessa forma, prometia que sua administração seria marcada pela rigidez na tomada de decisões.

Uma de suas primeiras medidas como governador foi regularizar as finanças no estado, a partir de ações como a demissão de funcionários públicos extranumerários, algo que já havia realizado em seu mandato na prefeitura de São Paulo, quando foi responsável pela dispensa de, aproximadamente, onze mil servidores, o que causou um impacto negativo na imprensa e na opinião pública.¹⁰⁶ Suas ações nessa direção, ainda que bastante controversas, contribuíram para que as contas do estado fossem, pouco a pouco, reequilibradas.

Ainda com relação às contas do estado, de acordo com Viriato de Castro, Jânio realizou uma recuperação financeira em São Paulo e moralizou a máquina burocrática, que, anteriormente, favorecia os interesses dos políticos mais tradicionais. O autor apresenta alguns discursos de Jânio que coroavam as suas ações e lhes ampliavam a visibilidade: “[...] moralizar não é só punir os desonestos; é também premiar os decentes e, paralelamente, racionalizar os serviços públicos.”¹⁰⁷

Castro ainda considera que Jânio Quadros, enquanto governador, deu continuidade à política de combate aos males por ele identificados no estado, criticando desde a máquina

¹⁰⁵ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 119.

¹⁰⁶ Ibid., p. 120-121.

¹⁰⁷ QUADROS, Jânio apud CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 124.

burocrática, até às injustiças cometidas contra os mais pobres, resultado das desigualdades sociais no estado. O político procurou, ainda de acordo com o autor, colocar em prática as reformas defendidas em sua campanha, no intuito de moralizar a administração pública e torná-la mais eficiente, em associação à imagem transmitida de si próprio à população.

Neste sentido, desde a campanha aos Campos Elíseos, até seus últimos anos no governo de São Paulo, uma das principais marcas transmitidas por Jânio Quadros foi a defesa da recuperação moral e administrativa do estado. Com isso, Jânio constituiu uma forma de ele próprio se identificar com seus eleitores, através da mobilização de imagens e discursos que elucidavam alguns dos problemas existentes no Brasil (desigualdades sociais, corrupção, paternalismo político) e que somente ele seria capaz de solucionar.

Outra característica de Jânio que se tornou evidente com a ampliação de sua presença na cena política e que passou a ganhar maiores proporções neste mandato no governo de São Paulo foi o autoritarismo, que iria acompanhá-lo daí em diante. Como bem destaca Ricardo Arnt em relação ao autoritarismo de Jânio: “Os eleitores podiam não perceber, mas Jânio crescia na política fazendo o que acusava os políticos de fazer. Para esses, urgia desmascará-lo. Mas ao mesmo tempo [Jânio] também defendia interesses populares.”¹⁰⁸

O político, com isso, mostrava-se difícil de ser compreendido e a imprensa o criticava por conta deste seu traço, acusando-o, declaradamente, de ser anticonstitucional e autoritário. A propósito do movimento da imprensa sobre o perfil de Jânio, acrescenta Viriato de Castro:

Os jornais, desse modo, passaram a ventilar a lenda de que Jânio não se dava bem com o regime de liberdade, de democracia. Achavam-no com temperamento de caudilho, que odeia liberdade de crítica, de discussão. Uma personalidade despótica, ditatorial, que viria a ameaçar o regime constitucional, caso chegasse a ser presidente da República [...].¹⁰⁹

Antes de analisarmos a vitória de Jânio ao cargo de presidente da República, é importante destacar que o político ainda seria eleito deputado federal pelo estado do Paraná, em 1958. Nessa campanha, feita de forma diferente das anteriores (pautadas mais no corpo a corpo entre o candidato e a população), Jânio compareceu somente em alguns comícios, sendo que o restante da divulgação de sua imagem ocorreu através do trabalho de sua equipe administrativa no Paraná. Ainda assim, o político alcançou um recorde de votos nas eleições de 1958, tendo

¹⁰⁸ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros**: O Prometeu de Vila Maria. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 95.

¹⁰⁹ CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 155.

obtido o total de 78.810 votos¹¹⁰, marca expressiva de sua força política e da repercussão positiva de seus mandatos, agora, em nível nacional. Após ter sido eleito, porém, Jânio não compareceu a nenhuma das sessões do Congresso.

A despeito de sua ausência nos comícios, essa vitória mostrou a potencialidade que Jânio Quadros tinha, uma vez que conseguiu vencer uma eleição federal, em um estado no qual não tinha nenhuma tradição, e, o que surpreende ainda mais, sem participar ativamente da campanha. Entendemos, dessa maneira, que o seu nome ganhava dimensões ainda maiores e poderia ser de grande interesse para alguns partidos o apoiarem daí em diante.

Com relação ao mandato de Jânio como governador, podemos considerar que a fundamentação de suas concepções e o seu modo de atuar estavam, previamente, definidos. Certos traços o acompanharão durante toda a sua trajetória política, tais como a defesa da moralização administrativa, a moralização dos usos e costumes e, principalmente, a importância que ele atribuía ao Estado enquanto agente político controlador, fiscalizador e educador da sociedade.

É importante destacar, por fim, que Jânio não havia confirmado a sua candidatura à presidência até meados de 1959, sendo que a imprensa, os políticos e a população como um todo apenas especulavam em relação à sua decisão. Sobre a candidatura, Vera Chaia apresenta, no trecho a seguir, o posicionamento de Jânio Quadros sobre as futuras disputas que ele iria participar:

[...] no ano de 1958, ao ser perguntado se pretendia se candidatar à Presidência da República em 1960, Jânio Quadros respondeu: “Não estou certo de coisa alguma. Digo isto com a mais marcada sinceridade. Quanto mais tenho subido na vida, mais cresce em mim o temor de Deus. O que ele quiser far-se-á”. Poucos meses depois, a pergunta se repetiu e Jânio respondeu: “Sou! Sou candidato à Presidência da Nação! Senti que esse é o desejo do povo. Nas minhas andanças pelo Estado, sempre que me referi a esse assunto senti a vibração do povo. **São Paulo reivindica para si a direção da República**”.¹¹¹

Podemos observar, na última frase do excerto, o quanto Jânio mobiliza o processo de identificação entre o estado de São Paulo e a República do Brasil, ao sinalizar que os paulistas reivindicavam a presidência do país, abrindo caminho para que ele fosse o representante desse povo no intuito de alcançar tal objetivo. Ao identificar o anseio do povo paulista, o político se colocava à disposição para disputar o cargo de presidente do Brasil.

Para encerrar, é importante destacar que um dos grandes diferenciais da carreira política de Jânio é que ele não associava o seu nome a partidos e grupos dominantes no estado de São

¹¹⁰ CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 152.

¹¹¹ CHAIA, 1991, loc. cit. (Grifos nossos).

Paulo. Com isso, Jânio era capaz de transmitir a imagem de um político sem amarras com grupos privilegiados, tanto de São Paulo, quanto do Brasil, ainda que obtivesse o apoio destes em suas campanhas.

Dessa forma, uma série de questões ainda seriam colocadas em relação ao partido pelo qual Jânio concorreria à presidência da República e quanto ao lançamento de sua candidatura oficial, algo que poderemos verificar, com maiores detalhes, em nosso próximo tópico, dedicado a compreender melhor as visões do Brasil e dos brasileiros mobilizadas por Jânio em sua campanha presidencial, capazes de conduzi-lo à vitória.

“A ESPERANÇA DO BRASIL” – a campanha presidencial de Jânio Quadros (1960)

Escolher o caminho a ser percorrido em nossa análise, a partir deste momento da trajetória política de Jânio Quadros, exige uma atenção mais do que especial, tendo em vista que o seu mandato na presidência do Brasil durou menos de sete meses. A despeito disso, tal momento é significativo para compreendermos de que forma o político obteve apoio da sociedade a partir das formulações de Brasil e de brasileiros mobilizadas em suas campanhas.

De forma muito rápida, a campanha realizada entre 1959 e 1960 alcançou um número de eleitores nunca antes imaginado para a época, sendo que o apoio a Jânio veio de forma parecida às campanhas para prefeito e governador, graças à adesão de polos antagônicos da sociedade: desde parcelas mais carentes da população, que ele já havia conquistado a confiança, até setores mais ricos da sociedade; dos mais incultos, aos mais letrados; da população mais jovem, àquela mais experiente; dos homens e das mulheres; dos conservadores, mas também dos progressistas.

Na campanha para a presidência da República, o nome de Jânio Quadros ecoava por todo o Brasil, justamente pela repercussão de seus mandatos e o triunfo na política paulista. Em cada comício que Jânio realizava, a população era capaz de identificar seus anseios em função das imagens associadas ao político e dos discursos propalados. Palavras como moralidade, trabalho, honradez, austeridade, combate à corrupção e racionalização da máquina política integravam seus discursos, compondo suas bandeiras.

O político João Mellão Neto resume, em curioso traçado, a imagem que figurava de Jânio Quadros à altura da campanha pela presidência:

Após entregar em janeiro [de 1959] o governo do Estado ao seu sucessor [Carlos Alberto Carvalho Pinto], Jânio Quadros partira para uma viagem de volta ao mundo. Já nessa altura o seu nome atravessava as fronteiras paulistas e corria o Brasil como sinônimo de austeridade e dinamismo no trato do negócio público. Jânio aos homens do povo formava uma imagem nova: diferente dos outros políticos ele era uma demonstração cabal de que um homem podia ser puro sem ser ingênuo, idealista sem ser sonhador, honrado sem ser inocente. Não era um indefeso escoteiro imbuído de boas intenções, mas um político bastante sagaz para não ser massacrado por seus pares. Se jogado às feras não lhes seria presa fácil pois sabia enfrentá-las com suas próprias armas. Era enfim a imagem do homem que todos esperavam para pôr fim à corrupção e reformar as feudais estruturas políticas, econômicas e sociais do Brasil.¹¹²

A campanha de 1960 para a presidência representou um marco para a política brasileira, entre outras razões, porque o presidente eleito naquele pleito seria o primeiro a tomar posse na recém-inaugurada cidade de Brasília, construída durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) para ser a nova capital federal.

A construção da cidade, um dos principais objetivos do Plano de Metas proposto por Juscelino, também buscava consolidar a imagem de um Brasil que se encontrava em constante movimento e modernização, algo que coincidia com a imagem que Jânio procurava construir e publicizar de si mesmo. Também é importante ressaltar que essa campanha marcou a maior eleição direta verificada até então, sendo que os políticos buscaram o apoio de seu eleitorado através de comícios e associações partidárias, o que lhes possibilitavam estar “nos braços do povo”, como podemos observar na figura abaixo.

Figura 10 – Jânio em Vila Maria



Fonte: Memorial da Democracia, 2015¹¹³

¹¹² MELLÃO NETO, João. **Jânio Quadros: 3 histórias para 1 história**. São Paulo: Editora Renovação, 1982, p. 134.

¹¹³ Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/um-presidente-da-udn-um-vice-do-ptb>. Acesso em: 30 abr. 2021.

Na imagem anterior, Jânio estava sendo carregado pelo povo em um de seus comícios no bairro de Vila Maria (São Paulo), em 1960. Algo a se destacar, ainda com relação a essa imagem e dentre outros detalhes nela presentes, é o uso do boné de motoneiro por Jânio Quadros, que aludia aos trabalhadores urbanos que conduziam os bondes em São Paulo. Portando este elemento, Jânio constituía-se enquanto o representante oficial daquela camada, não apenas a dos motoneiros, mas de todos os trabalhadores que desempenhavam suas funções diariamente e que nele enxergavam uma possibilidade, ainda que remota, de melhorias em sua condição de vida.

Antes de iniciar a campanha, Jânio se afastou dos holofotes. Não que isto tenha ocorrido porque ele não desejava a repercussão que sua imagem lhe traria, muito pelo contrário, e sim porque ele buscava, com essa atitude, afastar-se do campo das negociações entre os partidos políticos, no desejo de preservar a sua imagem de independência frente aos partidos e aos políticos brasileiros. Vera Chaia interpreta este afastamento nos seguintes termos:

Em muitos momentos de sua carreira política, Jânio Quadros alegou cansaço, trabalho excessivo e abnegação pelo bem-estar do povo. Na realidade, a sua ausência do cenário político brasileiro era uma estratégia política, a fim de que as articulações fossem feitas pelo seu *staff* administrativo. Com essa atitude, Jânio procurava preservar a sua imagem de político que não transigia e não negociava.¹¹⁴

Com essas estratégias de Jânio como referência, podemos avaliar, com maiores detalhes, o desenrolar de sua campanha ao Palácio do Planalto, concluída com sucesso em outubro de 1960. Oficializada em abril de 1959, a campanha de Jânio teve início graças à mobilização realizada, inicialmente, por meio de iniciativa popular, como podemos observar no livro *A campanha da vassoura*, de Vandick da Nóbrega. Este livro constitui-se espécie de panfleto propagandístico acerca da imagem do candidato e foi idealizado pelos líderes do Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ). No trecho que segue, podemos observar como se erige a história da própria campanha enquanto instrumento da mesma:

[...] no dia 20 de abril de 1959, em sessão pública realizada na cidade do Rio de Janeiro, no prédio da ABI [Associação Brasileira de Imprensa], foi instalado solenemente o Movimento Popular Jânio Quadros. Nessa ocasião o MPJQ lançou a candidatura do deputado [federal pelo Paraná] Jânio Quadros à Presidência da República. É importante assinalar que esse pronunciamento se verificou antes de qualquer Partido político haver tomado decisão neste sentido.¹¹⁵

¹¹⁴ CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 154-155.

¹¹⁵ NÓBREGA, Vandick L. da. **A campanha da vassoura**. Rio de Janeiro: Vandick L. da Nóbrega, 1960, p. 6.

É importante mencionar, a respeito desse trecho, que os membros do MPJQ procuraram reafirmar a vanguarda do lançamento da candidatura de Jânio. Poderíamos nos questionar se, de fato, este foi, ou não, o primeiro momento em que sua candidatura teria sido concebida ou proposta, mas o importante a observar é a associação deliberadamente efetuada entre o lançamento da campanha com a iniciativa do movimento popular, que reivindica este lugar pioneiro.

De uma forma ou de outra, a criação do movimento deixa claro o apoio popular que permeava a figura de Jânio Quadros, cujo pontapé inicial à campanha fora dado. O MPJQ seria o responsável por constituir a base popular de Jânio, antes mesmo do lançamento oficial de sua campanha através de algum partido. O movimento também foi responsável pela elaboração de um conjunto de princípios norteadores para a administração de Jânio Quadros, caso este fosse eleito, apresentados como o próprio pensamento do político, como podemos ver a seguir:

DECÁLOGO DO PRESIDENTE DE AMANHÃ

- 1 - JÂNIO promoverá o verdadeiro desenvolvimento econômico, porque não permitirá a emissão inflacionária.
- 2 - JÂNIO moralizará o sistema administrativo federal.
- 3 - JÂNIO restabelecerá a dignidade da função pública e a confiança do Povo no Governo Federal.
- 4 - JÂNIO tornará a Previdência Social uma realidade para o trabalhador, libertando-o dos “pelegos”.
- 5 - JÂNIO fará a reforma agrária de maneira prudente, justa e cristã, sem violar a Constituição Federal.
- 6 - JÂNIO promoverá, em bases reais, os desenvolvimentos industriais e agrícola, sem permitir o desequilíbrio desastroso entre um e outro.
- 7 - JÂNIO promoverá maior rendimento de nosso sistema educacional e criará o clima propício para incrementar, no País, a pesquisa científica.
- 8 - JÂNIO não só pavimentará estradas de rodagem, em proporção jamais alcançada pelos governantes anteriores, mas também não relegará a segundo plano a construção de ferrovias, tão necessárias para o barateamento dos transportes.
- 9 - JÂNIO manterá sua intransigência na defesa do nosso petróleo, combatendo, como sempre o fez, qualquer forma de entreguismo.
- 10 - JÂNIO elevará o Brasil no conceito das demais Nações e poderá torná-lo fator preponderante na realização de todos os ideais do panamericanismo.

ESTA É A ESPERANÇA DO BRASIL, QUE ESCOLHERÁ JÂNIO PARA SEU PRESIDENTE!¹¹⁶

O excerto acima guarda algumas orientações em relação à forma como a campanha de Jânio deveria ser conduzida. Um dos principais aspectos que chama a atenção neste decálogo reside na divulgação da imagem do político, qualificado como o representante do progresso e do desenvolvimento nacionais (primeiro, sexto e décimo princípios), bem como da moralização

¹¹⁶ NÓBREGA, Vandick L. da. **A campanha da vassoura**. Rio de Janeiro: Vandick L. da Nóbrega, 1960, quarta capa.

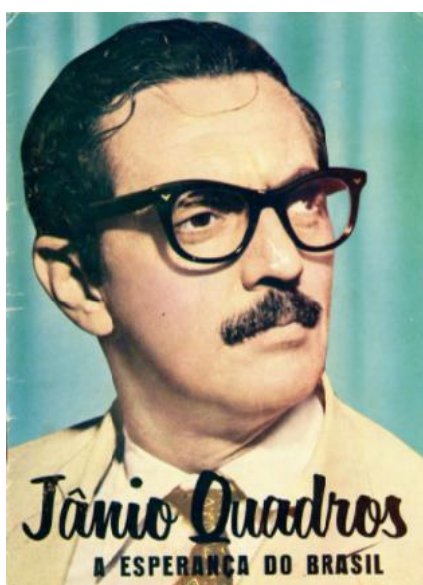
administrativa nacional (segundo princípio). Além disso, o MPJQ apresentava Jânio enquanto um “remédio salutar” aos problemas do país, sendo que o povo brasileiro poderia nele apostar para a melhoria das condições sociais e econômicas:

O Povo brasileiro, apesar dos pesares, tem a sorte de não precisar recorrer ao processo extremo, porque o remédio salutar para os males da hora presente poderá ser encontrado no dia 3 de outubro, quando for sufragado nas urnas, para a Presidência da República, o nome de Jânio Quadros, que se incumbirá de varrer da vida administrativa do País todo e qualquer resquício de espírito decenviral.¹¹⁷

Com essas bandeiras propostas pelo MPJQ, Jânio conquistava ainda mais adeptos à medida que realizava comícios pelo país e mobilizava a figura de um Brasil futuro na trilha do progresso. Para estimular a adesão à campanha, seus membros apelavam, inclusive, a um sentimento nacionalista, uma vez que o voto em Jânio era associado à melhoria do país. Neste sentido, afirmavam: “Estudantes, jornalistas e radialistas, arautos de todas as causas patrióticas, não poderão ficar impassíveis, porque o sentimento de brasilidade os impele a votar em Jânio Quadros.”¹¹⁸

Votar em Jânio seria, portanto, além de uma decisão política coerente a ser feita pelos eleitores, demonstração de patriotismo, de brasilidade da população, de afirmação de laços identitários com o país e de compromisso com o seu desenvolvimento. Jânio era proposto como síntese de esperança para o país, como se pode notar no panfleto a seguir:

Figura 11 – Jânio Quadros: esperança do Brasil



Fonte: Memorial da Democracia, 2015¹¹⁹

¹¹⁷ NÓBREGA, Vandick L. da. **A campanha da vassoura**. Rio de Janeiro: Vandick L. da Nóbrega, 1960, p. 47.

¹¹⁸ Ibid., p. 16.

¹¹⁹ Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/um-presidente-da-udn-um-vice-do-ptb>. Acesso em: 30 abr. 2021.

Nessas eleições concorriam com Jânio outros dois importantes políticos brasileiros: o marechal Henrique Teixeira Lott (do PSD e que ganhara maior visibilidade ao defender a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart, eleitos em 1955, naquele que ficaria conhecido como o “contragolpe preventivo” ou, ainda, o Movimento do 11 de Novembro) e o paulista Adhemar de Barros (líder do PSP), adversário de longa data de Jânio Quadros.

Nos comícios organizados pelo MPJQ, ocupava as placas o *slogan* “Não desespere: Jânio vem aí”, que parecia querer anunciar a chegada daquele que iria solucionar a agonia do povo brasileiro. Jânio também prometia que faria, pelo Brasil, tudo aquilo que lograra êxito no estado de São Paulo¹²⁰, em especial, combater a corrupção e realinhar as finanças públicas. Em meio a um clima de instabilidade política e aumento da inflação durante o governo de Kubitschek, a campanha de Jânio era proposta como “[...] a voz do povo a exprimir as mais profundas aspirações [...] de dignidade no governo, de moralidade na administração pública.”¹²¹ A imagem abaixo mostra o *slogan* presente na campanha:

Figura 12 – Slogan de campanha à presidência (1960)



Fonte: Anos Dourados: Imagens & Fatos, 2011¹²²

Em conjunto com o *slogan* foi composta uma música, amplamente veiculada nos rádios da época e que contribuiu para a divulgação da campanha de Jânio à presidência:

¹²⁰ CABRAL, Carlos Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 146.

¹²¹ Ibid., p. 145.

¹²² Imagem retirada do sítio Anos Dourados, sem referência de fonte. Disponível em: <http://www.anosdourados.blog.br/2011/10/fatos-noticias-da-epoca-de-02101960.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

O Jânio vem aí
 A sua marcha ninguém pode segurar
 O povo agora só confia na vassoura
 Pra progredir, pra melhorar
 O Jânio vem aí
 É a nova era que começa a despontar
 Chegou a vez de todo o povo brasileiro
 Viver feliz e prosperar
 De leste a oeste, de norte a sul
 Do Oiapoque até o Chuí
 Ô abram alas, ô abram alas
 Que o homem da vassoura vem aí
 De leste a oeste, de norte a sul
 Do Oiapoque até o Chuí
 Ô abram alas, ô abram alas
 Que o homem da vassoura vem aí
 O Jânio vem aí
 A sua marcha ninguém pode segurar
 O povo agora só confia na vassoura
 Pra progredir, pra melhorar
 O Jânio vem aí
 É a nova era que começa a despontar
 Chegou a vez de todo o povo brasileiro
 Viver feliz e prosperar
 O Jânio vem aí!¹²³

A música deixa transparecer a integração nacional que Jânio propunha realizar no Brasil. Além disso, também destaca que o progresso está associado ao fim da corrupção, que seria alcançado a partir da “limpeza” na política, como podemos observar nos versos “O povo agora só confia na vassoura/Pra progredir, pra melhorar”. Dessa forma, percebe-se que o maior problema do país é, sem dúvida, a corrupção, que deve ser “varrida” de vez para, enfim, instalar-se o progresso e a melhoria em todos os cantos do Brasil.

É interessante, ainda, a reflexão feita por Mellão Neto, na qual destaca a importância que o MPJQ teve durante essa campanha: “[...] o movimento ia se espraiando pela Nação até o ponto em que o ‘Jânio vem aí’, antes um aviso sussurrado para anunciar os comícios, tornou-se um verdadeiro grito de guerra do povo inflamado.”.¹²⁴ Neste sentido, a candidatura de Jânio se anunciava e se constituía por meio da associação entre o político e o povo, entre o salvador e aqueles que necessitam da salvação.

A campanha de Jânio contou, ainda, com a divulgação da imagem do político a partir de cartazes, cédulas e broches, distribuídos à população graças ao trabalho incansável dos

¹²³ SOBRINHO, Maugéri; DAGÔ, Victor; MULLER, Lauro. **O Jânio vem aí**. [S.l.]: RGE, 1960. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/composicao/121622/o-janio-vem-ai>. Acesso em: 2 maio 2021.

¹²⁴ MELLÃO NETO, João. **Jânio Quadros: 3 estórias para 1 história**. São Paulo: Editora Renovação, 1982, p. 153.

correligionários do político que se viam, em parte, como responsáveis pela mudança que Jânio tanto propagava ao público. Eis alguns desses materiais:

Figura 13 – Materiais de campanha de Jânio Quadros



Fonte: Elaborado pelo autor¹²⁵

A campanha presidencial de Jânio Quadros conseguiu alcançar, pela primeira vez na história política brasileira, o espaço televisivo, marcando uma nova era nas disputas eleitorais. Em 1960 foi televisionada uma propaganda favorável ao político, na qual decorre o diálogo entre um marido e sua mulher, representantes de uma família tradicional brasileira da época:

MULHER: Você já viu a conta do leiteiro?
 HOMEM: Novo aumento, não é? E tá [sic] certa a conta?
 MULHER: Infelizmente está.
 HOMEM: É... o jeito é votar no Jânio.
 NARRADOR: Jânio é a única esperança do Brasil!¹²⁶

¹²⁵ Materiais agrupados a partir da busca em acervos iconográficos. Disponível em: <http://www.jws.com.br/2021/01/1960-propagandas-de-janio-quadros/>. Acesso em: 2 maio 2021.

¹²⁶ MORAES, Euclides Rodrigues de. 1960 – Jânio Quadros comercial. **Youtube**, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdkFq3c2Gy8&t=24s>. Acesso em: 2 maio 2021.

O crescimento de Jânio fazia parte de um grande esforço por parte do político e de sua equipe administrativa, a fim de conquistar ainda mais pessoas ao longo de sua caminhada à presidência. Faltava, no entanto, algo extremamente importante para que a carreira em direção à presidência fosse vitoriosa: o apoio de grandes partidos políticos. E este apoio não demoraria a aparecer, pois alguns dos principais partidos desejavam apoiar a candidatura de Jânio, dado o alcance de seu nome em nível nacional. A UDN, buscando reerguer-se no cenário político comprometido com o suicídio de Getúlio Vargas, procurou apoiar e incentivar a campanha de Jânio Quadros.

Houve, no entanto, um impasse sobre o nome oficial da candidatura a ser lançada pelo partido: disputavam a posição oficial dois importantes políticos, Juraci Magalhães, governador da Bahia, e Jânio Quadros, ex-governador de São Paulo. Carlos Lacerda, um dos principais membros da UDN e líder do partido no Rio de Janeiro, defendia a candidatura de Jânio, como podemos observar em relato presente no livro de Ricardo Arnt: “Por que apoiei o Jânio? Porque o Jânio ganharia de qualquer maneira – ou ganhava conosco ou ganhava com o PTB -, e se ganhasse com o PTB representaria de novo a permanência de toda aquela má gente”.¹²⁷

A partir dessa passagem, entendemos que era grande o esforço empreendido pelos partidos para ter o nome de Jânio a eles associado. Em conjunto com a UDN, outros partidos também declararam apoio ao político, são eles: PTN, PDC, PR e PL. Possuir vínculos com grandes políticos contribuía, assim, para que os próprios partidos alcançassem mais robustez no jogo político, e este foi um dos objetivos da UDN ao apoiar Jânio Quadros.

Quanto à participação mais ativa de Jânio em sua campanha, ela foi se desenvolvendo ao longo dos meses, sendo que sua plataforma de governo somente foi publicizada em comício realizado na cidade do Recife (PE), no dia 18 de setembro de 1960, para aproximadamente cem mil pessoas e poucos dias antes da eleição. Em um dos trechos de sua plataforma, exposto por Quadros Neto e Eduardo Gualazzi, o político dizia o seguinte:

Intérprete da vontade de um Povo que conhece a grandeza das possibilidades nacionais, ser-me-á conferido, uma vez eleito, o encargo de mobilizar todos os recursos morais e materiais, a fim de apressar o advento de uma realidade, cujo conteúdo de progresso avulta e se define, dia a dia, na consciência e na aspiração de cada um.¹²⁸

¹²⁷ LACERDA, Carlos apud ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros: O Prometeu de Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 124.

¹²⁸ QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo Lobo Botelho. **Jânio Quadros: memorial à história do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 1996, p. 73.

Mediante às campanhas presidenciais, em 3 de outubro de 1960 ocorreram as eleições que definiriam o sucessor de Kubitschek. Nessa data, milhões de eleitores foram às urnas naquela que seria a última eleição direta para presidente antes da ditadura militar. A indefinição em relação ao vencedor não foi tão grande nesta eleição, quanto naquela de 1954, quando Jânio se candidatou ao governo de São Paulo, mas, ainda assim, existiam dúvidas quanto ao nome que seria consagrado vitorioso.

Após a contagem dos votos, Jânio chegara à presidência do Brasil, apenas treze anos depois de se candidatar pela primeira vez a um cargo político, como vereador de São Paulo (1947). A quantidade de votos foi a seguinte: Jânio obteve 5.636.623 votos; em segundo lugar, o marechal Henrique Lott, com 3.846.825 votos; em último lugar, Adhemar de Barros, com 2.195.709.¹²⁹ Segundo Vera Chaia, a configuração de votos conquistada por Jânio, em torno de 48% dos votos nominais, foi possível porque seu apoio adveio “[...] não apenas das camadas populares, mas também de setores das classes média e alta, identificadas com a UDN e com suas propostas moralizadoras.”.¹³⁰

Jânio alcançou uma vitória expressiva para a época, que também representou a derrota do principal candidato do governo à sucessão, o militar Henrique Lott. Com relação à vitória de Jânio, Ricardo Arnt narra o seguinte:

Pela primeira vez, no Brasil republicano, um candidato de oposição venciu eleições presidenciais. Na época, isso não era trivial. Depois da mudança da capital para Brasília, da industrialização do ABC paulista e da bossa-nova, a eleição de Jânio inaugurava a democracia pra valer no país. Pela primeira vez, desde a restauração democrática de 1946, um presidente civil passou a faixa para outro presidente civil no prazo marcado pela Constituição.¹³¹

O seu governo, no entanto, não seria marcado pela repercussão positiva que seus mandatos anteriores conquistaram. Jânio Quadros, assim que renunciou ao cargo de deputado federal e tomou posse como presidente da República, em 31 de janeiro de 1961, herdou uma série de problemas de ordem política, social, econômica e estrutural, os quais não foram o resultado apenas do governo Kubitschek, mas de uma grave crise que se instaurava no país no decorrer das décadas de 1950 e 1960. Vera Chaia faz uma síntese de algumas características que contribuíram para a vitória de Jânio Quadros:

¹²⁹ CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 182.

¹³⁰ Ibid., p. 181.

¹³¹ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros: O Prometeu de Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 134.

Pode-se concluir que Jânio Quadros venceu as eleições porque a situação econômica e política vigente no país, naquele momento, manifestou seu repúdio identificando no líder político de Jânio Quadros a esperança. Toda sua campanha foi marcada pelo seu distanciamento em relação aos partidos políticos e aos grupos que o apoiavam. Com essa maneira de atuar, conseguiu transmitir aos eleitores a imagem de um elemento que se diferenciava dos outros políticos e que pretendia mudar o país, mediante uma moralização administrativa. A mensagem transmitida por Jânio, como candidato eleito, era a de que sua vitória expressava a vontade popular e somente ao povo devia explicações de seus atos.¹³²

Jânio, no início de seu mandato, buscou instituir algumas medidas de caráter mais moralizador, mas sofreu com a oposição que se consolidava no Congresso Nacional. Sobre a falta de apoio, reitera Castilho Cabral: “Jânio, que conquistara quase seis milhões de votos do povo, não dispunha de mais de um terço da Câmara dos Deputados.”¹³³

Uma espécie de previsão sobre o futuro político de Jânio Quadros parece ter sido feita pelo deputado estadual por São Paulo, Gabriel Quadros, pai de Jânio, anos antes da vitória de seu filho à presidência. Em conversa com Viriato de Castro em 1956, o deputado declarou:

- Jânio jamais chegará ao Catete¹³⁴! E se chegar será deposto ou assassinado! Ele pensa que na esfera federal poderá fazer uso da famosa vassoura, que é seu símbolo. Está enganado. Na Prefeitura e no Estado ele abre inquéritos para apurar desonestidades, corrupções, mau uso de dinheiros públicos e pune, processa, demite. No cenário federal a coisa é diferente. Os grupos econômico-financeiros, os trustes, a pressão internacional, etc., mas, e sobretudo, as forças armadas, não permitirão os excessos de Jânio.¹³⁵

Com efeito, Jânio não foi deposto e, tampouco, assassinado enquanto ocupou o cargo de presidente, ao contrário do que previu seu pai. No entanto, uma grave crise se estabeleceu ao longo dos quase sete meses de governo, culminando com sua renúncia em 25 de agosto de 1961. Durante este período, o político procurou estabelecer medidas de combate à corrupção, mas encontrou entraves para a sua execução, assim como seu pai afirmara que aconteceria.

Uma das primeiras medidas adotadas por Jânio se refere à instalação de cinco comissões de inquérito, responsáveis pela análise de irregularidades cometidas pela gestão anterior. Com o desenrolar das investigações, houve o afastamento de alguns funcionários que ainda

¹³² CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 185-186.

¹³³ CABRAL, Carlos Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 241.

¹³⁴ O Palácio do Catete, que atualmente abriga o Museu da República, localiza-se no Rio de Janeiro e funcionou como sede do Governo Federal até 1960, quando Juscelino Kubitschek inaugurou a nova capital do país, Brasília.

¹³⁵ QUADROS, Gabriel apud CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959, p. 199.

desempenhavam suas atividades, além da exoneração de membros de altos postos¹³⁶, algo que parece ter incomodado os políticos que estavam presentes antes da chegada de Jânio à presidência.

Outras medidas foram encaminhadas por Jânio Quadros, tais como a instauração de comissões de inquérito para investigar irregularidades na Previdência Social, a aprovação do período de trabalho de dois turnos para os funcionários públicos federais, o fim de comissões militares no exterior, disposições sobre os depósitos bancários feitos por órgãos governamentais, além de medidas contrárias ao contrabando e a criação de sub-gabinetes da presidência nos estados para fiscalizar ações locais.¹³⁷ Diante dessas providências, a insatisfação com Jânio Quadros cresceu ainda mais, sendo que o político passou a enfrentar forte resistência aos seus projetos, normalmente barrados no Congresso.

Para além dessas questões, houve grande instabilidade em seu governo devido a eventos mais conhecidos, como o encontro entre Jânio e Carlos Lacerda, que, entre 23 e 24 de agosto, teria acusado Jânio, em rede nacional, de tramar um golpe para renovar o Congresso e governar o país com plenos poderes, instaurando uma ditadura, e a condecoração, com a medalha da Ordem do Cruzeiro do Sul, do ministro cubano Ernesto “Che” Guevara, cerca de uma semana antes da renúncia. Essa atitude gerou um desconforto entre membros da UDN e das alas militares e conservadoras do governo, cujo registro pode ser visto a seguir:

Figura 14 – Jânio condecora Che Guevara (1961)



Fonte: *O Globo*, 20/08/1961¹³⁸

¹³⁶ CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 194.

¹³⁷ CABRAL, Carlos Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 243.

¹³⁸ Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/janio-da-eleicao-renuncia-9631249>. Acesso em: 2 maio 2021.

Ao enfrentar resistência no Congresso e perder o apoio partidário, Jânio buscou uma solução que, até hoje, representa uma surpresa na política brasileira: renunciou ao cargo de presidente da República, em 25 de agosto de 1961, através de carta-renúncia entregue pelo ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, ao presidente do Senado Federal, Auro de Moura Andrade, que prontamente a aceitou.

Seu sucessor direto, o vice-presidente João Goulart, encontrava-se em viagem diplomática à China, sendo que, de acordo com a Constituição Federal de 1946, no caso de ausência do vice-presidente, o presidente da Câmara dos Deputados é quem deveria assumir o cargo. Do episódio, relata Castilho Cabral:

[...] o presidente da Câmara, deputado Ranieri Mazzili mais uma vez coloca a faixa presidencial, e logo a seguir encaminha ao Congresso a advertência dos três ministros militares, sobre o perigo para as instituições que adviria da ascensão, determinada pela Constituição, do vice-presidente João Goulart à chefia do governo federal.¹³⁹

Dezenas de livros tratam da renúncia de Jânio por perspectivas diversas: enquanto tentativa malsucedida de golpe para retornar com plenos poderes; como ato unilateral de um político que sofria de problemas psicológicos; enquanto demonstração de inabilidade política, sucumbindo à pressão dos seus opositores. Existe, ainda, a interpretação de que a renúncia teria sido um ato heroico, uma vez que Jânio não sucumbira às negociações partidárias existentes no país.

De forma geral, tratamos dos sentidos da renúncia no capítulo anterior, mas um aspecto importante a se destacar é que a campanha construída por Jânio à presidência representou uma nova possibilidade de se conceber o Brasil, sobretudo por Jânio ter conquistado, por meio dos discursos e imagens mobilizadas, o apoio de eleitores das camadas baixa, média e alta da sociedade, no intuito de representar, cada vez mais, o povo para o qual falava. Ressaltamos, ainda, que Jânio Quadros foi capaz de cativar um vasto eleitorado, associando à sua imagem a representação de um novo modelo de política, o qual já teria dado certo no executivo paulista.

Jânio alcançou vitórias consideradas inimagináveis até então. No entanto, a sua renúncia, como afirma Vera Chaia, “[...] deixou o povo brasileiro perplexo, sem compreender bem as razões de seu ato. Jânio não contou com nenhum apoio da imprensa, pois todos os grandes jornais se posicionaram abertamente contra a sua maneira de governar.”¹⁴⁰ Jânio

¹³⁹ CABRAL, Carlos Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 247.

¹⁴⁰ CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 239.

somente conquistaria nova vitória em 1985, com o término da ditadura militar, quando se candidatou novamente à prefeitura de São Paulo.

As campanhas aqui analisadas evidenciam a visão de Brasil e de brasileiros formuladas por Jânio e vetorizadas nos diagnósticos que fizera dos males que afligiam o país. Neste sentido, a imagem que as campanhas projetaram do político através de símbolos e discursos fazia dele próprio a prescrição e a solução de tais males, além de liderança capaz de conduzir o país ao desenvolvimento necessário.

Com as suas vitórias, entrava em cena um novo ator político e social, responsável também por mobilizar e, em certo ponto, conquistar as massas e as elites brasileiras. Jânio dirigia-se, assim, a todas as camadas da população, concentrando ao seu redor o apoio popular e financeiro que nenhum político antes conseguira. Conforme sinaliza Marlise Meyre, o político ainda buscava a renovação do país, ou “[...] uma imagem política da nação que apontava para a necessidade de renovação e de modernização, a fim de acompanhar o mesmo ritmo de desenvolvimento que estava ocorrendo em nível econômico e, ao mesmo tempo, ‘acertar o passo’ com os países desenvolvidos.”¹⁴¹

A necessidade de renovação e modernização, destacada pela autora, pôde ser vista nas campanhas desenvolvidas por Jânio, nas quais o político deixava explícita a importância que ele teria para o Brasil, no sentido de superar os problemas nacionais, constituídos, em especial, pela desigualdade social e pelos problemas relacionados à corrupção e à permanência dos políticos tradicionais no poder.

Diante dessa situação Jânio parecia, inicialmente, que conseguiria ter o mesmo sucesso, na presidência, que aquele obtido na década de 1950. Contudo, diversos problemas de ordem política se apresentaram durante seu mandato, o que contribuiu para a renúncia, pouco tempo depois de sua posse, e para a entrada do Brasil em uma crise política, social e militar, culminando no golpe de 1964.

Neste capítulo perpassamos três momentos distintos da carreira política de Jânio Quadros, todos eles referentes às funções exercidas no poder executivo e em suas três esferas: municipal, estadual e federal. Analisamos, aproximadamente, oito anos de sua trajetória

¹⁴¹ MEYRER, Marlise Regina. A Vassoura, A Simpatia e a Espada: Imagens da democracia brasileira nos anos 50. **Revista Tempo e Argumento**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 174-204, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304022012174>. Acesso em: 3 maio 2021.

política, buscando destacar, em cada um destes momentos, as principais características ou aspectos assumidos em suas campanhas.

Quando tratamos da campanha para a prefeitura de São Paulo, um aspecto essencial se refere à situação que se encontrava a cidade: seriam as primeiras eleições municipais desde 1930. Nessa disputa, a campanha de Jânio, que enfrentou Francisco Cardoso, projetou-se contrariamente à “velha política”, pautada pelos favores e trocas de interesses entre os políticos e os membros próximos a eles, a partir de discursos e imagens propaladas por Jânio contrariamente a tais atitudes e que obtiveram apoio de grande parte dos eleitores paulistanos.

Para buscar a vitória, Jânio procurou se associar à população de baixa renda e dialogar com as suas reivindicações, lançando a expressão “tostão contra o milhão”. Teve início, então, aquela que ficou conhecida como a “revolução de março de 1953”, expressão adotada pelos próprios correligionários de Jânio e que contribuiu para colocá-lo na prefeitura após a conquista de quase 300 mil votos.

No ano seguinte, tendo conseguido recuperar as finanças da cidade, seu nome passou a ser cogitado para o cargo de governador de São Paulo, em uma disputa que envolveria ainda mais esforços e exigiria uma dedicação integral. Para tanto, o político percorreu o estado todo, inclusive cidades controladas por Adhemar de Barros, com quem Jânio travara inúmeros embates e a quem fizera diversas críticas quando ocupou os cargos do legislativo.

A despeito do controle da máquina política do estado por parte de Adhemar, Jânio superou as dificuldades e, associando-se aos grupos mais pobres, como fizera anteriormente, desta vez também buscou angariar o apoio de parcelas mais elevadas da sociedade. O resultado foi substancial: apresentando-se como o único meio capaz de acabar com a corrupção, “limpar” a política e a administração pública, sanear as finanças do estado, captou como ninguém os anseios da sociedade paulista.

Através de discursos moralizadores, Jânio clamava à população que referendasse o seu nome nas urnas. Obteve, com isso, mais de 660 mil votos, derrotando Adhemar de Barros nas eleições de outubro de 1954. Tomou posse em 1955, cujo mandato no governo do estado de São Paulo foi, talvez, o mais significativo para Jânio, uma vez que foi o único mandato cumprido integralmente e, graças aos índices econômicos positivos alcançados, Jânio ganhou maior visibilidade nacionalmente.

Para conquistar cargos mais elevados, Jânio Quadros sabia que necessitava de uma base mais bem estruturada; para além das camadas mais pobres e da classe média, com quem Jânio dialogava enquanto governador, foi preciso associar-se com partidos políticos que representassem os interesses das elites. Com isso, na campanha para a presidência, após contar

com o prestígio de uma vitória no Paraná como deputado federal, Jânio foi, primeiramente, lançado candidato através de um movimento popular (MPJQ).

Em seguida, obteve o apoio de partidos importantes na política brasileira, notadamente a UDN, que, através de um de seus principais líderes, Carlos Lacerda, corroborou a candidatura de oposição ao marechal Henrique Lott. Jânio captava, dessa forma, os anseios da população mais humilde e, também, conquistava o eleitorado proveniente da mais abastada parcela da sociedade, que não desejava se encontrar alheia à tomada de decisões e, portanto, apoiou o político.

Com seus discursos, Jânio propunha melhorias sociais aos mais humildes, mas sem atacar os mais ricos, que poderiam se sentir ameaçados pela grande massa de trabalhadores mobilizada. Jânio, com isso, conseguiu estar associado aos partidos políticos e aos empresários, mas sem deixar que o definissem como integrante de algum desses grupos. A imagem por ele transmitida ainda era, sem dúvida, a da independência partidária e de pessoa que dialogava com todos os setores da sociedade brasileira: conservadores, progressistas, ricos, pobres, os da direita e os da esquerda.

As explorações das campanhas aqui realizadas indicam explicitamente como Jânio Quadros, ao mobilizar imagens de Brasil e de brasileiros em meio a diagnósticos e prognósticos do e para o país, pôde conquistar e envolver um amplo eleitorado numa escalada política nunca antes vista. Dessa maneira, o teor de suas campanhas guarda um destacado interesse para a historiografia, ainda mais se correlacionarmos estes elementos com a escrita da história subscrita pelo próprio Jânio Quadros.

No próximo capítulo analisaremos a história do Brasil escrita por Jânio Quadros, com o intuito de verificar, em textos de maior sistematização (as obras de cunho histórico escritas pelo político, *História do Povo Brasileiro* e *Os dois mundos das três Américas*) e que foram escritos depois das campanhas aqui analisadas, como neles se articulam os diagnósticos do Brasil e de seu povo, responsáveis pela sustentação política de Jânio ao longo dos anos.

III. DAS HISTÓRIAS – DO POVO BRASILEIRO E DA AMÉRICA DOS LATINOS

O terceiro capítulo de nossa dissertação possui, como alguns de seus objetivos, analisar obras produzidas por Jânio Quadros, em especial as de cunho histórico, e, por meio delas, ampliar a compreensão sobre a visão do político em relação ao que ele considerava elementos responsáveis pelos problemas do Brasil (tais como a falta de desenvolvimento, artimanhas e conchavos políticos, dentre outras características por ele abordadas).

Esses elementos foram mobilizados em suas campanhas e destacados na primeira parte deste trabalho. É fundamental, ademais, ressaltar a importância das obras que aqui serão observadas para viabilizar a compreensão sobre as formulações específicas de Brasil que o autor, figura proeminente na política brasileira, mobilizou na escrita de suas obras.

Serão perscrutadas duas de suas obras que possuem cunho histórico, quais sejam, *História do Povo Brasileiro* (1967) e *Os dois mundos das três Américas* (1972), ambas pouquíssimo exploradas pela produção historiográfica brasileira, cuja relevância se apresenta para a compreensão dos problemas do país por ele apontados. Ademais, comentaremos a participação, na primeira dessas obras, dos colaboradores e da relação que eles possuem com os organizadores, Jânio Quadros e Afonso Arinos.

Apresentamos, a partir de então, algumas informações relevantes sobre a obra de 1967, subdividida em seis volumes e organizada por Jânio Quadros em conjunto com o ex-ministro das Relações Exteriores durante sua presidência, em 1961, Afonso Arinos de Melo Franco. Ambos os autores, Jânio Quadros e Afonso Arinos, se dedicaram, nessa obra, à escrita da história do Brasil, ou, em suas próprias palavras, a uma “História Geral do Brasil”.

Ao se referirem, no início do primeiro volume, à criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, a partir de proposta apresentada por Raimundo José da Cunha Matos e Januário da Cunha Barbosa, os autores alertam para a necessidade de se elaborar uma história nacional mais acessível e que não fosse exclusivamente feita para eruditos, mas que levasse em consideração a necessidade de incorporar, também como seu receptor, o povo brasileiro. É o que percebemos na apresentação à *História do Povo Brasileiro*:

Há uma História feita por eruditos e para eruditos; e há também uma História, escrita evidentemente por entendidos, mas destinada ao povo, isto é, a todas aquelas pessoas que, se não estão preparadas para compreender as minúcias da pesquisa historiográfica e as complexas interpretações de seus achados, têm, no entanto, um vivo interesse em conhecer a realidade histórica que lhes diz respeito e de que são, no presente, protagonistas. A História de um povo, escrita para esse povo, é assim tão importante e necessária, quanto as

produções da erudição historiográfica. Mas, se diferentes são os dois tipos de História, não concluíamos que se antagonizam, porque, na realidade, é da História erudita, feita por pacientes investigadores, que os entendidos tiram os elementos necessários à elaboração de visões de conjunto, reclamadas por um povo que se empenha em ter uma consciência clara e correta de sua evolução, de seu presente e das perspectivas de seu futuro.¹⁴²

Jânio Quadros e Afonso Arinos possuíam, como um de seus objetivos a partir dessa obra, a escrita da história do Brasil e de seu povo, desde a formação dos reinos ibéricos e mesmo do período anterior à conquista da América pelos espanhóis e portugueses, a partir do século XV, em seu primeiro volume, alcançando o marco temporal de 1967, já durante o regime ditatorial sob a presidência de Castelo Branco, no sexto e último volume da obra.

Os seis volumes são divididos entre os dois autores principais; Jânio Quadros foi o responsável pela organização e redação dos três primeiros volumes, em que busca discutir as características da história colonial brasileira até o marco da proclamação da independência, em 1822. Daí em diante, Afonso Arinos organiza os três últimos volumes, concentrando-se nos períodos imperial e republicano brasileiros.

É importante salientar que os organizadores da obra contaram com a colaboração de grandes referências acadêmicas para a produção da *História*: na fase dita colonial, auxiliaram Jânio Quadros o professor, advogado e jornalista Joaquim Canuto Mendes de Almeida, que teve participação na política nacional enquanto Procurador Geral da República no mandato de Jânio na presidência do Brasil; o também professor e advogado Orlando Porreta; Sérgio Marcos de Moraes Pitombo, advogado processualista; e, por fim, Celso Valio Machiaverni, professor.

Na fase nacional, nomenclatura adotada pelos próprios autores e organizada por Afonso Arinos, auxiliaram o diplomata, a seu convite, dois intelectuais que pertenceriam, depois, à Academia Brasileira de Letras: o também diplomata, professor e filólogo Antônio Houaiss, e o jornalista, biógrafo, historiador e ensaísta brasileiro Francisco de Assis Barbosa.

Os autores, em conjunto, foram responsáveis pela elaboração de uma obra rica em detalhes e que, a despeito de não ser objeto de estudo dos historiadores, apresenta um teor analítico relevante sobre a formação do Brasil, o que evidencia a preocupação de seus autores em delinear algumas das principais características do país.

Cabe ressaltar que a publicação da primeira edição dessa obra, em 1967, ocorreu após Jânio deixar de ocupar um cargo político no Brasil há quase seis anos, o que nos mostra um olhar mais distante dos acontecimentos históricos a envolver aquele que, até então, havia sido o político Jânio.

¹⁴² QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 1, p. 7.

Ao se atentar para a obra, percebe-se que o político-autor, além de se preocupar em efetuar uma escrita diferente daquela praticada por eruditos, dando consecução a uma escrita que falasse do povo ao próprio povo, firmava como propósito da coleção “[...] encontrar, não apenas uma explicação racional para a nossa formação, como também uma chave decifradora para muitos aspectos do Brasil moderno.”.¹⁴³

A compreensão da formação do povo brasileiro configura-se, portanto, como uma das principais preocupações dos autores da obra, desde o período colonial, perpassando o Brasil imperial e alcançando, por fim, o período republicano. Fundamentada em fontes históricas levantadas pelos autores, a obra explora acontecimentos interpretados por autores de referência nos estudos sobre o período colonial brasileiro, tais como Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado, Afonso Taunay, Caio Prado Junior, Rocha Pitta, Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Charles Boxer, Oliveira Viana, Roberto Simonsen e Francisco Adolfo de Varnhagen.

Jânio Quadros e Afonso Arinos ainda afirmam, na apresentação à coleção e em relação ao estudo sobre os povos, o seguinte:

Os povos são raramente atores da história; pouquíssimas vezes surpreendemos as grandes massas em ação direta, submergindo ou apagando a ação dos líderes e condutores. Mas os povos não são somente espectadores da história, marginalizados na contemplação de cenas criadas diante deles.

Os povos são a história, a sua vida é a vida dela, e as personagens culminantes não o seriam se não correspondessem, no sentido positivo ou negativo, às forças que dentro deles se desencadeiam.

Sim, os povos são a história e este livro pretende ser **a imagem da evolução do povo brasileiro**. Pretende, dentro das possibilidades dos Autores, oferecer, a um grande número de leitores brasileiros, uma explicação do passado do Brasil, e uma visão – graças a Deus confiante – do seu destino.¹⁴⁴

A explicação do passado brasileiro e a visão sobre o destino do país, questões presentes na coletânea, serão exploradas mais adiante neste capítulo, a partir da observação dos pontos que configuram a imagem de Brasil traçada por Jânio Quadros e como ela nos possibilita compreender os artefatos por ele mobilizados no transcorrer de suas campanhas. É fundamental, por fim, frisar que a *História* escrita e organizada por Jânio parece, acima de tudo, destacar a relevância que o povo possui em seu próprio desenvolvimento enquanto protagonista da história nacional.

¹⁴³ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 1, p. 15-16.

¹⁴⁴ Ibid., p. 17. (Grifos nossos).

Imagens do povo brasileiro – compreender o Brasil, compreender seu povo

*[...] no dia em que uma geração pudesse realizar uma obra histórica perfeita, sem mais evolução, acabar-se-ia a Ciência Histórica.*¹⁴⁵

O primeiro volume da *História do Povo Brasileiro* apresenta informações relativas à colonização da América e se inicia com a análise da formação dos reinos ibéricos, em que o autor dá maior destaque para o reino português que, entre o final do século XV e início do XVI, seria responsável pela colonização das terras que viriam a ser o Brasil. Neste volume, Jânio Quadros ainda traça um panorama mais amplo da formação desse reino e dos motivos que o levaram à expansão de seus domínios, inicialmente em direção à África e Ásia e, posteriormente, à América.

Ao evidenciar este panorama, Jânio destaca alguns fatores essenciais para que as navegações portuguesas tenham ocorrido, tais como as dificuldades na sucessão monárquica em Portugal, o comércio das especiarias na Índia e o tráfico atlântico, que gerava grandes lucros para a Coroa Portuguesa. Em linhas gerais, este primeiro volume trata dos condicionamentos para a colonização do Brasil e de que forma ela ocorreu, à medida que a colonização espanhola avançava desde 1492.

É possível verificar, neste volume, que Jânio apresenta algumas características do povo brasileiro e de sua formação, as quais acompanham o ritmo de desenvolvimento do próprio Brasil. Estão presentes, ainda, algumas de suas percepções de Brasil e dos problemas que foram por ele mobilizados no decorrer das campanhas políticas, tais como a desigualdade existente no país, fruto das diferenças históricas entre portugueses, indígenas e africanos, e que acabou excluindo estes dois últimos grupos da participação social no transcurso do tempo, devido à escravidão à qual foram sujeitados.

O primeiro volume é finalizado com algumas ponderações de Jânio em relação à busca da mão de obra escrava no continente africano, a qual predominaria no Brasil até o final do século XIX. Vale ressaltar que Jânio, ao se propor escrever a história do povo brasileiro, ocupa-se dos três principais grupos étnicos formadores (indígenas, europeus e africanos), bem como da relação entre eles, elemento decisivo da formação social do país.

No segundo volume da *História do Povo Brasileiro* é possível observar aspectos mais amplos da formação deste povo, sob o olhar de Jânio Quadros, uma vez que o volume trata da

¹⁴⁵ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 1, p. 14.

chegada dos portugueses e da constituição dos primeiros vilarejos e cidades, estas últimas associadas ao desenvolvimento urbano. Neste volume, Jânio constitui uma relação direta entre o desenvolvimento dessas cidades e o do próprio Brasil, como podemos verificar na seguinte passagem: “Muito da história do povo brasileiro se liga à vida desses centros urbanos primordiais. Alguns desempenharam papel tão importante, como focos de concentração ou irradiação humana, que o estudo de suas origens e desenvolvimento é o do próprio Brasil.”¹⁴⁶

A fundação das primeiras cidades do Brasil data do início do século XVI, sendo que, dentre elas, destacaram-se São Vicente, Santos, São Paulo, Rio de Janeiro, Olinda e Salvador. Aspecto em comum entre elas era a localização mais próxima ao litoral (à exceção de São Paulo, um pouco mais afastada), o que facilitava o contato dos europeus através do Atlântico, e a grande concentração de pessoas, à medida que a fundação das cidades proporcionava a ocupação cada vez maior das porções de terras, inicialmente pelo litoral e, conforme avançavam os anos, em direção ao interior do Brasil.

Ademais, desde o início da colonização brasileira, especialmente a partir de 1530, um grande problema, que persiste até a atualidade, é destacado por Jânio: a concentração de terras nas mãos de poucas pessoas. Ainda que o Tratado de Tordesilhas, datado de 1494, delimitasse as terras pertencentes a Portugal e Espanha na América, essas delimitações não foram estritamente respeitadas e seguidas, o que acabou contribuindo para o surgimento de grandes latifúndios, principalmente no Nordeste do Brasil. Em relação à concentração de terras, Jânio afirma:

[...] as sesmarias deveriam ter de uma a quatro léguas, no máximo, o que, também, nunca foi atendido à risca. A exploração das glebas, baseada no cultivo indiscriminado e, principalmente, na criação do gado, ensejou o aparecimento de enormes latifúndios; algumas fazendas do Nordeste atingiram proporções impressionantes.¹⁴⁷

Do excerto anterior, Jânio Quadros destaca que a concentração de terras foi uma consequência da ocupação irregular dos territórios por parte dos colonizadores e que acabavam ignorando os limites oficiais estabelecidos nos acordos entre os reinos ibéricos.

Ainda no segundo volume, o autor discorre sobre a colonização portuguesa e como ocorreu o contato entre europeus e nativos, ressaltando as disputas territoriais existentes naquele período. É importante ressaltar, também, o pensamento de Jânio sobre o desenvolvimento da cidade de São Paulo, à época da colonização chamada de Vila de São Paulo de Piratininga.

¹⁴⁶ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 2, p. 28.

¹⁴⁷ Ibid., p. 31.

Segundo Jânio Quadros, a cidade possuía, desde aquele período, uma posição estratégica: “A escolha do local revelava preocupação com a defesa e o abastecimento. Do alto da colina, sítio onde os padres construíram a escola [Pátio do Colégio], descortinava-se vasta planície varada pelos rios Tamanduateí e Tietê, podendo-se observar, à distância, a aproximação do índio hostil.”¹⁴⁸

Nesse trecho, Jânio destaca a preocupação dos portugueses em ocupar uma região duplamente estratégica: geograficamente, para a defesa de ataques vindos dos indígenas, e politicamente, uma vez que o autor afirma: “[...] o povoado no planalto seria o posto avançado para a conquista da região, e a vila revelava as intenções expansionistas dos lusos.”¹⁴⁹ A ocupação mais acelerada da região Sudeste, neste sentido, seguiu os interesses dos portugueses e, conseqüentemente, contribuiu para o avanço das fronteiras nos anos que vieram a seguir.

Aos olhos de Jânio, associada à ocupação houve, também, a preocupação dos portugueses com relação à mão de obra que seria utilizada, uma vez que o trabalho mais árduo não seria por eles realizado. O autor frisa a necessidade do uso da mão de obra africana escravizada, em substituição à indígena, que foi proibida pelos jesuítas que chegaram ao Brasil em 1549.

Ao falar dos jesuítas, Jânio parece reconhecer que os grandes proprietários de terras controlavam, também, as relações escravocratas, conforme relata: “[...] os jesuítas, ao tirarem a mão de obra escrava indígena dos colonos, viram-se impossibilitados de lhes arrancar, também, a africana. Se tentassem libertar os negros levariam os proprietários à ruína e ao desespero [...]. Por isso, toleraram a escravidão.”¹⁵⁰

Dessa forma, Jânio analisa que, devido à possível ruína dos proprietários de terra e diante da possibilidade de proibição da escravidão africana, os jesuítas toleraram a escravidão dos negros, que duraria até o final do século XIX. Percebe-se, destarte, que as decisões relacionadas à sociedade e à economia coloniais eram dependentes do “aval” dos latifundiários, que controlavam as deliberações naquela época.

O avanço das fronteiras também é tema abordado por Jânio Quadros, em especial, quando o autor reflete sobre a descoberta do ouro em Minas Gerais. As primeiras jazidas foram encontradas pelos bandeirantes paulistas no final do século XVII, os quais tiveram papel proeminente na captura e escravização de indígenas. Graças aos bandeirantes, que possuem a imagem de desbravadores brasileiros, é que a ocupação da região central do país teria ocorrido

¹⁴⁸ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 2, p. 37.

¹⁴⁹ Ibid., p. 38.

¹⁵⁰ Ibid., p.54.

mais aceleradamente. A figura do bandeirante é significativamente rememorada por Jânio neste segundo volume da *História do Povo Brasileiro*:

O surto de mineração rapidamente povoou a região [das Minas Gerais]. Não descansaram, no entanto, os paulistas. Era mister descobrir novas jazidas, explorar outras terras. Valendo-se de caminhos antigos, voltaram-se para Mato Grosso e Goiás, ampliando ainda mais o já vasto território brasileiro.¹⁵¹

Importa destacar que a imagem dos bandeirantes foi por ele mobilizada na campanha para a prefeitura de São Paulo, em 1953, em especial quando projetou sobre si próprio a figura do mato-grossense “herdeiro” da tradição dos bandeirantes paulistas, capaz de retribuir à cidade de São Paulo, berço do bandeirantismo, os avanços que este movimento proporcionou ao Brasil. Em outras palavras, Jânio Quadros se colocou, nessa campanha, como o prócer do desenvolvimento de São Paulo e, caso eleito, retribuiria os “favores” prestados pelos paulistas durante a expansão territorial.

Outra descrição interessante é feita por Jânio Quadros sobre a formação social e moral dos paulistas:

Essa é a extração das famílias paulistas do início da colonização: grupos patriarcais de largo parentesco, que deram origem a quase verdadeiras castas. Homens e mulheres, pais e filhos, irmãos e sobrinhos, formavam comunhão sólida, na qual imperavam a solidariedade e a cooperação.

No planalto, isolados do litoral, próximos ao sertão, os bandeirantes desenvolveram sociedade de feições peculiares. Inexistiam as vastas propriedades rurais. Ao contrário, apenas pequenas, com lavoura e criação de subsistência que não prendiam à terra, como acontecia com os latifúndios do Norte.

O vasto senhorio rural só aparece após as bandeiras, com a lavoura do café. Constituíam o aglomerado paulista elementos de origem modesta; burgueses ou plebeus portugueses, formando uma sociedade democrática, sem assinaladas diferenças de classe, profissão ou raça. Todos pertenciam à mesma origem luso-ameríndia, distribuídos por grandes famílias, mas unidos pela comunidade de interesses e atraídos, por igual, pelo sertão.¹⁵²

Deste excerto, Jânio ressalta, como aspectos fundamentais dos paulistas, a solidariedade e a cooperação, características estas que contribuíram para o avanço mais ordenado deste grupo em direção ao sertão brasileiro, aspecto que é reforçado devido à menção de que os paulistas não ficavam presos à terra, como ocorria no Norte do país.

¹⁵¹ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. *História do Povo Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 2, p.198.

¹⁵² *Ibid.*, p. 200.

Neste volume é notório, também, o predomínio de dedicação à imagem dos paulistas como proeminentes no “avanço e evolução” do país. Ainda que, ao final do século XVII, as bandeiras de preação tenham praticamente se encerrado, os paulistas, no traçado de Jânio, apresentavam-se como imagem mesma do pioneirismo quanto ao desenvolvimento do Brasil, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

Terminara o século XVII e, com ele, encerrava-se o ciclo das bandeiras de preação, e das entradas mineiras. Sem solução de continuidade, iniciava-se a fase das monções regulares. Teimava, porém, o homem de Piratininga, com o auxílio de outros, na faina pioneira. Desbravador de matas e criador de fronteiras, era ele a expressão inconformada da mescla de raças cuja ambição identificaria todo um período da história. Nada o confundia com os senhores de engenho ou criadores de gado. Quase nômade, desapegado da terra, era o embrião de uma burguesia que não tardou a aflorar.¹⁵³

Com as monções, incursões que ocorriam pelas águas dos rios, os paulistas continuavam na dianteira do desbravamento do país e faziam ampliar, cada vez mais, a primazia de São Paulo no cenário nacional. Seria este o povo, de acordo com o que pondera Jânio, responsável pelo afloramento de uma nova camada social prestes a surgir, sobretudo, no século XIX, à medida que as grandes fazendas de café do Sudeste brasileiro passaram a figurar mais ativamente no meio econômico.

A imagem de um povo nômade, que não se prende às terras, anteriormente atribuída aos paulistas, foi gradualmente substituída por uma figura que passou a se fixar na terra, cuja atividade principal viria a ser a atividade pastoril. Com ela surgiria uma nova sociedade, chamada por Jânio de sociedade do couro. Sobre a formação dessa sociedade, o autor afirma:

Formada, sobretudo, por criadores descendentes dos aventureiros e corajosos paulistas, era constituída por gente simples e rude, vivendo no sertão ou nos pampas, em liberdade.
[...] Criado em meio hostil e duro, povoou de rebanhos os sertões do Piauí, Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia.
[...] A sociedade do couro, mais pobre do que a do açúcar, foi, no período da colônia, a única atividade econômica relevante cujos empreendedores pertenciam a um tipo humano que formaria, no século seguinte, a classe média. Em sua maior parte, integravam-na homens livres, com recursos próprios.¹⁵⁴

¹⁵³ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 2, p. 211-212.

¹⁵⁴ Ibid., p. 226.

Jânio considera que a atividade pastoril também contribuiu para o avanço das fronteiras em direção a regiões para além do eixo centro-sul do Brasil. Em síntese, ele afirma que “[...] a atividade pastoril [...] foi elemento determinante da expansão geográfica, do povoamento e fixação do homem à terra, e da formação de uma sociedade livre e tipicamente brasileira.”¹⁵⁵

O terceiro livro da coleção aborda o legado do período colonial e o declínio do domínio português na América, a partir do momento em que o rei da Espanha, Filipe II, ocupou, simultaneamente, o trono português, período conhecido como União Ibérica (1580-1640). Uma das temáticas centrais abordadas pelo autor, neste volume, é a escravidão africana no Brasil, que fez parte da estrutura da sociedade colonial entre os séculos XVI e XIX. A esse respeito, Jânio apresenta um interessante panorama:

Nada caracterizou mais a sociedade do Brasil colonial do que o cativo. Em todas as épocas, essa instituição marcou a vida social, dividindo-a em duas grandes classes: a dos senhores e a dos escravos. [...] O escravo encontrava-se em estágio de civilização muito abaixo do nível cultural do senhor europeu. Entretanto, se aqui o branco, de civilização superior, logrou dominar no plano social, econômico, político e religioso, não se subtraiu a certas influências do negro subjugado, atestadas ainda em inúmeros padrões tradicionais da vida brasileira [...].¹⁵⁶

Para Jânio, o Brasil originou-se da escravidão, uma vez que essa prática foi a base da formação social brasileira, como ele enfatiza logo em seguida:

Sendo nosso povo o produto desse ambiente social [o da escravidão] – que se prolongou até quase nossos dias – deve ser entendido, outrossim, como resultado de uma amálgama dos elementos étnicos e culturais comprometidos no processo. O que disso ressalta é a profunda diferença de civilização entre as três raças. Índios e negros, comparados ao branco civilizador, constituíram-se, por seu primitivismo, em elementos mais de degeneração do que de progresso cultural da sociedade em formação. Ressalvadas as energias criadoras de força de trabalho, o negro – e, também, o índio, - contribuiu passivamente em nossa estruturação política.¹⁵⁷

Na passagem anterior, Jânio fala diretamente do povo brasileiro, constituído na sua singularidade a partir das relações escravistas aqui existentes. Ademais, a imagem da escravidão

¹⁵⁵ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 2, p. 228.

¹⁵⁶ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 3, p. 50.

¹⁵⁷ Ibid., p. 51.

mobilizada pelo autor guarda o traço claramente negativo, dado que a sociedade em gestação menos avançava e mais dava sinais de regresso, em especial devido à falta de participação social, o que fez com que africanos escravizados e indígenas permanecessem alheios às decisões políticas na colônia e, mais tarde, também no império e República.

Se, por um lado, Jânio elucida os prejudicados pela escravidão, por outro, apresenta as pessoas que eram beneficiadas por essa atividade: uma pequena parte da população, a aristocracia rural latifundiária, composta pelos senhores de engenho, proprietários de fazendas e exploradores das minas de ouro. Jânio também afirma que as diferenças entre senhores e escravos ultrapassaram as fronteiras rurais e chegaram, inclusive, ao espaço das cidades:

De fato, as marcas do regime escravocrata revelaram-se até onde não se fazia indispensável. Apareciam, então, como forma de ostentação e luxo. Muito sobrado urbano, residência de comerciantes portugueses, guardava dentro de si inútil escravaria. O sobrado reproduzia, dessa forma, a casa-grande dos engenhos.¹⁵⁸

E o autor prossegue com suas reflexões, ao ressaltar as diferenças existentes entre o campo e as cidades:

Diversa da zona rural, a cidade mostrava, já no século XVIII, uma classe de homens livres formada por mercadores, negociantes de posses limitadas e artesãos diversos, a classe média embrionária, que no Império se constituiria em força social e política de relevo. Essa gente livre, vivendo nos centros urbanos do litoral, distinguia a sociedade costeira da rural, onde a divisão social rígida contrapunha, imperiosamente, os amos aos escravos.¹⁵⁹

É importante ressaltar a preocupação de Jânio em caracterizar o ambiente rural da colônia como rigidamente escravocrata, e o urbano, ainda que timidamente, apresentando certa liberdade nas relações sociais, o que possibilitaria a existência, anos mais tarde, no período imperial, de uma classe média brasileira.

No que tange ao trabalho manual, este era desempenhado, predominantemente, pela mão de obra escravizada. Com isso, os senhores de engenho e de escravos, de acordo com Jânio, levavam uma vida mais desocupada. Enfatiza Jânio: “Os senhores nada faziam. A vida ociosa tornou a aristocracia preguiçosa e balofa. Uma aristocracia de rede; na rede dormia ou geria os negócios.”¹⁶⁰

¹⁵⁸ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 3, p. 53.

¹⁵⁹ Ibid., p. 53.

¹⁶⁰ Ibid., p. 57.

Este quadro mudaria somente no início do século XIX, quando a Corte Portuguesa chegou ao Brasil e instalou a estrutura administrativa e burocrática do Estado português no Rio de Janeiro. O campo, anteriormente marcado pelo contingente populacional, deixou de ser o principal local de habitação, ao passo que as cidades litorâneas começaram a se desenvolver, tornando-se mais seguras e confortáveis.¹⁶¹

A chegada da Corte ao Brasil contribuiu para que as relações sociais se modificassem, uma vez que o contato da população que aqui vivia com os nobres, anteriormente ocorrido apenas à distância, passava a se configurar de forma mais próxima, inclusive através de relações pessoais e sexuais entre funcionários reais e fidalgos com os povos ameríndios e africanos, compondo uma heterogeneidade cultural. Em relação à heterogeneidade do povo brasileiro, Jânio afirma: “[...] não existiu, durante a fase da formação racial [brasileira], um povo homogêneo. A cada região correspondia gente mais ou menos autônoma, com caracteres formativos e evolutivos diversificados.”¹⁶²

De acordo com o autor, foram essas diferenças que marcaram a constituição do povo e evidenciaram a dependência portuguesa em relação ao Brasil, especialmente no que se refere às relações econômicas, uma vez que o Brasil era, já há muitos anos, a mais produtiva colônia portuguesa e que possuía, como uma de suas principais funções, de acordo com Jânio, fornecer lucros para Portugal.¹⁶³

A sociedade brasileira, neste período, se transformava cada vez mais, tornando-se ainda mais complexa ao longo dos anos. Jânio realiza uma singular análise a respeito dessas transformações ocorridas no contato entre europeus e os povos que viviam no Brasil, sobretudo em relação à estrutura dessa sociedade, que não mudou significativamente, contudo, quanto aos grupos que permaneciam no poder:

A classe dominante continuava sendo a dos senhores rurais, assentados sobre a escravidão, detentores do poder e prestígio. Ao seu lado, porém, ou abaixo deles, crescia a burguesia urbana composta, em sua grande parte, de reinóis. Concentravam-se estes nas cidades do litoral, e nelas realizavam negócios altamente lucrativos, o que os tornaria, em breve, detentores de grandes capitais.¹⁶⁴

Observa-se, nessa passagem, que o grupo social dominante, à época da chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil, ainda era o dos senhores rurais, mesmo que Jânio destaque o

¹⁶¹ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 3, p. 60.

¹⁶² Ibid., p. 112.

¹⁶³ Ibid., p. 123.

¹⁶⁴ Ibid., p. 123-124.

surgimento de um novo grupo – a burguesia urbana –, responsável pelo processo de industrialização ligado ao capital cafeeiro na passagem do século XIX para o século XX.

Ao término do terceiro volume, o autor, ao discorrer sobre o ideal de Brasil por ele acalentado, mas projetado como ente em gestação ou um Brasil vir a ser, parece desvincular a história do país da própria história ibérica:

O ideal de “Brasil” choca-se com os ideais de regionalismo ibérico, e também com os de regionalismo hemisférico. Os brasileiros sentem que não são da América hispânica e que, se estão na América, buscam a almejada emancipação econômica não para fugirem a construtivos laços de interdependência, que prendem os povos uns aos outros, mas precisamente para que possam reger com critérios próprios, e não com critérios alheios, os efeitos dessa interdependência, e ampliá-la, sempre que necessário ou conveniente, dos estreitos limites regionais para a ampliação dos interesses ecumênicos.¹⁶⁵

Jânio também nos apresenta características decisivas sobre a sociedade colonial brasileira, configurando, basicamente, uma síntese da história do período colonial de formação do povo brasileiro: “[...] a característica da sociedade colonial sempre foi a sua estrutura estear-se no meio rural. Os ‘senhores-de-engenho’ regeram essa sociedade escravista, explorando uma lavoura empírica, baseados os lucros exclusivamente na exploração do trabalho servil de africanos.”¹⁶⁶

A sociedade rural brasileira, portanto, foi a base do desenvolvimento de nosso país, a despeito de ter sido desigual. Para Jânio, ainda, a sociedade colonial brasileira, “[...] que nasceu da implantação, adaptação ou modificação dos costumes, da língua, da religião, das instituições, das artes, e das indústrias, [...] cresceu e aflorou em nação, que se não constituiu na ‘Nova Lusitânia’, mas continuou, em outro plano, o fadário dos lusos.”¹⁶⁷

O autor deixou o “gancho” para a narrativa que viria nos três volumes subsequentes da coleção, cuja organização fora efetuada por Afonso Arinos, com início no período imperial brasileiro, no qual, apesar de o Brasil se tornar independente, em 1822, a presença lusitana não deixaria de existir, dada a presença de D. Pedro I.

O quarto volume da *História do Povo Brasileiro* dá início ao que os organizadores da coleção chamaram de fase nacional, em que a narrativa construída sobre o período imperial se inicia com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, assunto que começou a ser

¹⁶⁵ QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 3, p. 279-280.

¹⁶⁶ Ibid., p. 283.

¹⁶⁷ Ibid., p. 287.

explorado desde o terceiro volume. Algo importante a se destacar é que, apesar de Jânio Quadros ser um dos responsáveis pela organização dos seis volumes da coleção, em conjunto com Afonso Arinos, os três volumes remanescentes são organizados e escritos apenas por este último autor, com a colaboração de Francisco de Assis Barbosa e Antônio Houaiss. Com relação à autoria dos capítulos, os quatro primeiros foram escritos por Francisco de Assis Barbosa; do capítulo V ao capítulo VIII, a escrita foi realizada por Afonso Arinos; os capítulos de IX a XII foram escritos por Antônio Houaiss.

O quarto volume aborda, dentre outros temas, algumas das principais características do Brasil Império relacionadas ao escravismo e ao unitarismo político brasileiro, e perpassa diversos assuntos essenciais à história nacional, como as disputas territoriais na região do Rio da Prata, as instabilidades políticas e sociais do período regencial, as crises políticas, religiosas e militares do segundo reinado e, ainda, as relações sociais decorrentes das diferenças entre senhores de terras e escravizados.

No primeiro capítulo, a temática central permeia a relação da Coroa recém-chegada ao Brasil com o povo que já vivia no país. Um aspecto apontado por Francisco Barbosa, neste primeiro capítulo, concerne às diferenças de *status* entre os negros no Brasil. Alguns deles, com maior facilidade para aprender a língua portuguesa, eram alocados nas cidades, participando, inclusive, da vida nas casas dos grandes senhores, o que lhes assegurava relações menos violentas; por sua vez, os negros que trabalhavam nas minas, engenhos e fazendas sofriam muitos males e castigos, tendo de cumprir suas tarefas ininterruptamente, sob a pena de serem chicoteados e torturados, inclusive, até a morte.¹⁶⁸

No espaço urbano, a presença de negros libertos era mais comum do que no campo, ainda que em pouquíssima quantidade. Ademais, Barbosa afirma que, neste espaço, alguns descendentes de libertos conseguiam ter uma participação social um pouco mais ativa, até mesmo rompendo barreiras relacionadas à cor da pele, como podemos observar a seguir:

[...] muitos libertos ou filhos e netos de libertos, os chamados “caiados”, conseguiam vencer a barreira social, passando por brancos e em muitos casos repudiando os negros, quer pela melhoria da situação econômica, quer pelo colorido atenuado da epiderme, através do cruzamento entre senhores e escravas, em sucessivas gerações, o que acabou criando o tipo racial denominado “branco da Bahia” ou “mulato cor-de-rosa”.¹⁶⁹

¹⁶⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. Capítulo Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 4, p. 24.

¹⁶⁹ Ibid., p. 25.

Ainda de acordo com Francisco Barbosa, um dos pontos cruciais do período que envolve a chegada da Corte até a independência do Brasil é a problemática em torno da forma de governo que viria a ser adotada no país. É importante lembrar que, no período anterior à independência, outros países da América já estavam em luta pela emancipação desde 1810, tornando-se repúblicas independentes. O que não viria a ser, contudo, o caso brasileiro. Sobre o problema da forma de governo no país à época da independência, Francisco Barbosa traduz os dilemas:

Como governar sem recursos um país dividido, minado pelo espírito de rebeldia dos que desejavam para o Brasil não a constituição que estava sendo discutida em Lisboa, mas o regime que vinha sendo adotado em toda a América espanhola – a república? Não uma república unitária, e sim muitas repúblicas, tantas quantas fossem as regiões brasileiras.¹⁷⁰

Barbosa também reflete sobre o reinado de D. Pedro I, ao analisar a tentativa do imperador em conciliar o poder e reduzir a oposição política brasileira, sendo a abdicação de D. Pedro I ao trono, feita em 7 de abril de 1831, após forte pressão política e popular contra seu governo, bastante explorada. Ao renunciar, D. Pedro I deixou, no Brasil, seu filho, o futuro D. Pedro II (que ainda não poderia assumir o reinado por ser menor de idade), sob a tutela de José Bonifácio.

Com tal atitude, D. Pedro I saía do Brasil, mas buscava manter o vínculo com a antiga colônia. Afonso Arinos explora e explica tal ocorrência, admitindo que o monarca “[...] cumpria o seu dever de sacrificar afetos de família ao propósito de manter as raízes da monarquia no Brasil, para a continuação de sua casa e do império. E, também, pela unidade futura do Brasil.”¹⁷¹

A despeito da abdicação e da instabilidade política presente no Período Regencial (1831-1840), de acordo com Afonso Arinos o Segundo Reinado encontrou um período de estabilidade durante quase quarenta anos, entre 1840 (com o golpe da maioridade, que culminou com a chegada de D. Pedro ao governo) e 1880. O que faltou, ao governo de Pedro I, foi, para Arinos, o apoio popular para a tomada de decisões.

O antagonismo e as diferenças entre o campo e a cidade prevaleceram por muito tempo no Brasil, desde o período colonial até o imperial. Com relação às diferenças no Primeiro Reinado, Arinos afirma: “Por isso, para bem compreender as confusas páginas da história do primeiro reinado, não convém perder de vista que a existência de dois Brasis, ainda hoje

¹⁷⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. Capítulo Terceiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 4, p. 70-71.

¹⁷¹ ARINOS, Afonso. Capítulo Sexto. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 4, p. 154.

reconhecida, era então, mais real do que agora.”.¹⁷² Os dois Brasis correspondiam ao campo (o mais atrasado) e à cidade (o mais desenvolvido). Aos olhos de Arinos, o quadro social do país não teria se alterado consideravelmente em relação ao período colonial.¹⁷³

O quarto volume avança em reflexões sobre o período monárquico, tratando de questões relativas ao Período Regencial Brasileiro (1831-1840), o Segundo Reinado, e, por fim, a Proclamação da República. Saliente-se a síntese que Afonso Arinos faz da monarquia no Brasil, destacando as suas contradições:

A contradição entre o Brasil das instituições e o da realidade social, entre a cidade e o campo, estourou em lutas bárbaras de caráter social e racial. O nacionalismo, levado a extremos, transformou-se em exagerado federalismo, com riscos para a unidade nacional. E o espírito de transição manifestou-se nas tentativas de construção de um regime novo, saído da letra da constituição outorgada – tentativas orientadas, afinal, pelo gênio da moderação brasileira, de forma a encontrar equilíbrio no processo parlamentar dessa república coroada, que foi o segundo reinado.¹⁷⁴

As discussões deste volume são concluídas com um balanço sobre o período imperial brasileiro e uma breve explanação acerca do movimento militar que culminou na Proclamação da República, em 1889. O capítulo doze, último deste volume e escrito por Antônio Houaiss, apresenta três eventos de importante relevância para a crise do Segundo Reinado: o movimento abolicionista, o republicano e a Guerra do Paraguai (1864-1870), que expôs as desigualdades sociais no âmbito interno brasileiro, além das crises econômicas advindas com a duração, maior do que o previsto, desse conflito.¹⁷⁵ Quanto ao movimento republicano, ele surge mais fortemente com o *Manifesto Republicano* publicado pelo político Quintino Bocaiuva, em 1870. Houaiss sintetiza o momento em que este ideário desponta no Brasil:

O ideário da república viria, assim, no bojo, a um tempo, da evolução da questão militar; da racionalização da sociedade por certos ideólogos ou seus práticos de certas utopias filosóficas, a principal das quais, na conjuntura, foi o positivismo; da presunção de eficácia no Estado a partir do instante em que se liberasse das peias do unitarismo e centralismo, eficácia que se afirmaria no ideal federativo e na correção da representação popular, mercê dos pleitos lisos.¹⁷⁶

¹⁷² ARINOS, Afonso. Capítulo Sexto. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 4, p. 155.

¹⁷³ Ibid., p. 155.

¹⁷⁴ Ibid., p. 160.

¹⁷⁵ HOUAISS, Antônio. Capítulo Décimo-Segundo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 4, p. 303.

¹⁷⁶ Ibid., p. 304.

Diante das instabilidades de ordem política, econômica e social presenciadas ao final do Segundo Reinado, as forças armadas, notadamente o Exército e a Marinha do Brasil, arquitetaram a deposição de D. Pedro II, colocando Deodoro da Fonseca em seu lugar, ainda que o militar possuísse afeição pelo imperador.¹⁷⁷ O fim da monarquia no Brasil ocorrera, dessa forma, pacificamente. Segundo Houaiss, o ideário republicano começaria a se configurar, lentamente, no interior da sociedade brasileira. Aos moldes dos Estados Unidos, o Brasil adotava a organização federalista de seus estados, cuja Constituição lhes concedia maior autonomia.

Em 15 de novembro de 1889, iniciou-se o Período Republicano. Dois dias após a Proclamação, D. Pedro II e sua família retornaram para a Europa. Os autores concluem o quarto volume ressaltando que, a partir de então, o Brasil adotaria uma nova forma de governo, a qual contaria com diversas crises institucionais, políticas e militares, tema que figurou como objeto de estudo dos volumes V e VI.

Em tempos de República: imagens e ideais do povo brasileiro

*[...] as causas históricas vão além da ação dos homens, dos seus sentimentos e interesses. [...] a passagem do tempo dissipa a névoa das paixões, permitindo ao observador perspectivas mais largas de análise, nas quais a realidade se oferece na sua complexidade natural.*¹⁷⁸

O quinto volume da *História do Povo Brasileiro* apresenta discussões relacionadas ao desenvolvimento do período republicano no Brasil. Inicia-se com a análise da proclamação da República, realizada em 15 de novembro de 1889, e prossegue com análises sobre este singular momento da República no Brasil.

Os autores deste volume apresentam características da Primeira República, bem como o papel desempenhado pelas oligarquias estaduais no processo político da época. O volume, ainda, é concluído com a apresentação do movimento responsável por colocar fim à presidência de Washington Luís, liderado pelo gaúcho Getúlio Vargas e que deu início à Era Vargas (1930-1945).

¹⁷⁷ HOUAISS, Antônio. Capítulo Décimo-Segundo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 4, p. 321.

¹⁷⁸ ARINOS, Afonso. Capítulo Terceiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 64.

No que se refere à divisão dos capítulos deste volume, é importante ressaltar que o responsável pela escrita dos capítulos I, II, VI, VIII e XI foi o também organizador da coletânea, Afonso Arinos; quanto à escrita dos demais capítulos (III, IV, V, VII, IX e X), incumbiu-se Francisco de Assis Barbosa. Os autores ainda destacam, neste volume, a relação entre as oligarquias estaduais e o governo federal, em especial a partir de 1894, quando o primeiro presidente civil, Prudente de Moraes, foi eleito para o cargo. Antes disso, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, ambos militares, desempenharam a função de chefe do executivo federal. Com relação aos dois primeiros presidentes brasileiros, é interessante destacar, ainda, que eles receberam grande apoio militar, em especial por representarem a classe a que pertenciam. Com isso, os militares, de acordo com Afonso Arinos:

[...] convergiam a princípio no prestígio de Deodoro, o chefe legendário, que personificava as glórias, sofrimentos e ambições da classe e, mais tarde, na personalidade curiosa de Floriano, menos aparatosa e mais autêntica, mais soldado que general, mais povo que elite, mais guiado pelo instinto dos naturais do que pelo conhecimento dos cientistas, e, por tudo isso, o homem que, talvez, mais tenha contribuído para dar à república o seu caráter popular e nacional.¹⁷⁹

Quanto à forma de Deodoro da Fonseca conseguir apoio popular e militar, Arinos esclarece que a nomeação dos governadores de estados era feita por meio de indicações, o que lhe possibilitava a substituição desses mesmos governadores em caso de discordâncias políticas. Como consequência de tais substituições, Arinos acrescenta que elas faziam com que a autonomia dos estados ficasse, quase sempre, subjugada ao arbítrio do governo federal, mantendo, ainda que proclamada a República, a centralização política e as decisões do país nas mãos do presidente: “[...] a proclamada república federativa não foi, na verdade, nem muito republicana nem autenticamente federal sob os dois primeiros presidentes. Foi uma ditadura militar, autocrática e unitária.”¹⁸⁰

O governo de Deodoro passou por grande instabilidade política e econômica, em especial devido à crise resultante da emissão de moeda (conhecida como Encilhamento) e à centralização política, causando inúmeros conflitos com o legislativo. Além dessas crises, o presidente teve de lidar com a Revolta da Armada, que se estenderia até o governo de seu sucessor, o Marechal Floriano Peixoto, e na qual os marinheiros exigiam maior participação no governo republicano. Devido à falta de apoio político para governar e à tentativa de fechar o

¹⁷⁹ ARINOS, Afonso. Capítulo Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 15.

¹⁸⁰ Ibid., p. 17.

Congresso (em decreto de 3 de novembro de 1891), Deodoro viu-se isolado politicamente. O resultado, como observa Afonso Arinos, foi o seguinte:

Deodoro deu o golpe, dissolvendo o congresso, mas este estimulou o contragolpe, que depôs o presidente [que renunciou em 23/11/1891]. Começava, assim, tragicamente, a experiência presidencialista brasileira, que, daí por diante, se repetiu com sinistra monotonia: presidentes depostos e congressos dissolvidos ou coagidos por estados de exceção, sempre pela mesma causa, seja, a incapacidade do regime, de prazos fixos e posições rígidas, em transformar as oposições em governos.¹⁸¹

Observa-se, na passagem anterior, a preocupação de Arinos em tratar da história republicana como uma sucessão de crises relacionadas à deposição de presidentes e tentativas de dissolução do Congresso, segundo o autor, devido à incapacidade do governo em reduzir os opositores e transformá-los em apoiadores.

Com a renúncia de Deodoro, assumiu Floriano Peixoto, conhecido por ser um militar mais rígido na tomada de decisões. Em seu governo, teve de lidar com a Revolução Federalista e a Revolta da Armada, contrárias ao presidente por considerá-lo ilegal na função que ocupava, uma vez que Floriano não convocou novas eleições devido à vacância no cargo quando da renúncia de Deodoro, como previsto na Constituição de 1891.

De acordo com a narrativa de Arinos, Floriano foi capaz de se identificar com as aspirações do povo brasileiro, sobretudo por sua concepção de Estado estar baseada na autoridade do poder, na igualdade republicana, no amor pela pátria e na força militar.¹⁸² O autor ainda complementa, a respeito da imagem de Floriano:

Como homem, como político e como militar, representava a massa brasileira, nas suas confusas aspirações igualitárias e nacionalistas. A oposição a Floriano arregimentou-se, por isso, nos meios da elite e nas forças mais tradicionalistas e conservadoras: a marinha, nas classes armadas; o parlamentarismo, na prática institucional, e o constitucionalismo, na ideologia política.¹⁸³

Com relação a outros aspectos da política na Primeira República, Arinos destaca que foi no governo Campos Sales (1898-1902) que se originou a “política dos governadores”, em que a relação amistosa entre governo federal e estadual possibilitava a permanência do poder nas mãos dos grandes latifundiários, ocorrendo uma troca de favores entre esses políticos.

¹⁸¹ ARINOS, Afonso. Capítulo Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 32.

¹⁸² Ibid., p. 40.

¹⁸³ Ibid., p. 40.

Aliadas a tais práticas, existiam fraudes eleitorais durante o período mencionado, que viriam a garantir a vitória eleitoral dos candidatos alinhados ao governo federal. Outro aspecto importante e que merece destaque é mencionado por Francisco Barbosa com relação às eleições para presidente: o autor relembra que as primeiras eleições presidenciais em que o povo brasileiro foi convocado a votar ocorreram em 1894, com a vitória de Prudente de Moraes, mas alerta para o fato de que as mulheres e os analfabetos não possuíam o direito ao voto. Barbosa se reporta da seguinte maneira sobre a primeira experiência eleitoral:

O povo não estava acostumado a votar. Não levava a sério as eleições. Numa das suas crônicas semanais, Machado de Assis não sabia como explicar o fenômeno do esvaziamento de grande parte do eleitorado no Rio de Janeiro, a velha corte imperial transformada em capital federal, se por descrença ao novo regime, se por abstenção voluntariamente dirigida contra os candidatos.¹⁸⁴

Houve, de acordo com a análise de Barbosa sobre as primeiras eleições diretas para presidente, um número de eleitores muito abaixo do esperado. A partir da passagem anterior, o autor destaca duas possíveis justificativas para este acontecimento: o descrédito do povo em relação à recente proclamação da República e a insatisfação dos eleitores com os candidatos.

No que se refere à eleição de 1894, dela Barbosa também destaca a existência de fraudes eleitorais, identificando uma dessas práticas ocorrida em São Paulo: “[...] apareceram cédulas em nome de Manuel Vitorino Monteiro, que não foram apuradas em favor de Manuel Vitorino Pereira, por entender a comissão de verificação de poderes do senado federal não se tratar de uma só pessoa.”.¹⁸⁵ Manuel Vitorino Pereira, candidato à vice-presidência na chapa encabeçada por Prudente de Moraes, deixou de receber alguns votos em São Paulo, pois a comissão de verificação de poderes não reconheceu as cédulas em que o seu sobrenome fora trocado.

Outro aspecto particular da prática republicana recém instalada no Brasil, salientada por Afonso Arinos, diz respeito aos acordos políticos travados no país e à maneira como eles possibilitavam um grande número de candidatos na política nacional:

Quando, nas democracias, a indicação dos governantes procura abertamente a ratificação popular, o processo torna-se mais simples, e a área de escolha se reduz às lideranças incontestáveis. Mas quando, como ocorria então no Brasil, as indicações eram feitas em conciliábulos de chefes e chefetes, atendendo a vários interesses grupais ou regionais, o jogo complicava-se muito, e os nomes dos possíveis candidatos se multiplicavam.¹⁸⁶

¹⁸⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. Capítulo Terceiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 67.

¹⁸⁵ Ibid., p. 68.

¹⁸⁶ ARINOS, Afonso. Capítulo Sexto. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 150.

Outro momento explorado no quinto volume e de extrema importância para nossas reflexões diz respeito à eleição de 1910 à presidência, em que concorreram o militar Hermes da Fonseca e o republicano Rui Barbosa. Com relação à campanha de Rui Barbosa, afirma Arinos:

[As viagens de Rui Barbosa] de propaganda a São Paulo, à Bahia, a Minas Gerais foram sucessivos triunfos que mobilizavam multidões. Pela primeira vez na república o povo deixou de presenciar “bestializado” às mudanças do poder; ocorreu à praça, inflamou-se com a causa. Homens e mulheres rompiam tradições e convenções; cidadãos pacíficos enfrentavam o chanfallo da polícia ou o porrete do desordeiro pago; o Brasil inteiro vibrou. Mas a sorte estava lançada e o próprio Rui não o ignorava. Os “400.000 votos redondos”, anunciados por Pinheiro Machado, funcionaram como fora previsto, na apuração do pleito mais vergonhamente eivado de violência e fraude da história do país, pior que as piores eleições do império.¹⁸⁷

De acordo com o relato de Arinos, ainda que esta fosse a primeira vez que o povo brasileiro tivesse participado ativamente do processo eleitoral, assistindo aos comícios e presenciando os discursos de Rui Barbosa pelo Brasil, tais eleições foram as mais fraudulentas até aquele momento. Diante do resultado negativo, Rui Barbosa elaborou um documento contestatório à vitória de Hermes da Fonseca, nacionalmente conhecido em virtude de suas críticas ao processo eleitoral. Sobre este documento, Arinos oferece um contundente parecer:

A “contestação” oferecida pelo candidato vencido contra o reconhecimento do seu competidor é dos documentos mais impressionantes da bibliografia política brasileira. Nela ficam exaustivamente provados os impedimentos do candidato vencedor [Hermes da Fonseca], bem como as espantosas irregularidades do pleito de 1º de março [de 1910]. O maciço arrazoado de Rui Barbosa é o diagnóstico de incuráveis moléstias que liquidavam o regime.¹⁸⁸

A insatisfação de Rui Barbosa foi tamanha que, em documento direcionado ao Senado Federal, o político apresentou os resultados por ele obtidos no pleito, a partir de levantamento nas cidades e estados brasileiros. Sobre estes dados levantados, Francisco Barbosa, no sétimo capítulo, dá continuidade às discussões em torno dos números da eleição analisados por Arinos no capítulo anterior, e acrescenta:

A fraude era sempre grosseira, rombuda, boçal. As “assinaturas” dos eleitores nas hipotéticas listas de comparecimento, que completavam a mistificação das atas falsas, apresentavam com surpreendente uniformidade os mesmos sinais

¹⁸⁷ ARINOS, Afonso. Capítulo Sexto. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 177.

¹⁸⁸ Ibid., p. 177.

caligráficos, quando não os mesmos garranchos, pois os forjadores de eleições eram, na maioria dos casos, recrutados entre semianalfabetos.¹⁸⁹

Assinaturas e atas falsificadas garantiam, assim, que as eleições consagassem os candidatos mais alinhados à permanência dos mesmos grupos partidários no poder. Com tais práticas, as mudanças políticas e sociais no país pouco se realizavam e os grupos dominantes se mantinham em suas posições. As eleições permaneciam, como afirma Arinos, apenas como um “ato formal”, desde que as oligarquias estaduais chegassem a um consenso quanto ao nome para a sucessão presidencial.¹⁹⁰

Ao final do quinto volume, observa-se uma crítica à permanência das desigualdades no país, uma vez que os grandes políticos e latifundiários, em especial os oligarcas mineiros e paulistas, lucravam de forma exorbitante com a venda do café, o produto que mais representava a economia brasileira à época, e pouco se preocupavam em resolver os demais problemas do país. Neste caso é Francisco Barbosa quem ajuíza e condena:

E como a restauração econômica e financeira só poderia advir através do café, única fonte de riqueza, pelo menos no centro do país, os dirigentes políticos, paulistas e mineiros, pouco se incomodavam com os outros problemas, nascidos com as transformações impostas pela abolição e pela república – os problemas da transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Problemas que mais se iam agravando com o crescimento assimétrico do país, especialmente com o gigantismo paulista. Nada disso, porém, parecia digno da atenção de estadistas, mas de filantropos, missionários, quando não de poetas líricos. Para eles, os donos do poder, o Brasil continuava patriarcal.¹⁹¹

No último capítulo do quinto volume, Afonso Arinos apresenta alguns dos principais fatores que contribuíram para que a Primeira República terminasse em 1930. Ao ressaltar o enfraquecimento do sistema oligárquico, Arinos assinala algumas transformações pela qual o país estava passando, sendo que um dos marcos dessas transformações foi, segundo o autor, a eleição do paraibano Eptácio Pessoa, em 1919:

[...] o desequilíbrio na política dos grandes Estados; a fundação do Partido Comunista (1921) exprimiou o aparecimento da consciência social revolucionária; a Semana de Arte Moderna (1922) traduziu a insatisfação da vanguarda cultural; e o primeiro 5 de julho veio trazer o elemento militar para frente das forças que lutavam, não pela substituição de homens dentro de um

¹⁸⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. Capítulo Sétimo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 179.

¹⁹⁰ ARINOS, Afonso. Capítulo Oitavo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 208.

¹⁹¹ BARBOSA, op. cit., p. 300.

mesmo regime – como até então ocorrera -, mas pela modificação do regime em si mesmo.¹⁹²

Fruto de um processo que já estava em movimento, a vitória de Eptácio deixou evidente a instabilidade na política brasileira, dessa vez, com relação à própria maneira como o regime político se exercia. A insatisfação política iria culminar, anos mais tarde (1930), na deposição de Washington Luís e na tomada de poder por Getúlio Vargas. Com Vargas, seria liquidado o “velho Brasil”¹⁹³, para utilizar a expressão adotada por Arinos.

Em março de 1930 ocorreram novas eleições para a presidência do Brasil. O candidato vitorioso, indicado para sucessão pelo então presidente Washington Luís (representante do estado de São Paulo), foi o paulista Júlio Prestes. No entanto, o que diferia da forma como a política se desenvolvia no Brasil até então, e o que viria a acontecer em 1930, mudaria os rumos do país dali em diante. A esse respeito, narra Afonso Arinos:

Os resultados [das eleições de 1º de março de 1930] foram os de antemão conhecidos: esmagadora vitória de Getúlio no Rio Grande [do Sul] e em Minas; esmagadora vitória de Prestes em quase todo o resto do Brasil. As razões disso eram mais ou menos as mesmas de um e outro lado: a máquina do poder a favor de um candidato aqui e de outro acolá. **A diferença, dessa vez, estava em que uma das facções da luta contava com o apoio sincero, e até entusiasta, do povo, para destruir aquela máquina do poder.**¹⁹⁴

O movimento de oposição à vitória de Júlio Prestes, conduzido por Getúlio Vargas, encontrou, segundo Afonso Arinos, adeptos nas ruas, quartéis, jornais e no parlamento. Com isso, o que parecia improvável (o desmonte da máquina de poder, responsável por garantir a vitória àqueles que a administrassem), aparecia como algo mais palpável dali em diante.

A narrativa montada por Arinos destaca a direção assumida pela vontade popular, diz de seus anseios e, principalmente, da forma como o povo se mobilizava no cenário político brasileiro. Sobre o movimento de 1930, o autor sentencia: “Foi, talvez, em toda a história do povo brasileiro, o momento em que massas e elites, com exclusão de reduzidíssimas minorias, mais de perto confraternizaram em um ideal comum de reforma e esperança.”¹⁹⁵

A revolução de 1930, que começara no Rio Grande do Sul e seguira para outros estados brasileiros, contando com grande apoio popular, foi consolidada em 24 de outubro de 1930,

¹⁹² ARINOS, Afonso. Capítulo Décimo-Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 5, p. 314-315.

¹⁹³ Ibid., p. 316.

¹⁹⁴ Ibid., p.326. (Grifos nossos).

¹⁹⁵ Ibid., p. 327.

quando Washington Luís foi deposto por um grupo de militares que passaram o comando do país a uma junta de governo provisória, composta por Mena Barreto, Tasso Fragoso e Isaías Noronha. Em 3 de novembro do mesmo ano, a junta militar escolheu Getúlio Vargas como presidente provisório do Brasil, assunto que encerra as reflexões dos autores no quinto volume da *História do Povo Brasileiro*.

O sexto e último volume apresenta as principais características da política brasileira e da relação do povo com o poder, em especial, a partir da chegada de Vargas à presidência, posto que o político ocuparia até 1945. A finalização do período histórico que o volume abarca apresenta as particularidades da presidência do militar Humberto de Alencar Castelo Branco, que assumiu o cargo após o golpe militar de 1964, e as perspectivas futuras de Artur da Costa e Silva, que viria a sucedê-lo entre 1967 e 1969.

Com relação à divisão dos capítulos deste volume, Afonso Arinos foi o responsável por escrever os capítulos I, II, III, IV, V, VI, IX, X e XI; Francisco de Assis Barbosa e Antônio Houaiss escreveram, cada um, apenas um capítulo, os de número VII e VIII, respectivamente. O volume se inicia com a retomada da discussão sobre a deposição de Washington Luís e a tomada de poder conduzida pelos militares, em 1930, além do impedimento da posse de Júlio Prestes e da chegada de Getúlio Vargas à presidência.

É recorrente, na historiografia sobre a República brasileira e na obra aqui analisada, a afirmação de que a sucessão dos eventos mencionados colocou fim à Primeira República. A despeito disso, é salutar acompanhar a reflexão aqui desenvolvida sobre estes mesmos acontecimentos, ainda que um dos principais propósitos dos autores tenha sido a interpretação das crises contemporâneas à época da produção do volume e pensar os rumos que o país tomava, tanto na esfera política, quanto na econômica e social.

É importante marcar a reflexão feita por Afonso Arinos no início do primeiro capítulo quanto à experiência republicana até o momento da posse de Vargas: “[...] o Brasil tem vivido sob o domínio pendular do progresso contra a ordem, ou da ordem contra o progresso, sem nunca se atingir aquele equilíbrio simbolizado no lema da nossa bandeira.”¹⁹⁶

A posse de Vargas como presidente, ainda que tenha atendido aos anseios de uma parcela da sociedade brasileira, de acordo com o entendimento de Arinos, foi um momento em que a ordem e o progresso não caminharam juntos. Essa problemática, esse descompasso irá perdurar por muito tempo na história nacional.

¹⁹⁶ ARINOS, Afonso. Capítulo Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 16.

Vargas passaria a obter um apoio mais contundente, de acordo com Arinos, à medida que desenvolveu uma política populista para alavancar sua hegemonia na presidência. Como bem afirma o autor: “Somente com o passar do tempo é que, graças às grandes qualidades políticas de que dispunha, a sua chefia se foi firmando, e o caudilho gaúcho pôde basear em uma política populista e no apoio da massa a sua ambição de poder.”.¹⁹⁷

Durante a Era Vargas, um grande receio tomaria conta de uma parcela da sociedade brasileira: o perigo comunista. Este receio se dava, em parte, devido aos conflitos ideológicos entre a esquerda e a direita políticas, tendo sido, inclusive, pretexto para a instalação do regime ditatorial em 1937, sob a alcunha de Estado Novo.

No que tange ao conflito esquerdas *versus* direitas, Afonso Arinos interpreta: “Esse ambiente de radicalização e de confrontação entre as esquerdas e direitas era devido, em grande parte, às condições gerais do país, à tradição personalista da sua política, sempre nucleada em torno de chefes individuais, e à ausência de partidos nacionais democráticos.”.¹⁹⁸

O autor chama a atenção para o fato de o Brasil possuir uma forte tradição personalista na política, o que implicava em uma dependência dos líderes políticos, enfraquecendo os partidos. Tal fato se deve, em parte, ao resultado das práticas políticas desenvolvidas até 1930, que fortaleciam alguns poucos políticos associados aos grupos dominantes e que resultava na existência de eleições enquanto mera burocracia no período.

A revolução de 1930 ainda seria, para Arinos, um ponto de ruptura no processo político, ao assinalar o fim de um longo período marcado pela corrupção e fraudes eleitorais desde o início da República. O autor sintetiza seu pensamento sobre este movimento ao afirmar: “A revolução de 1930 derrubara uma estrutura que, apesar dos defeitos e debilidades que demonstrou no fim, se encontrava enraizada nos costumes e no sentimento da nação.”.¹⁹⁹

Outra importante formulação efetuada por Arinos refere-se à personalidade e à prática política de Vargas. Pode-se perceber, a partir da caracterização de Vargas a seguir, a inflexão que a performance política do ditador atingiu Jânio Quadros, em especial no que toca à montagem de seus discursos e, principalmente, sua destinação:

Seguro da popularidade imensa de que gozava no país, [Vargas] viajou por toda parte, de avião, apenas para se mostrar ao povo, lendo discursos anódinos que distribuía para publicação autêntica, mas completando-os com trechos de improviso, da mais requintada demagogia, nos quais fazia promessas aos

¹⁹⁷ ARINOS, Afonso. Capítulo Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 17.

¹⁹⁸ Ibid., p. 47.

¹⁹⁹ Ibid., p. 64.

pobres e ameaças aos ricos, ameaças e promessas que, no fundo, não podia – nem queria – cumprir.²⁰⁰

No tocante ao governo democrático de Vargas (1951-1954), Arinos explora aspectos relacionados à sua oposição política, considerando, inclusive, o papel dos meios de comunicação nas disputas políticas aí implicadas. O principal meio de comunicação contrário a Vargas foi, sem dúvida, o periódico *Tribuna da Imprensa*, comandado pelo jornalista Carlos Lacerda. Este meio de comunicação, como afirma Arinos, tinha um papel influenciador nos setores políticos e militares:

[...] num país de decisões de cúpula, de golpes de Estado e de partidos oligárquicos como o Brasil (e todos os demais países de insuficiente desenvolvimento), a ação dos meios de divulgação não precisa atingir as grandes massas, para provocar decisões. Basta que mova os reduzidos setores em que as decisões são tomadas e executadas.²⁰¹

No trecho acima, pode-se notar a ênfase dada pelo autor ao papel desempenhado pelos meios de comunicação, que, no período analisado por Arinos, implicou no apoio aos grupos conservadores. Ademais, o autor pontua a falta de desenvolvimento no país, que pareceu contribuir para que as decisões fossem mantidas, àquela época, nas mãos dos grupos políticos dominantes. As grandes massas, o povo brasileiro, portanto, estaria afastado do centro das decisões.

Ainda no que se refere ao período em que Getúlio Vargas governou democraticamente o país, Arinos indica o quanto tal período foi marcado por crises políticas e sociais. Evento destacado foi, sem dúvida, a tentativa – malsucedida – de assassinato do jornalista Carlos Lacerda, no famoso atentado da Rua Tonelero, que culminou na morte do major da aeronáutica, Rubens Vaz. O homicídio foi rapidamente associado à Vargas, a quem o jornalista desferia recorrentes críticas em seu periódico.

Mas, o que nos chama a atenção na narrativa de Arinos sobre essa ocorrência não é o fato em si, mas o seu pensamento quanto aos desdobramentos desse episódio. Nessa linha, vemos Arinos efetuando uma crítica ao sistema presidencialista, ao afirmar que, se o país estivesse sob o parlamentarismo, em virtude da associação do crime a pessoas próximas a Vargas (ainda que o político não fosse o verdadeiro mandante do atentado), o gabinete teria sido imediatamente substituído. Nessa direção, Arinos expõe claramente sua preferência pelo sistema de governo parlamentarista:

²⁰⁰ ARINOS, Afonso. Capítulo Quinto. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 119-120. (Grifos nossos).

²⁰¹ Ibid., p. 129.

Se tivéssemos a fortuna de viver sob regime parlamentar de governo, ninguém teria dúvida de que, nos primeiros dias do crime, o gabinete resignaria. Mas o tosco engenho que é o sistema presidencial tornava cirúrgica uma solução que, no outro regime, transcorre como função orgânica normal.²⁰²

Diante da situação envolvendo Vargas, o povo brasileiro, por sua vez, não se mobilizou nem a favor, nem contrariamente ao presidente: vivenciou a situação enquanto mero espectador, sem participar da sucessão de eventos que culminaria com o suicídio do político, em 24 de agosto de 1954. Como resultado, conforme Arinos, “[...] a presença do povo foi como espectador da tragédia, cujos atores eram elementos das classes dominantes.”²⁰³

Outro momento decisivo da narrativa composta por Arinos diz respeito à apresentação do político Jânio Quadros. Jânio, um dos organizadores da coletânea, é apresentado como figura de transformação na política brasileira, uma vez que teria conseguido, como poucos, derrotar políticos que controlavam as eleições em São Paulo e no Brasil.

Francisco Barbosa também tece algumas notas sobre o político e suas campanhas, como podemos verificar no tocante à campanha de 1953 à prefeitura, na qual Jânio já havia conseguido colocar “[...] à prova a eficácia da organização partidária, inclusive dos partidos de massa [...]”²⁰⁴, uma vez que se elegeu contra Francisco Cardoso, sem contar com grande apoio. Barbosa complementa: “O fenômeno Jânio Quadros surgiu desse modo à hora em que o tumor estourava, para exibir toda a matéria purulenta que o precedera [...]”.²⁰⁵

Ao apresentar essa imagem de Jânio Quadros, Barbosa ressalta o papel que o político cumpriu na reestruturação das finanças em São Paulo, estado marcadamente dominado, durante a Primeira República, pelas oligarquias, que, a despeito de seu término, ainda permaneceram ligadas aos conchavos políticos: “Jânio Quadros conseguira realizar um governo equilibrado, eficiente e progressista, pondo em ordem as finanças, num clima de confiança e de grandes investimentos públicos e privados [...]”.²⁰⁶ Jânio parecia representar a voz da população, como insiste Barbosa, que, nessa direção, descreve o político e sua ascensão à presidência da seguinte forma:

Jânio exercia uma grande fascinação nas massas. Seu método de comunicação com o povo era singular. Magro, desalinhado, sua figura sofradora correspondia à própria imagem do povo sofrador. A sua popularidade constituía para as chamadas classes produtoras [...] uma garantia de que continuaria no governo

²⁰² ARINOS, Afonso. Capítulo Quinto. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 137.

²⁰³ Ibid., p. 141.

²⁰⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. Capítulo Sétimo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 205.

²⁰⁵ Ibid., p. 205.

²⁰⁶ Ibid., p. 207.

da república a mesma linha seguida no governo de São Paulo, restabelecendo a ordem e o equilíbrio nas finanças públicas. A sua ascensão à presidência parecia inevitável. Por toda a parte se ouvia o grito “Jânio vem aí”, que partia das camadas mais humildes e encontrava eco em todas as classes, não só da burguesia industrial, como da burguesia rural.²⁰⁷

A imagem projetada por Jânio Quadros, em suas campanhas, também é mencionada por Antônio Houaiss no oitavo capítulo do volume. O autor ressalta, dentre os elementos mobilizados pelo político para a constituição de sua imagem, a defesa da austeridade, honestidade e trabalho, uma vez que o próprio Houaiss considera tais elementos como “[...] fundamentos [...] de uma boa governança.”.²⁰⁸ Houaiss ainda afirma que a ascensão de Jânio Quadros encontrou forte apoio entre a sociedade, uma vez que o seu mandato de governador de São Paulo, entre 1955 e 1959, possibilitou-lhe uma projeção nacional. De acordo com o autor, Jânio se tornou, com este mandato “[...] figura emergente de projeção nacional e símbolo carismático das classes urbanas pobres e médias de todo o país.”.²⁰⁹

Houaiss propõe, ademais, uma avaliação da prática política e da própria figura de Jânio no tocante aos aspectos morais e dos costumes, ressaltando ações na linha de regulamentar espetáculos, programas de rádio e televisão, cinema e teatro. Segundo o autor, “A própria propaganda comercial recebia limitações, conforme as definições morais e dos bons costumes.”.²¹⁰

O autor não deixa de destacar as sindicâncias instituídas por Jânio desde quando ocupou a prefeitura de São Paulo. Tais sindicâncias tinham, como objetivo, investigar o uso do dinheiro público e os possíveis casos de corrupção nos órgãos públicos, no intuito de cumprirem com a obra moralizadora a que se propunha Jânio Quadros. A respeito das sindicâncias e do papel que elas tiveram durante o governo Jânio Quadros, o autor esclarece:

Jânio Quadros presidia a uma santa inquisição, em nome da moral e da pureza administrativas, cujos sacerdotes eram de regra os militares designados para presidirem ou integrarem tais comissões, no exercício de uma polícia e milícia de que saíam cada vez mais convencidos de que uma corja de trêfegos assaltantes civis enlameava a pureza nacional, impedindo que o Estado e a sociedade civil como um todo pudessem ser eficazes e realizar os objetivos de felicidade e riqueza sociais.²¹¹

²⁰⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. Capítulo Sétimo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 207-208.

²⁰⁸ HOUAISS, Antônio. Capítulo Oitavo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 214.

²⁰⁹ Ibid., p. 214.

²¹⁰ Ibid., p. 226.

²¹¹ Ibid., p. 230.

Houaiss também menciona, no excerto, uma “corja de trêfegos assaltantes civis”, responsáveis por prejudicar o país e, conseqüentemente, o próprio Jânio Quadros, que sucumbiu à renúncia sem contar com o apoio político de que necessitava para governar e, sobretudo, com o apoio do povo, capaz de reconduzi-lo ao cargo, caso esta fosse a vontade popular. Com relação à falta de apoio, Houaiss afirma que isto se deveu à carência de uma “educação política coletiva”:

[...] um dos maiores males dos brasileiros, do [brasileiro] comum como sobretudo das chamadas elites, era a ignorância geral do que se passava no grande mundo, o que lhes fazia supor sermos uma grande nação, quando éramos, em verdade, uma nação que tendia a quantificar-se, pauperizando-se e multiplicando-se em problemas sociais cada vez mais graves.²¹²

A caracterização que Houaiss faz dos brasileiros, sobretudo de sua dinâmica de operação, figura como motivo principal pelo não avanço do país. A visão equivocada de que o Brasil seria uma grande nação configuraria o próprio entrave para identificar os reais problemas nacionais, dado que se olha para o futuro sem, contudo, solucionar os problemas do presente. Ainda de acordo com o autor, para que esta situação fosse alterada seria preciso tomar o presente com “coragem, decisão e urgência”, a fim de “[...] permitir à nação ter um futuro diferente daquele para o qual, ‘naturalmente’, se estava caminhando.”²¹³

Afonso Arinos, por sua vez, desenvolve uma avaliação rigorosa acerca do presidencialismo brasileiro, em cuja argumentação se evidencia, inclusive, sua posição claramente contrária a este sistema de governo:

Os presidentes, neste nosso sistema [presidencialista], nunca se circunscreveram aos limites da lei; sempre exerceram o poder pessoal, nos seus mais grosseiros aspectos. E os partidos nacionais nunca cumpriram, tampouco, a missão constitucional de manter a independência do legislativo e exercer a fiscalização democrática. Ou se submetem passivamente ao executivo, em troca de favores, ou insuflam a revolução e a ilegalidade. A longa esteira de crises, crimes e vergonhas, que é o nosso presidencialismo, é a prova cabal de um fracasso que nunca foi feito contra o regime parlamentar.²¹⁴

No trecho acima é possível identificar apontamentos de Arinos sobre a forma como os presidentes governavam o país, cuja preocupação era, basicamente, estar acima da lei. Associado

²¹² HOUAISS, Antônio. Capítulo Oitavo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 240.

²¹³ Ibid., p. 240.

²¹⁴ ARINOS, Afonso. Capítulo Nono. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 252.

a isso, os partidos não cumpriam com seu papel de fiscalizar democraticamente as ações do executivo, o que acabava por gerar um movimento de instabilidade política e, conseqüentemente, de crise entre os poderes. A solução para tais conflitos seria, de acordo com o autor, o sistema parlamentarista, que não lograria êxito, contudo, durante breve experiência no mandato de João Goulart, após a renúncia de Jânio Quadros.

Com relação ao governo de João Goulart, a situação política se encontrava insustentável devido à sua ligação com os setores trabalhistas da sociedade, agravando-se ainda mais com os comícios envolvendo a população mais pobre, nos quais ele anunciava, com entusiasmo, as “reformas de base”. Diante desse cenário, as elites conservadoras deram sustentação ao golpe liderado pelos militares, que lograra êxito através da deposição de João Goulart e da tomada de poder entre 31 de março e 1º de abril de 1964, dando início à ditadura militar brasileira.

Com o regime militar, a participação popular foi impedida e as decisões políticas passaram a ser pautadas, a partir de então, pela arbitrariedade dos ditadores. Procurou-se criar, como afirma Arinos, uma estrutura “legalizada” para o regime, sendo que uma das medidas adotadas foi a Constituição de 1967, que garantiria a realização de eleições de forma indireta. Sobre essa constituição, afirma Arinos: “O que na verdade se criou foi uma oligarquia juridicamente amparada. Oligarquia tendente a manter o predomínio das classes armadas no poder.”.²¹⁵ Seria uma nova oligarquia no comando da política, não mais conduzida pelos grandes proprietários de terras, como na República Velha, e sim pelos grupos políticos conservadores. O autor faz um balanço dos primeiros anos da ditadura militar e da presidência do Marechal Castelo Branco ao descrever a atuação do militar pautada no respeito e na autoridade:

A compostura pessoal e a autoridade moral do presidente [Castelo Branco] criavam em torno a ele uma atmosfera de respeito, que supria a impopularidade que os seus atos restritivos provocavam. Ele enfrentou com coragem os sintomas da corrupção e da demagogia, arrastando antipatias e ódios. [...] devemos reconhecer que Castelo Branco combateu a corrupção e a desenfreada demagogia do peleguismo sindical, do estudantismo profissional, da politiquice voraz, da burocracia indolente e ávida, embora, ao fazê-lo, tenha permitido que se praticassem injustiças e violências extremamente condenáveis.²¹⁶

O combate à corrupção é uma das características sinalizadas pelo autor, ainda que as atitudes do presidente tenham sido realizadas com base na violência. Os primeiros anos da

²¹⁵ ARINOS, Afonso. Capítulo Décimo. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 306.

²¹⁶ Ibid., p. 307.

ditadura deveriam ser seguidos, estima Arinos, por uma transição mais equilibrada e menos violenta, sendo que o autor parece prescrever uma transição para que o país pudesse reencontrar os seus rumos políticos, a partir da ordem interna e da estabilidade institucional, objetivando o desenvolvimento nacional²¹⁷:

Não há dúvida de que esta última [a transição equilibrada] é difícil, depende de muitos fatores externos, e mesmo internos, que escapam ao domínio do governo, principalmente porque não se trata somente de uma recuperação de algo pré-existente, mas de um reinício, de uma verdadeira construção do Brasil futuro.²¹⁸

Uma crítica retomada por Arinos ao final do volume se refere ao problema do sistema presidencialista, que, ao seu ver, representa o mal profundo e permanente que atinge as instituições políticas brasileiras. O autor destaca a permanência de alguns vícios políticos em diferentes governos, desde Deodoro da Fonseca até Castelo Branco. Também compara as constituições brasileira e estadunidense, apresentando divergências entre ambas, a despeito de os dois países seguirem o sistema presidencialista.

Um dos problemas apontados por Arinos em relação ao presidencialismo reside na própria elaboração das constituições republicanas brasileiras: desde a primeira delas, em 1891, já existiam divergências em torno de sua escrita. Arinos afirma, a esse respeito, que no Brasil “[...] o sentimento de respeito e amor pela constituição presidencial nunca existiu, nem nas elites nem no povo. Desde o início da vida constitucional – a rigor, desde dentro da primeira constituinte – falava-se em alterar a constituição, em substituí-la, em renegá-la.”²¹⁹

Para Arinos, havia certo desinteresse dos brasileiros em cumprir as leis presentes nas Cartas Magnas, diferentemente dos estadunidenses, que enxergavam a constituição como uma espécie de “bíblia cívica”²²⁰. No Brasil, completa Arinos, essa “[...] indiferença pela constituição determinou a ineficácia dos seus órgãos mais conspícuos e dos seus instrumentos mais necessários. Entre aqueles, o congresso nacional e o supremo tribunal; entre estes, os partidos políticos.”²²¹

Na perspectiva de Arinos, a instabilidade política no período republicano brasileiro se devia ao desrespeito à Constituição por parte dos presidentes, governadores e líderes

²¹⁷ ARINOS, Afonso. Capítulo Décimo-Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 311.

²¹⁸ Ibid., p. 310.

²¹⁹ Ibid., p. 314.

²²⁰ Ibid., p. 314.

²²¹ Ibid., p. 316.

oposicionistas, promotora inequívoca das revoluções, intervenções federais e fraudes eleitorais.²²² A defesa do parlamentarismo é, diante da instabilidade política enunciada por Arinos, reafirmada em uma passagem na qual ele traça um paralelo com o período imperial:

A própria passagem do império para a república, que foi a maior crise do império, decorreu sem nenhum abalo, por causa do parlamentarismo. A mudança do imperador pelo presidente custou infinitamente menos ao Brasil, em todos os terrenos, que as mudanças de um presidente por outro presidente. E isso porque essas mudanças presidenciais, aparentemente legais, são feitas dentro do quadro presidencial, enquanto a outra, a revolucionária, se processou dentro do quadro parlamentar.²²³

Na ditadura militar, o presidencialismo foi marcado por eleições indiretas, que serviam para colocar no comando os militares alinhados com o governo predecessor. Dessa maneira, a manutenção de um sistema político fraudulento, na ditadura, perdurou por 21 anos. Arinos pontua que o presidencialismo teria voltado à forma oligárquica, mas, ainda de acordo com o autor: “Não à oligarquia da primeira república, porque as condições são outras, mas ao seu próprio processo oligárquico, baseado no bipartidarismo forçado [...] e na eleição por colégio eleitoral reduzidíssimo e inteiramente subordinado à pressão militar.”²²⁴

A implantação do parlamentarismo, mais estável do que o presidencialismo, na visão de Arinos, possibilitaria a estabilidade política no Brasil. De acordo com o autor: “A estabilidade seria garantida pela justa distribuição entre a chefia do Estado, arbitral, ordenadora e de duração longa, e a chefia do governo, sujeita ao êxito dos planejamentos e da respectiva execução, pelos instrumentos da responsabilidade e temporariedade não fixa.”²²⁵

Essa alteração no sistema de governo seria capaz, de acordo com o que defende Arinos, de reduzir os conflitos relacionados à autoridade do presidente em relação às instituições, em especial as do legislativo e judiciário. Dessa maneira, a possibilidade de ocorrerem ditaduras, tal como foi a de Deodoro e Floriano, no início da República; a de Vargas, com o Estado Novo; e a militar, a partir de 1964, consideradas pelo autor como “males do presidencialismo”, seria reduzida. O parlamentarismo seria, por conseguinte, a solução mais efetiva para controlar os governos autoritários. Arinos sintetiza seu pensamento sobre o sistema de governo da seguinte maneira: “Os males inerentes ao presidencialismo brasileiro, que são *mutatis mutandis* os do

²²² ARINOS, Afonso. Capítulo Décimo-Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 315.

²²³ Ibid., p. 316-317.

²²⁴ Ibid., p. 319.

²²⁵ Ibid., p. 320.

latino-americano em geral, têm sempre encontrado solução transitória – não remédio definitivo – na instalação de ditaduras.”.²²⁶

Como conclusão do volume, Afonso Arinos faz um balanço do período republicano no Brasil, considerando os impactos da adoção de elementos de sistemas presidencialistas de outros países sobre os governos brasileiros. Com isso, o autor realiza mais uma crítica ao sistema, uma vez que afirma que não se deve confundir “República” com “presidencialismo”:

A propaganda republicana no Brasil sempre sonhou com a “americanização” do nosso país, através da adoção do sistema de governo que dominava o continente. Desde antes da independência, mesmo, os utopistas republicanos voltavam os olhos para o modelo dos Estados Unidos da América. Depois da guerra do Paraguai foram preferencialmente os modelos latino-americanos que influíram sobre líderes da influência de Quintino Bocaiuva. Precisava-se americanizar o Brasil, acabar com aquela exceção europeia que era o parlamentarismo imperial. Acontece, porém, que não nos americanizamos somente; fomos mais longe – nós nos latinoamericanizamos, com o perdão do barbarismo.²²⁷

Depreende-se, da citação anterior, que o Brasil teria seguido o exemplo de países da América Latina quanto à instauração da República, sendo que, para Arinos, este não seria o melhor exemplo. O Brasil, ao seguir tais exemplos, acabaria herdando, como características negativas, os problemas sociais relacionados à falta de desenvolvimento social, político e econômico, características comuns aos países latino-americanos.

Diante do que foi explorado nos volumes, a história do povo brasileiro parece estar sendo formulada pouco a pouco, sendo que as características levantadas pelos organizadores e colaboradores da obra retratam a evolução e a formação social, política e cultural do Brasil. Como pudemos observar neste volume, o Brasil, que possui uma herança negativa resultante da escravidão, das desigualdades sociais, dos grandes acordos políticos e de governos autoritários (em especial na história republicana), necessita caminhar rumo ao desenvolvimento de seu povo, a fim de superar os problemas mencionados e, conseqüentemente, desenvolver-se nacional e internacionalmente.

O recado deixado por Afonso Arinos, na última página do livro, é um convite à esperança do povo brasileiro em relação ao futuro do país: “Não devemos descrever do futuro. A

²²⁶ ARINOS, Afonso. Capítulo Décimo-Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 320.

²²⁷ Ibid., p. 321.

história do povo brasileiro mostra-nos que temos motivos para confiar, desde que as elites contemporâneas saibam colocar-se à altura da sua missão histórica.”.²²⁸

Deve-se, nos termos de Arinos, acreditar que o Brasil será conduzido rumo ao desenvolvimento, sendo papel das elites contribuir para que o povo brasileiro supere seus problemas e consiga, enfim, caminhar rumo a um futuro mais confiante. Nas páginas que se seguem, analisaremos, cuidadosamente, outra obra de particular interesse para nossas reflexões: *Os dois mundos das três Américas*, a fim de compreender, na perspectiva de Jânio Quadros, como o Brasil se insere na dinâmica regional da América.

A América, as Américas – a busca da unidade na diversidade.

*Não pode haver cidadãos e meio-cidadãos; a cidadania é direito de todos, e precisa ser exercida em sua plenitude.*²²⁹

*Onde desejaríamos que não existissem fronteiras, os interesses grupais e a mediocridade levantaram muralhas.*²³⁰

A segunda obra que será analisada neste capítulo, tal qual a *História do Povo Brasileiro*, praticamente não foi explorada por estudiosos e pesquisadores das ciências humanas desde o momento em que foi publicada pela primeira vez, em 1972. Esta situação nos confere uma dupla tarefa: a primeira delas é situá-la quanto ao assunto abordado, qual seja, a relação entre os países da América e suas distinções no que se refere ao desenvolvimento; a segunda, não menos laboriosa, diz respeito à identificação de fatores apontados por Jânio como determinantes ao desenvolvimento – ou à falta dele – na América.

Essa dupla tarefa, ainda que desafiadora, nos possibilita explorar os conceitos e compreender a forma como o autor identifica a relação que o Brasil possui com os demais países da América, a partir da narração de situações que evidenciam, mais do que os próprios acontecimentos em si, as suas específicas interpretações do Brasil e de seus governantes, bem como as semelhanças e diferenças entre esses países e seu povo.

²²⁸ ARINOS, Afonso. Capítulo Décimo-Primeiro. In: QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967, v. 6, p. 329.

²²⁹ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 413.

²³⁰ Ibid., p. 491.

Antes de perscrutar *Os dois mundos das três Américas*, é fundamental ressaltar que, durante o levantamento bibliográfico, não encontramos nenhuma edição posterior ou pesquisadores que tenham analisado tal obra. Este é um fato intrigante, pois o livro escrito por Jânio Quadros, em suas quase 500 páginas, apresenta valiosas análises sobre a cultura, política, sociedade e o desenvolvimento existentes – ou não – no continente americano. Conforme declara o autor, sua pretensão com o livro é que ele seja

[...] apenas uma resenha histórica do chamado “Pan-Americanismo”, sua gênese, seu desenvolvimento e seus problemas. Mostra algumas das dificuldades já vencidas, e outras, ainda não ultrapassadas pelos países ao Sul do rio Bravo, no caminho áspero da integração latino-americana.²³¹

O primeiro aspecto que convém ressaltar diz respeito ao título do livro: *Os dois mundos das três Américas*. Com ele, Jânio apresenta, engenhosamente, duas realidades distintas a partir da referência a dois termos já consolidados e, até mesmo, ultrapassados na historiografia: desenvolvimento e subdesenvolvimento. *Os dois mundos* a que Jânio se refere são, pois, estes: o primeiro, marcadamente desenvolvido, sob a primazia dos Estados Unidos da América; o segundo, subdesenvolvido, em que o México, a América Central e a América do Sul parecem se imiscuir em torno dos mesmos problemas sociais e econômicos.

Há que se ressaltar, ainda, que Jânio Quadros parece colocar estes dois mundos, o desenvolvido e o subdesenvolvido, em uma categorização ainda mais específica, ao tratar do mundo anglo-saxão e do latino-americano, respectivamente. As origens do progresso e do atraso, com isso, estariam relacionadas às origens históricas da colonização e, até mesmo, da religião por trás dos colonizadores, uma vez que o autor afirma que “[Os protestantes] Vinham para permanecer, e sem embargo da ambição das riquezas, o que bem os distinguiu da colonização latina era a intenção firme dessa permanência.”²³²

No trecho acima, Jânio considera que uma das diferenças entre a colonização inglesa e a ibérica foi, sob o viés religioso, o desejo de se estabelecer definitivamente na América do Norte, por parte dos anglo-saxões, enquanto os ibéricos desejavam, apenas, a exploração das terras conquistadas no centro-sul do continente americano (uma reflexão que se aproxima daquela desenvolvida por Caio Prado Junior, estudioso que sofreu a inflexão do francês Leroy-Beaulieu acerca da dicotomia entre as chamadas colônias de povoamento e de exploração).²³³

²³¹ QUADROS, Jânio. *Os dois mundos das três Américas*. São Paulo: Martins, 1972, quarta capa.

²³² Ibid., p. 15.

²³³ MONASTERIO, Leonardo; Ehrl, Philipp. Colônias de Povoamento versus Colônias de Exploração: de Heeren a Acemoglu. *Análise Econômica*, Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 213-239, mar. 2019, p. 223.

A partir dessas reflexões, Jânio localiza, através de uma fronteira natural, algo que parece separar, simbolicamente, os dois mundos por ele analisados (o desenvolvido e o subdesenvolvido): o Rio Grande, cuja nascente surge no estado do Colorado (EUA) e segue até o Golfo do México, onde passa a ser chamado Rio Bravo (nomenclatura adotada pelo autor em todo o seu livro).

O rio, que na atualidade é símbolo das diferenças entre os povos mexicanos e estadunidenses e marcado por grandes tensões sociais²⁵¹, sobretudo graças às tentativas de imigrantes mexicanos ultrapassarem as fronteiras em direção aos Estados Unidos, é apresentado, por Jânio, como um local de grandes disputas territoriais, desde muitos anos atrás, com o início da colonização inglesa na América do Norte. Somente com a Guerra do México (1846-1848) é que o Rio Bravo passaria a ser definido como fronteira física entre os Estados Unidos da América e o México.

Jânio também afirma, em sua obra, que as Américas apresentam origens desiguais e, conseqüentemente, formas distintas de desenvolvimento, em especial devido às fronteiras, que não se configuram apenas físicas, mas também políticas, culturais, sociais e econômicas entre os países anglo-saxões (mais desenvolvidos, ao norte do Rio Bravo), e os latino-americanos (menos desenvolvidos, ao sul do mesmo rio). Jânio identifica, como origem para o desenvolvimento e subdesenvolvimento, as seguintes razões:

Lá [ao Norte], as forças que atuaram eram centrípetas. Ao Sul, eram centrífugas. Prevaleceram, aqui, o individualismo da raça, que repele a transigência e a colaboração democráticas, a filosofia religiosa indiferente à profissão ou aos negócios que não ensejassem enriquecimento fácil, excetuadas a mineração e as “*haciendas*”, estas, geradoras, mais do que aquela, do caudilhismo; as ambições individuais de mando, exteriorização do egoísmo racial, a avidez da metrópole que, hostilizando o progresso material do império, saqueava-o em seus territórios; o estilo de vida transplantado da Europa, isto é, periférico e inteiramente dependente daquela, atuando tudo como agentes da pulverização política.²³⁴

Cabe-nos salientar, ainda, algumas informações que julgamos relevantes sobre esta segunda obra, antes de explorarmos suas linhas interpretativas. Publicada em 1972 pela Livraria Martins Editora, a obra parece não ter conquistado muitos adeptos, pois não foram encontradas edições posteriores. Registre-se que a *História do Povo Brasileiro*, diferentemente, chegou a ser reeditada em 1968, somente um ano depois de sua primeira tiragem.

²⁵¹ Em relação aos conflitos na atualidade que envolvem o Rio Bravo, conferir: O RIO onde milhares de imigrantes arriscam a vida em busca do sonho americano. **BBC News Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48832565>. Acesso em: 31 ago. 2021.

²³⁴ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Martins, 1972, p. 82.

Publicada oito anos após o golpe militar (1964), percebe-se grande erudição e conhecimento histórico nos relatos efetuados por Jânio Quadros em seu *Os dois mundos das três Américas*. Na obra o autor situa, no âmbito da própria exploração da América, as origens das especificidades de cada país e, ainda mais, as dificuldades para seu progresso ao longo dos anos. Com isso a obra, ainda que pouco analisada pelos pesquisadores, considera a população enquanto tema e perspectiva, dado que apresenta as tensões existentes entre os povos ao norte e ao sul do Rio Bravo; aqueles, mais avançados do que estes, dentre os quais os brasileiros se incluem tortuosamente.

Entre os principais fatores mencionados pelo autor quanto à diferença de desenvolvimento entre esses dois mundos, encontramos a desunião entre os países latino-americanos, em virtude da origem da colonização (o Brasil, colonizado por Portugal, foi o único país da América Latina que, após sua independência, tornou-se uma monarquia, e não uma República, diferentemente dos países de origem hispânica) e da disputa por territórios no seio da própria América (como são os famosos casos, por exemplo, das contendas envolvendo a Colônia do Sacramento e a região dos Sete Povos das Missões, entre Brasil e Uruguai, desde o século XVII até o XIX).

A interpretação proposta por Jânio acerca dessas diferenças entre os países de colonização ibérica e anglo-saxônica continua no decorrer da obra. Devemos mencionar, portanto, que a obra carrega, no correr de suas páginas, figurações sobre o Brasil e seu desenvolvimento (ou subdesenvolvimento, para utilizarmos o termo empregado por Jânio em relação ao Brasil). Difundidas, também, no decorrer de suas campanhas, ainda que de forma não tão explícita, essas figurações indicam o que pensava Jânio acerca do Brasil e de que maneira ele se colocava como o responsável pela própria transformação – positiva – do país.

Nas primeiras páginas de sua obra, Jânio procura explorar o período ao qual se dedica, sendo que o primeiro assunto por ele tratado refere-se ao processo de colonização dos Estados Unidos e à emancipação das colônias inglesas, aproveitando-se do assunto para refletir sobre o uso da mão de obra escravizada e os interesses por trás dessa prática na América. O autor acaba remontando, ainda, à chegada dos espanhóis ao continente, em 1492. Com relação à mão de obra utilizada, Jânio afirma:

A introdução do [trabalho] escravo tornou condenável, por séculos, o exercício do trabalho manual, como inferior em escala social. O sistema econômico decorrente foi o das “haciendas” – grandes propriedades rurais, nas quais os senhores, usurpando as melhores terras, reinavam com poderes absolutos sobre a vida e morte de seus homens.²³⁵

²³⁵ QUADROS, Jânio. *Os dois mundos das três Américas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 80.

O trecho anterior faz referência a algumas das características da colonização latino-americana, na sua diferença em relação à colonização realizada na América do Norte por parte dos ingleses. O primeiro aspecto que chama a atenção nesse trecho é a questão do trabalho. De acordo com o autor, devido à introdução da escravidão o trabalho manual passou a ser visto como inferior na sociedade, o que justificaria, por exemplo, a continuidade da escravidão conduzida pelos europeus, primeiramente sobre os indígenas e, posteriormente, sobre os africanos.

Como consequência da adoção desta forma de trabalho, o autor menciona que gritantes distinções sociais foram, cada vez mais, acentuadas na América. Jânio é bastante enfático em reiterar que as possíveis causas para a manutenção dessa forte distinção social nos países da América Latina ocorrem em virtude da prevalência, durante todo o período colonial, da desvalorização do trabalho manual e do incentivo, por parte dos europeus, à concentração de terras, ainda que o autor não dê muito destaque, em seu livro, para a escravidão presente nos Estados Unidos e que, ainda hoje, representa aspectos negativos para a história estadunidense.

O autor chama a atenção, ainda, para o fato de que a concentração de terras será problema recorrente na história dos países latino-americanos, inclusive na atualidade. E pondera, também, que a defesa dos interesses dos grandes proprietários rurais foi uma das tônicas dos principais movimentos políticos ocorridos na América Latina, representando um grande obstáculo para o desenvolvimento econômico da região, mesmo nos dias de hoje.²³⁶

Jânio, ademais, ressalta algumas diferenças entre as colônias portuguesas e hispânicas, em especial no tocante à manutenção da unidade nacional. No caso português, o autor destaca o papel centralizador dos governos instituídos no Brasil, o que garantiria, de acordo com ele, maior estabilidade política, econômica e social, em oposição à descentralização presente às vésperas das independências dos países de origem hispânica, conquistadas a partir das lutas de emancipação. Com relação à unidade nacional no Brasil, Jânio ressalta algumas diferenças entre as conjunturas brasileira e dos países de origem hispânica:

A permanência da dinastia, depois da separação de Portugal [em 1822], evitava os choques violentos, as demoradas lutas, através das quais as nações da América espanhola iam firmando a própria independência. Já a vinda da Família Real para o Brasil [1808] e a elevação da antiga Colônia a Reino [1815] haviam sido os primeiros elementos a permitirem uma sedimentação da nova nacionalidade.²³⁷

²³⁶ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 80.

²³⁷ Ibid., p. 100.

No trecho acima o autor fala sobre uma “nova nacionalidade”. Ao que parece, o termo adotado por Jânio considera que houve, com a chegada da Corte Portuguesa, em 1808, um momento de maior unidade política. Este momento seria consolidado no período monárquico, em especial no segundo reinado, governado por D. Pedro II durante quase 50 anos. Com a instituição da monarquia no Brasil, o autor considera que foi evitado o desmembramento do país (tal como ocorreu nos vice-reinados espanhóis, que se tornaram repúblicas quando de suas independências²³⁸), ainda que algumas revoltas tenham ocorrido no Brasil em favor do rompimento político com Portugal.

A integração nacional brasileira seria, por conseguinte, resultado de fatores alheios àqueles presentes nos países hispânicos. Jânio ressalta, por exemplo, que o fato de a conquista do Brasil ter ocorrido de forma “periférica”, ou seja, através de seu litoral, proporcionou a formação de núcleos principais de ocupação (como os de Pernambuco e São Vicente), responsáveis pelo processo mais efetivo de interligação do país e, no decorrer do período colonial, pela transferência do eixo socioeconômico entre o Nordeste e o centro do Brasil.²³⁹

A comunicação entre as regiões somente foi possível, de acordo com o autor, graças à existência de ciclos econômicos no Brasil. O autor ressalta, como alguns dos principais ciclos, o do açúcar, o das entradas e bandeiras, o ciclo do gado (e a consequente ocupação do sertão brasileiro) e o da mineração de ouro e diamantes, inicialmente no estado de Minas Gerais e, posteriormente, no Mato Grosso, Goiás e Bahia.

A síntese das ideias do autor a respeito da comunicação interna do país pode ser verificada no trecho a seguir: “No Brasil, sem embargo das distâncias e da colonização difusa, o fenômeno dos vários ciclos econômicos, deslocando-se pela geografia, e dos vários movimentos socioeconômicos, de interiorização, permitiram *comunicabilidade* ao espaço nacional.”²⁴⁰

Dentre algumas das principais reflexões feitas por Jânio Quadros em sua obra, ressalte-se aquela sobre as diferenças existentes entre os países da América. A abordagem de Jânio sobre as diferenças entre os países latino-americanos e os Estados Unidos se faz mais presente nos seus ácidos comentários sobre a chamada Doutrina Monroe, adotada pelo presidente estadunidense James Monroe na década de 1820 e que tinha, como premissa, o lema da “América para os americanos”.

Ainda que a doutrina pareça, em uma primeira impressão, assegurar a autonomia dos países americanos em relação aos europeus, Jânio destaca algumas disparidades nesse conjunto

²³⁸ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 100.

²³⁹ Ibid., p. 101.

²⁴⁰ Ibid., p. 103. (Grifos do autor).

de ideias, em especial porque elas foram utilizadas mais para fortalecer a supremacia dos Estados Unidos em relação aos países abaixo do Rio Bravo. O autor sintetiza o conjunto de normas presentes na Doutrina Monroe no excerto abaixo:

a) os Estados americanos têm, a inspirá-los, o espírito democrático republicano, o que significa a aplicação do princípio “stricto sensu”; b) os Estados americanos proclamam sua obediência à Lei do Contrato; c) os Estados americanos reconhecem expressamente que a Moral deve inspirar a ação política internacional; d) os Estados americanos proclamam a “não-intervenção” em outros Estados, e a autodeterminação, como fundamentos de sua política externa; e) os Estados americanos excluem a força como fonte de Direito; f) os Estados americanos adotam para solução dos problemas internacionais as negociações diretas e a arbitragem; g) os Estados americanos proclamam a solidariedade continental, laço político-jurídico comum.²⁴¹

Dois pontos importantes do excerto merecem destaque: as ideias de não intervenção dos países americanos em outros Estados e o princípio de autodeterminação dos povos. Esses dois pontos destacados parecem ter decisiva importância para Jânio, tanto no que se refere aos países americanos, quanto pelo espaço que ocupou em discursos por ele proferidos em sua campanha presidencial, que tomou forma, após sua eleição, na figura de sua Política Externa Independente (PEI), a partir da qual Jânio defendia maior autonomia aos países americanos e reafirmava que esses povos teriam o direito de se autogovernarem e decidirem a política adotada internamente, sem intervenções externas, quaisquer que fossem.

Uma vez que diversos países da América vivenciaram a interferência de outras nações em seu interior, inclusive de países da própria América (como é o caso dos Estados Unidos), que expressavam sua hegemonia e força política em territórios alheios, Jânio é claro em apontar estes elementos como grande provocador da instabilidade que paira entre as nações latino-americanas:

Toda a história das relações entre a nação anglo-saxônica e seus vizinhos morenos está pontilhada de atentados lançados por aquela contra estes, ora no campo político, com a ocupação violenta de espaços geográficos, com o desmembramento de províncias, com o apresamento de governos ou alfândegas, ora no campo econômico, com os capitais de “tensão”, inevitavelmente rapaces, e com o crescente domínio político através da sujeição econômica.²⁴²

²⁴¹ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 120.

²⁴² Ibid., p. 141.

Para Jânio, outra das causas da instabilidade dos países latino-americanos, para além da influência negativa dos Estados Unidos, seria a desunião entre eles. O autor considera que as diferenças econômicas, políticas e culturais entre o Brasil e países de colonização espanhola podem ser percebidas graças à própria forma de governo neles adotada, quando de suas independências (a monarquia no Brasil e a república nos países hispânicos), o que acaba por impossibilitar um sentimento de unidade na América Latina. Jânio prescreve, em termos políticos, o que deve ser a relação entre os povos latinos: “[...] somente unidas essas Repúblicas poderão ter voz nas relações continentais ou extracontinentais, e essa união há de começar no plano econômico e cultural, para atingir, finalmente [...], a integração política.”.²⁴³

Um dos desdobramentos dessa desunião seria, ainda de acordo com o autor, o crescimento cada vez maior da hegemonia estadunidense e, para os países ao sul do Rio Bravo, o crescimento da condição de subdesenvolvimento. Jânio complementa, a respeito da desunião entre esses povos:

Enquanto os Estados Unidos adquiriam porte imperial e alçavam-se à condição de grande potência, as Repúblicas do Sul, desunidas e conflitantes, de população litorânea, produtoras de matérias-primas e alimentos e, em consequência, dependentes dos centros industriais fornecedores e consumidores, não só se conservavam débeis, mas sentiam crescer, entre si e os “yankees”, a faixa característica do subdesenvolvimento.²⁴⁴

Seria preciso, de acordo com o exposto por Jânio, que os países latino-americanos reforçassem os princípios de autodeterminação dos povos e de não intervenção entre os Estados para, assim, somarem uma única voz contra o domínio estadunidense, o que poderia lhes garantir a possibilidade de se desenvolverem cada vez mais.

Jânio segue suas reflexões discorrendo sobre o papel de alguns organismos criados para o desenvolvimento da América, como o Congresso do Panamá, convocado em 1826 por Simón Bolívar, a Organização dos Estados Americanos (OEA), criada em 1948, a Organização Pan Americana, proposta pelo então presidente do Brasil Juscelino Kubitschek, em 1958, e a Aliança Para o Progresso, cujo resultado seria a Carta de Punta Del Este, em 1961. O ponto em comum entre esses organismos seria a tentativa de criação de um órgão que falasse e representasse os países americanos, algo que, até hoje, encontra diversos entraves.

Com relação às conferências e aos documentos escritos como síntese desses encontros que seriam, em tese, para unir os povos latino-americanos ao restante do continente, o autor afirma que as conferências acabavam não incluindo esses povos, mas separando-os e

²⁴³ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 142.

²⁴⁴ Ibid., p. 143.

distinguindo-os cada vez mais. O exemplo dado por Jânio Quadros refere-se à Carta de Punta Del Este, cujo intuito seria a promoção do desenvolvimento dos países latino-americanos (com o apoio dos Estados Unidos). O autor afirma que os delegados presentes na Conferência de 1961, ao representarem seus países, dirigiam-se aos povos da América “[...] hierarquicamente, de cima para baixo sem se identificar com o homem comum, o latino-americano que, em sua maior parte não integra, de fato, a sociedade de seu país.”.²⁴⁵

Percebe-se, neste trecho, a ênfase de Jânio sobre o fato de que os delegados não conseguiam se identificar com o povo americano, sobretudo por apresentarem, no início da Carta, uma distinção entre si. Como Jânio salienta: “O que o mundo americano de origem ibérica esperava, o que deveria ter ocorrido se a representação reunida no Uruguai fosse de sociedades integradas, era uma declaração *dos* povos, e não *aos* povos.”.²⁴⁶

Com essa crítica, Jânio ressalta uma grave problemática dos países americanos: a inexistência de união para a superação de dificuldades (econômicas, sociais, políticas e culturais). Como decorrência dos chamados “erros institucionais da Aliança”, a Carta de Punta Del Este somente considera “[...] o *homem-objeto*, isto é, como fim do desenvolvimento econômico” e como “[...] centro de necessidades a serem satisfeitas; o alvo do progresso”. Despreza-se, deste modo, conforme alega Jânio, “[...] o *homem-sujeito*, o que quer dizer, o homem consciente, livre, capaz de criar seu destino e procurar sua felicidade.”.²⁴⁷

Jânio também destaca, sobre a Aliança, seu papel de financiar o desenvolvimento dos países americanos, mas observa que cerca de 15% desse financiamento seria obtido através do capital estadunidense, o que acabaria gerando ainda mais dependência dos latino-americanos em relação aos Estados Unidos. Diante dessa situação, a América Latina apresenta um conjunto de fatores que definem o atraso de seu povo, sendo que a estrutura social latino-americana permaneceria dependente de alguns poucos países, o que acabaria reforçando a interferência estadunidense nos países mais pobres:

O que caracteriza a América Latina, é a instabilidade social, filha de suas deformações no político, no econômico, no administrativo. A existência de uma imensa coletividade de analfabetos, o subemprego, as endemias, a miséria, afinal, não permitem que se fale entre nós de estrutura social própria.²⁴⁸

²⁴⁵ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p.247.

²⁴⁶ Ibid., p. 247. (Grifos do autor).

²⁴⁷ Ibid., p. 247. (Grifos do autor).

²⁴⁸ Ibid., p. 251.

E Jânio complementa sua argumentação com relação à estrutura social, admitindo que “[...] não temos qualquer estrutura. Os milhões marginalizados não se incorporam ao Estado. Para todos os efeitos, não contam. Não são homens e, sim sub-homens, cujas vozes nem sequer são ouvidas para a formação dos governos. A marginalização, é completa.”.²⁴⁹

A passagem anterior evidencia, ainda, outro ponto crítico salientado por Jânio, no que diz respeito à falta de participação do povo na formação de seus governos. O autor destaca que a falta de integração entre povo e governantes acaba deixando aquele alheio às decisões políticas, econômicas e sociais de seu país, que passam a ser conduzidas, quase que exclusivamente, pelos detentores do poder. Diante deste quadro, Jânio ressalta a necessidade de o povo latino-americano se integrar cada vez mais, com o objetivo principal de superar a condição de “subdesenvolvimento”: “O berço ibérico indistinto de todos os povos ao Sul do rio Bravo, e a semelhança, senão a identidade dos valores religiosos e político-sociais impelem, de maneira irreversível, a América Latina a integrar-se.”.²⁵⁰

Jânio assevera que se o povo latino-americano vivesse de forma integrada, haveria, como resultado, uma força de trabalho incomparável: “As deformidades das nossas estruturas no político, no econômico e no social, marginalizam, todos os dias, gerações inteiras, ocasionando tensões de rumos imprevisíveis.”.²⁵¹ O tema da integração do povo latino-americano é um aspecto chave na obra. O autor destaca que o povo deve ter uma participação ativa neste processo integrativo, consciente de sua condição e dos meios que irão garantir o maior desenvolvimento para a região. Ao ressaltar o papel das massas populares, Jânio adverte:

Ninguém, por mais ingênuo ou reacionário que o seja, imaginará que a integração é possível, mesmo a econômica, com a hostilização das massas populares, particularmente as das escolas, as das fábricas e oficinas, as das lojas, as dos portos e as dos campos. Se se aceita ou não a integração econômica como um passo, firme embora, no rumo da integração política, é irrelevante porque não haverá qualquer integração se a “ideia-força” não se comunicar às multidões anônimas. Ao povo.²⁵²

O alerta dado por Jânio é de que a situação vivenciada na América Latina não será superada enquanto não se der voz ao povo, que, consciente de sua condição, poderá empreender, com o apoio dos países mais desenvolvidos regionalmente (especialmente os Estados Unidos), as reformas de que tanto necessita. Jânio considera alguns elementos importantes para a

²⁴⁹ Ibid., p. 251.

²⁵⁰ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 283.

²⁵¹ Ibid., p. 300.

²⁵² Ibid., p. 333.

integração na América: “[...] sabemos todos que são condições fundamentais para essa integração a reforma agrária, a reforma social, a reforma tributária, a educacional, a política [...]”.²⁵³

Outra característica da sociedade latino-americana destacada por Jânio relaciona-se à mobilidade de seu povo. A condição social dos povos da América Latina parece, de acordo com o autor, permanente, tendo em vista os grandes problemas e as dificuldades que as pessoas encontram para alterar sua condição social: “[...] o que distingue a sociedade latino-americana é a sua escassa mobilidade, fruto do baixo rendimento ‘pessoal’ de seus componentes, isto é, da marginalização de populações inteiras que a essa sociedade não logram acesso.”.²⁵⁴

A exclusão social e a imobilidade dos povos latino-americanos parecem ser, de acordo com o que é sinalizado por Jânio, um dos principais fatores que impedem a alteração da condição de subdesenvolvimento desses povos latino-americanos, impedindo-os de alcançar um nível mais desenvolvido, nos moldes da América ao norte do Rio Bravo. Ainda de acordo com o autor, “A marginalização [...] é completa, e a grande maioria da população latino-americana está alijada da política, não tendo qualquer participação nos governos.”.²⁵⁵

Na sequência argumentativa do autor, os problemas que a América Latina apresenta resultam do processo de colonização liderado pelos portugueses e espanhóis, que almejavam, principalmente, a exploração de recursos naturais. De acordo com Jânio, os problemas no continente são decorrentes do que ele chama de “vícios originários”, presentes desde o período colonial e que, por sua vez, permanecem até a atualidade, como a exploração dos povos, a ausência de participação política pelo lado dos mais pobres e a forte interferência de países mais desenvolvidos.²⁵⁶

Outro aspecto central do pensamento de Jânio pode ser observado na passagem a seguir, na qual o autor faz um diagnóstico sobre a condição social dos países da América Latina, problematizando a atuação das elites em busca de seus privilégios:

A simples observação de nossos países demonstra-nos que são antes construções políticas destinadas à manutenção das oligarquias que os dirigem, do que um instrumento de liberação das maiorias que desejam aquelas reformas. São democracias mais formais do que reais, e nelas as classes dirigentes estão prontas, se compelidas pelas circunstâncias, se pressionadas, a produzir reformas superficiais ou aparentes, que não as alcancem na estratificação de seus privilégios.²⁵⁷

²⁵³ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 340.

²⁵⁴ Ibid., p. 406.

²⁵⁵ Ibid., p. 406.

²⁵⁶ Ibid., p. 409.

²⁵⁷ Ibid., p. 410-411. (Grifos do autor).

Ao se encaminhar para as discussões finais da obra, Jânio Quadros ressalta o importante papel que a educação deveria ocupar para os povos latino-americanos superarem seus problemas sociais, políticos e econômicos, resultado de séculos de exploração. Neste sentido, o autor chama a atenção para a relação que existe entre a educação e o trabalho, ao destacar o problema que a ausência de uma educação mais desenvolvida nos países da América Latina ocasiona. Em relação ao analfabetismo, por exemplo, o autor registra:

[...] é, em larga medida, uma responsabilidade do Estado e, por isso, das elites dirigentes. Mais ainda: estão eles, os mais necessitados do amparo estatal, fracos, senão inermes, submetidos a todas as decisões políticas para cuja elaboração não concorreram, o que inclui até mesmo o dever do pagamento de impostos.²⁵⁸

O trecho acima apresenta a perspectiva defendida por Jânio no âmbito da educação do povo latino-americano: a carência de uma educação mais sólida a esse povo ocasiona a perpetuação de sua condição de alijamento político. Com isso beneficiam-se, unicamente, os letrados, que monopolizam as decisões políticas nesses países.

Ademais, para o autor, é o analfabetismo que impede o desenvolvimento social, econômico e cultural desses povos, causando grande resistência às reformas que poderiam beneficiar a região, sobretudo devido à concentração do poder político nas mãos de grupos aristocráticos.²⁵⁹ De acordo com Jânio as reformas teriam, como consequência positiva, a incorporação dos povos marginalizadas, a democratização do Estado e o fim dos privilégios de pequenos grupos.²⁶⁰

Outro pensamento de Jânio Quadros que dialoga com as imagens por ele mobilizadas em suas campanhas entre as décadas de 1950 e 1960 refere-se ao papel que o Estado deve cumprir para o desenvolvimento de seu povo. Tendo como objetivo o bem-estar comum, o funcionalismo é responsável por evitar qualquer tipo de vantagem a determinados grupos de pessoas, devendo seguir à risca a prática profissional com a qual se comprometeu: “O funcionalismo há de ser uma vocação como o é ou devera sê-lo, qualquer prática profissional, e o mau servidor, sobre o prejuízo eventual que poderá causar a si mesmo, prejudicará, sem dúvida, a eficiência da Administração e, por isso, a consecução de seus fins e a estrutura social.”²⁶¹

Para que o funcionalismo desempenhe seu papel sem os problemas mencionados, Jânio afirma que ele deve ser realizado seguindo alguns parâmetros, como a remuneração digna para

²⁵⁸ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 413.

²⁵⁹ Ibid., p. 459.

²⁶⁰ Ibid., p. 462.

²⁶¹ Ibid., p. 464.

que se possibilite uma dedicação integral às funções. A passagem a seguir deixa explícita essa distorção: “Um dos males do funcionalismo nas nações de matriz ibérica é o de a profissão ter-se convertido em atividade subsidiária, quase um segundo emprego, com o anseio decorrente da prestação de um número cada vez menor de horas de serviço.”.²⁶² Ainda segundo Jânio, as consequências da falta de um pagamento adequado e da dedicação exclusiva dos funcionários podem ser observadas a seguir:

a) [um trabalho] de má qualidade, com baixa produção e pior produtividade. Elaborado às pressas, sem o zelo, a meditação e a continuidade imprescindíveis, refoge aos próprios fins para os quais foi instituído; b) a curta duração desse trabalho obriga à multiplicação das funções, com a criação de outros subempregos, de substância congênere. Aparece um verdadeiro círculo vicioso: como o trabalho é pouco e ruim, há necessidade de muitos servidores, havendo muitos servidores, mal selecionados e mal pagos, fica o Estado impossibilitado de melhorar esse pagamento, e o trabalho continuará pouco e ruim.²⁶³

A despeito de considerar essas características mencionadas como essenciais ao Estado, Jânio não deixa de ressaltar as dificuldades de se implantar um sistema mais idôneo, uma vez que os problemas advindos com a histórica falta de desenvolvimento na América Latina apresentam um entrave às melhorias do próprio continente. Dentre algumas das dificuldades enfrentadas, Jânio ressalta:

Na América Latina as dificuldades para o planejamento são, antes de mais nada, técnicas, financeiras e políticas. As primeiras derivam do baixo nível educacional, que não encoraja a formação dos técnicos, altamente especializados. Acresce ainda que o reduzido número de especialistas existente prefere a empresa privada, que remunera melhor e oferece outros horizontes de trabalho. Quer a elaboração do plano, quer as correções ulteriores e a execução e a implantação finais ficam, pois, prejudicadas, liminarmente, e se o plano não se impossibilita por força do fato, encontram-lo geralmente, mal lançado, incompleto na execução ou arrastando-se nessa execução até a conclusão imperfeita.²⁶⁴

Jânio Quadros acrescenta, ao seu pensamento sobre o funcionalismo público, uma crítica direcionada ao elevado número de cargos públicos existentes (algo que ele criticou, também, durante suas campanhas políticas): “[...] alguns [cargos] foram primeiro criados para que, depois, se inventasse a função.”.²⁶⁵ O autor considera que muitos departamentos públicos

²⁶² QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 465.

²⁶³ Ibid., p. 465.

²⁶⁴ Ibid., p. 467.

²⁶⁵ Ibid., p. 469.

criaram vagas e, posteriormente, definiram o que o trabalhador deveria fazer, estabelecendo uma espécie de “artificialismo”, em expressão adotada pelo autor, na administração pública. Dessa forma, Jânio deixa evidente seu pensamento de que o funcionalismo necessita ser exercido com eficiência e o dinheiro público deve ser utilizado de maneira conscienciosa, de acordo com o interesse coletivo e fiscalizado para que não ocorra nenhum tipo de abuso. Eis como o autor sugere uma solução para a fiscalização pública:

O emprego honesto dos dinheiros públicos representou, através dos tempos, nas nações de origem ibérica, uma das questões mais graves. O ideal é o estabelecimento dos chamados “Tribunais de Contas”, autônomos, cujos membros se revestem de determinadas garantias essenciais ao livre e seguro desempenho do mister.²⁶⁶

Jânio Quadros ainda problematiza o desenvolvimento da América Latina ao refletir sobre duas necessidades da região: a primeira delas é a assistência à grande parte da população que sofre com a miséria e a exploração; a segunda reside na urgência de ampliar os investimentos econômicos e em produção. De acordo com o autor, são poucos os países que buscam conciliar ambas as necessidades e, a despeito disso, observa-se a má-fé ou, como afirma Jânio, a demagogia de seus governantes ao bradarem que conseguirão alcançá-las enquanto estiverem no poder.²⁶⁷

Os governantes, aliás, integram grupos minoritários e hegemônicos no poder, de acordo com Jânio. Ao retomar pesquisas realizadas pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), de 1963, o autor apresenta um interessante dado em relação à concentração de poder na América Latina: as minorias hegemônicas representam, apenas, 5% da população, mas concentram mais de 30% da renda nacional, opondo-se a qualquer tipo de reforma defendida e reclamada pelos países mais pobres.²⁶⁸

Estes grupos minoritários oferecem, como Jânio Quadros ressalta, forte resistência à alteração da condição social, política e econômica dos países mais carentes, com o intuito de manutenção do seu domínio sobre essa região e, conseqüentemente, ampliação da hegemonia política. Eis como o autor caracteriza o grupo que se opõe às reformas:

A oposição é lúcida, organizada, sistemática, de autodefesa, com o objetivo deliberado de manter a impermeabilidade dos diversos “strata” da sociedade. Seus integrantes são todos “bons cristãos” e fazem praça disso; exercem os comandos partidários, dominam as atividades bancárias, industriais, agropastoris e comerciais e, pois claro, as respectivas entidades de classe,

²⁶⁶ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 477.

²⁶⁷ Ibid., p. 480-481.

²⁶⁸ Ibid., p. 487.

promovem campanhas de beneficência, integram clubes quase herméticos, mandam os filhos a colégios exclusivistas, nos quais recebem educação clássica, e conhecem de cor, para o emprego oportuno, as mais belas frases-feitas do regime representativo.²⁶⁹

No trecho anterior, Jânio destaca a seletividade desse grupo hegemônico e, até mesmo, hermético, em que a maioria dos povos latino-americanos não está inserida e não é bem-vinda, sobretudo por representar uma ameaça à permanência dos mesmos grupos dominantes no poder. Jânio considera, ainda, que as elites não apenas usufruem dos governos, mas, acima de tudo, também os constituem.²⁷⁰

Jânio pondera que um dos principais erros desses grupos dominantes seria o desconhecimento do crescente processo de politização dos países subdesenvolvidos.²⁷¹ Mais do que desconhecer, talvez o maior problema seja ignorar a busca desses povos por voz ativa, os quais têm procurado, com maior consciência desde o século XX, o seu espaço nas discussões de caráter político, econômico e social em seu continente.

De acordo com Jânio, os problemas sociais, econômicos, políticos, educacionais, habitacionais e sanitários dos países latino-americanos devem ser considerados por seus governantes, sobretudo, por representarem um grande atraso ao desenvolvimento da América como um todo. Enfrentar tais problemas faria com que os países, além de se desenvolverem cada vez mais, buscassem a superação de sua histórica condição de dependência em relação às metrópoles portuguesa e espanhola e, mais recentemente, aos Estados Unidos. A fim de explicitar as diferenças entre os países de colonização ibérica e os Estados Unidos, Jânio relaciona alguns elementos:

[Nos Estados Unidos] Há um médico para cada 760 norte-americanos e um destes, em cada 75, faz cursos superiores de especialização profissional. Do México para o sul, mais de 40% não sabem ler, nem escrever; de 30 a 40% das populações urbanas, vivem em favelas indescritíveis, [...] não há alimentos para todos [...] e a dieta é uma das mais pobres em calorias e proteínas. A renda *per capita* é de 300 dólares, mais ou menos, o que corresponde à dos “yankees”, em torno de 1870. A mortalidade infantil oferece índices assustadores.²⁷²

Algumas diferenças entre o mundo latino-americano e o anglo-saxônico foram indicadas por Jânio em seu livro. O autor chamou atenção para os desafios existentes e,

²⁶⁹ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 487.

²⁷⁰ Ibid., p. 487.

²⁷¹ Ibid., p. 488.

²⁷² Ibid., p. 490.

especialmente, para a existência de uma inquietação popular na América Latina quanto à necessidade de os países ao Sul do Rio Bravo se integrarem mais para que, assim, evitem o domínio de outras nações, em prol de seu próprio desenvolvimento.

A confrontação dos problemas e das diferenças entre estes dois mundos, o desenvolvido e o “subdesenvolvido”, o da América Anglo-Saxônica e o da Latina, o dos Estados Unidos e o dos países de origem ibérica, o das três Américas: a do Norte, a Central e a do Sul, deve ocorrer, como afirma Jânio Quadros, cotidianamente.²⁷³ Quanto ao Rio Bravo, “fronteira de tensão”, o autor conclui:

[O Rio Bravo] Separa dois mundos quase irreconciliáveis, e nosso dever, particularmente o dos “yankees”, autores dos agravos imperialistas, colonatas dos falsos Estados elitários latino-americanos, e dos grupos antissociais que os detêm e manobram, é removê-la. No momento, coexistem, mas, mesmo essa coexistência está ameaçada pelo vagido cotidiano de novas gerações, cada vez mais numerosas, exigindo justiça.²⁷⁴

Estes dois mundos parecem ser, na atualidade, irreconciliáveis. Um, desenvolvido; o outro, fruto da exploração daquele, menos desenvolvido. A mensagem que Jânio Quadros deixa neste livro, em momento algum, procura negar as diferenças entre eles. Pelo contrário, evidencia as particularidades e reforça, ao mesmo tempo, a indispensabilidade dos povos latino-americanos de se integrarem e, com isso, superarem suas dificuldades.

A despeito das diferenças, são possíveis e necessárias a justiça e a igualdade entre os povos da América, ao deixar de lado a exploração e a subserviência dos países mais pobres para fortalecer, unicamente, os grupos hegemônicos. Esta é a principal prescrição, além de explícita recomendação efetuada por Jânio Quadros em sua obra, cuja realidade parece dialogar com as experiências constantemente vividas na atualidade.

²⁷³ QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 491.

²⁷⁴ *Ibid.*, 1972, p. 492.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jânio Quadros marcou, sem dúvida alguma, o espaço político brasileiro de uma forma nunca antes imaginada. Durante os anos em que exerceu os cargos políticos, foi capaz de mobilizar recursos e captar os anseios do povo brasileiro como nenhum outro político ousara fazer. Uma série de fatores contribuiu para que Jânio obtivesse sucesso entre a população, sendo que discutimos, no decorrer de nosso trabalho, alguns desses fatores.

Com relação às campanhas constituídas por Jânio Quadros e que nos propusemos analisar, elas evidenciam a habilidade do político em fazer-se prescrição à resolução dos problemas do Brasil e quase que “resgatam” os eleitores das amarras dos corruptos e da falta de desenvolvimento social e econômico no país. À medida que Jânio se inseria cada vez mais na política brasileira, também buscava expandir suas campanhas de forma a alcançar mais e mais eleitores, desde a disputa para vereador, em 1947, até à campanha à presidência do Brasil, entre 1959 e 1960.

Quanto às abordagens existentes em relação à Jânio, traçamos no primeiro capítulo, *Das apreensões e interpretações de Jânio Quadros*, o perfil das produções historiográficas que encontraram, no político, o seu objeto de estudos. Diante dessas abordagens, observamos três veios principais quanto à produção ocorrida entre as décadas de 1950 e 2010 e que foi por nós perscrutada, tendo sido o primeiro deles dedicado ao conceito de populismo de Jânio Quadros, a partir do qual o termo “janismo” ganhou notoriedade. Com a análise deste termo, percebemos interpretações distintas sobre as atitudes de Jânio durante as campanhas, sendo recorrente a compreensão de que o político conseguiu o apoio da população graças à sua liderança carismática propalada entre seus eleitores.

A segunda linhagem pautou-se em um conjunto de obras dedicadas a analisar a vida de Jânio Quadros sob o crivo da biografia, obras estas que se referem, sobremaneira, ao episódio da renúncia à presidência. Para esta linhagem surgiram algumas interpretações relacionadas às motivações da renúncia, sendo que três delas nos chamaram a atenção: a primeira apresentava a renúncia enquanto o resultado da incapacidade e inabilidade de Jânio em ocupar o cargo de presidente do Brasil, sendo que a renúncia teria, como objetivo principal, o retorno de Jânio Quadros ao cargo, agora com plenos poderes, à espécie de um golpe contra a ordem democrática; a segunda versão qualifica a atitude de Jânio enquanto o resultado de sua intransigência com os políticos corruptos, uma vez que ele teria preferido renunciar ao cargo a vender-se à corrupção e aos acordos entre partidos. A partir dessa versão, tal atitude representaria um ato heroico por parte de Jânio. A terceira compreensão sobre a renúncia possui

caráter mais pejorativo e defende que Jânio renunciou como consequência de seus problemas mentais, os quais o impediam de realizar suas obrigações com discernimento enquanto ocupava o posto de chefe do executivo nacional.

A terceira e última linhagem presente entre as obras que analisam a figura de Jânio descreve como o político constituiu sua imagem a partir dos anseios presentes na população. Diante disso, o entendimento sobre o trabalho de três autores ganhou destaque em nossa dissertação: Jefferson Queler, Vera Chaia e Thiago Fidelis. Os autores analisam, em suas obras, de que forma Jânio propalou a sua imagem ligada ao desenvolvimento e à modernização do Brasil, prescrevendo-se como a única solução possível para as reformas políticas, morais e administrativas de que o Brasil tanto necessitava.

No segundo capítulo, *Das campanhas – diagnósticos e prescrições para o Brasil*, buscamos identificar as imagens de Brasil e de brasileiros apresentadas nas campanhas de Jânio Quadros, sendo que verificamos a existência de três momentos distintos, a saber, as campanhas para a prefeitura e governo de São Paulo, além da presidência do Brasil. As imagens presentes nessas campanhas buscavam, em linhas gerais, dialogar com a população e criticar alguns dos problemas existentes no Brasil, além de prescreverem uma solução eficiente para combater os males da corrupção: a própria imagem salvadora de Jânio Quadros.

Em suas campanhas, Jânio adotou o uso de *slogans*, símbolos (vassoura, boné de motorneiro, broches, etc.), *jingles* e realizou discursos e comícios contrários aos políticos que dominavam a política brasileira até a década de 1950. Dentre algumas das imagens que Jânio procurou utilizar em sua campanha para a prefeitura de São Paulo, há o apelo aos mato-grossenses que residiam na capital paulista. Conforme analisamos no capítulo, essa imagem divulgada por Jânio dialogava com a sua própria percepção do povo paulista na figura dos bandeirantes, responsáveis pelo desbravamento do interior do Brasil e que foram responsáveis por colaborar com o processo de ocupação do atual estado do Mato Grosso. A partir da menção aos bandeirantes, Jânio rememorava uma figura de extrema importância no estado paulista, sendo que a retribuição dos mato-grossenses de São Paulo seria, conforme esperava Jânio, o apoio aos seus ideais, uma vez que ele se configurava enquanto o herdeiro da expansão bandeirante no Mato Grosso.

A imagem dos bandeirantes é retomada, ainda, em um dos volumes de sua *História do Povo Brasileiro*, no qual Jânio destaca o papel desbravador desses povos e sua contribuição no avanço das fronteiras brasileiras rumo ao interior do país, o que garantiria, aos paulistas, o controle do processo de expansão territorial e, anos mais tarde, o título de “locomotiva do

Brasil”, responsável pelo avanço e progresso do país. Com essas figurações, Jânio se colocava como o próprio herdeiro e responsável por conduzir o desenvolvimento do Brasil.

Na campanha para o governo do estado de São Paulo, Jânio manteve o ritmo empregado em seus comícios e discursos anteriores, interagindo com seus interlocutores e levantando questões que buscavam, além do voto, conscientizar o povo da necessidade que se apresentava da vitória de Jânio. Ao anunciar, nos comícios para governador, que “A vassoura que varre a capital varrerá o estado”, Jânio rememora o seu mandato como prefeito de São Paulo, conquistado um ano antes através de expressiva votação e, ao mesmo tempo, prepara o terreno para a sua chegada aos Campos Elíseos. Essa campanha, no entanto, necessitava de esforços ainda maiores e contou, além de um grande apoio popular, com o incentivo de alguns empresários que divulgaram e patrocinaram sua campanha, inclusive através de anúncios em renomados periódicos.

A campanha para a presidência, por fim, ressaltava o sucesso que Jânio obtivera em São Paulo e o grande apoio que o político passava a possuir, inclusive dos principais partidos existentes àquele período. Ademais, Jânio defendia algumas características que podem ser identificadas, também, em sua obra *Os dois mundos das três Américas*, como o preceito da autodeterminação dos povos americanos e a adoção de uma política independente da influência de outros países americanos, em especial dos Estados Unidos, tal qual aquela colocada em prática em seu curto mandato presidencial e que ficou conhecida como Política Externa Independente (PEI), responsável por encontrar resistência entre os políticos e partidos mais conservadores no Brasil.

Com o sucesso na disputa presidencial, esperava-se um mandato marcado por grandes realizações em nível nacional, devido à esperança que havia sido propalada nos discursos e campanhas de Jânio. A frustração da população, contudo, quando de sua renúncia, foi tamanha que sequer houve manifestações contrárias ao ato e, ainda menos, o apelo ao retorno de Jânio ao cargo. Com este episódio, a carreira política de Jânio Quadros ficou à beira do ostracismo, sendo que uma nova vitória somente aconteceria em 1985. Somado à renúncia, Jânio também perdeu seus direitos políticos durante a ditadura militar e, a partir de 1968, passou por um curto período de exílio político (cerca de 120 dias) em Corumbá, atualmente uma cidade do Mato Grosso do Sul.

O terceiro capítulo de nossa dissertação, *Das histórias – do povo brasileiro e da América dos latinos*, descreve algumas figurações de Brasil e de brasileiros presentes nas obras escritas por Jânio Quadros, sendo que nelas é possível identificar o pensamento do político a respeito do Brasil e de seu povo. Ademais, é importante ressaltar que neste capítulo são examinadas

duas obras do autor: os seis volumes da *História do Povo Brasileiro*, escrito e organizado em parceria com Afonso Arinos, e *Os dois mundos das três Américas*. Em ambos os livros, Jânio realiza um trabalho metódico e pormenorizado de história do Brasil e de sua inserção em um cenário mais amplo na América.

Se, por um lado, na *História do Povo Brasileiro* o autor descreve a formação do Brasil e do seu povo, ressaltando características que contribuíram para – ou atravancaram – o desenvolvimento do país, como a exploração desenfreada de recursos naturais desde a chegada dos portugueses à América, em 1500, a escravidão, a concentração de terras nas mãos de poucas pessoas e o domínio de pequenos grupos em relação às decisões políticas no país, em *Os dois mundos das três Américas* Jânio apresenta a posição do Brasil em relação aos demais países da América.

Diante dessa situação, Jânio destaca a existência de dois mundos distintos e, até mesmo, antagônicos no continente americano, sendo um deles marcado por maior desenvolvimento e avanço no sentido da política, economia e sociedade, enquanto o outro seria marcado pelos traços do atraso e da falta de desenvolvimento, características essas herdadas da própria origem das colonizações (enquanto as colônias ibéricas seriam marcadas pela exploração e pelo atraso, as colônias anglo-saxônicas representariam maior avanço dessa região).

Este pensamento pode ser observado no decorrer das páginas escritas por Jânio Quadros, uma vez que o autor postula tais preceitos a partir de um olhar criterioso acerca do continente americano. O livro escrito em 1972 nos possibilita identificar alguns diagnósticos feitos pelo autor quanto à condição do Brasil e dos países latino-americanos em relação aos países desenvolvidos, sendo que os princípios de autodeterminação dos povos e a ideia da política independente frente aos demais países, sobretudo os Estados Unidos, parecem confrontar a realidade do próprio continente, em que as áreas menos desenvolvidas demonstram a desunião existente e acabam subjugadas ao domínio de potências como os Estados Unidos.

Ao alertar para a necessidade da união entre os povos latino-americanos, Jânio realiza alguns diagnósticos quanto aos problemas existentes no continente americano e que parecem, de certa forma, justificar certos movimentos realizados pelo político tanto em suas campanhas, quanto em sua presidência, a exemplo de seu encontro com Che Guevara, uma semana antes da renúncia. Cabe salientar que, mesmo durante a campanha, o político não se vinculou a nenhum dos partidos devido à sua imagem de independência frente a acordos e partidos, mesmo quando o perigo de uma suposta ameaça comunista pairava sobre o imaginário brasileiro.

Dessa forma, Jânio Quadros buscou, em suas campanhas e livros, evidenciar o seu pensamento sobre o Brasil e seu povo. Povo esse explorado tanto pelas camadas dominantes da

sociedade brasileira, quanto daquelas de outros países que interferiam no continente, tendo a dos Estados Unidos em primeiro plano.

A despeito do debate acerca das diferenças entre os povos latino-americanos, Jânio também teceu algumas críticas à própria forma como a política era desenvolvida no Brasil, sobretudo na *História do Povo Brasileiro*, por exemplo, ao ressaltar a existência de fraudes nos processos eleitorais (crítica amplamente veiculada em suas campanhas e presente em seus discursos contra os políticos tradicionais, responsáveis pelo controle dos rumos políticos no Brasil), além de críticas ao sistema presidencialista, marcado por sucessivas crises e tentativas de golpe ao longo da história republicana brasileira.

As obras escritas por Jânio Quadros, dessa forma, evidenciam o pensamento do político acerca da condição dos países americanos, notadamente o Brasil que, ao longo do tempo, sofria com problemas políticos e a tomada de decisões por parte de um pequeno grupo de pessoas. Com isso, ainda que pouco exploradas pela historiografia, essas obras representam um conjunto substancial de textos e análises feitas pelo autor sobre a situação do Brasil em meados do século XX.

Mesmo passados mais de 50 anos desde as duas publicações, as críticas e descrições presentes nesses livros são extremamente valiosas por evidenciarem a condição experimentada pela sociedade brasileira até o final da década de 1960, mas que, em certo sentido, ainda permanece vigente. Ao defender as bandeiras da anticorrupção, da moralidade e da família tradicional brasileira, bem como o fim da “velha política”, Jânio conquistou adeptos entre todas as camadas da sociedade, sendo que sua habilidade em lidar com o público e transmitir seu pensamento em relação ao Brasil crescia cada vez mais.

Com isso não buscamos colocar um ponto final nas análises sobre a trajetória do político e, muito menos, sobre o seu pensamento político e sua produção histórica e intelectual, mas, ao contrário, esperamos que este trabalho contribua para o desenvolvimento de novas investigações sobre Jânio Quadros, nestes tempos que exigem análises cuidadosas sobre as figurações de Brasil e de seu povo mobilizadas ao longo da experiência republicana brasileira, sobretudo por meio de campanhas políticas, em atendimento aos mais diversos interesses.

REFERÊNCIAS

FONTES

QUADROS, Jânio; ARINOS, Afonso. **História do Povo Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais, 1967. 6 v.

QUADROS, Jânio. **Os dois mundos das três Américas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros**: O Prometeu de Vila Maria. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BANDEIRA, Moniz. **A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

BARBOSA, Carlos Alberto Leite. **Desafio Inacabado**: A política externa de Jânio Quadros. São Paulo: Atheneu, 2007.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**: de Jânio Quadros a Costa e Silva (1961-1967). Cidade: Fulgor, 1968.

BATISTELLA, Alexandre. Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade. In. **Revista Latino-Americana de História**, v. 1, n. 3, mar. 2012. Disponível em: <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/97/75>. Acesso em: 22 dez. 2019.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. **Da revolução ao reatamento**: a política externa brasileira e a questão cubana (1959-1986). Brasília: FUNAG, 2012.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11 ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

BRANCO, Carlos Castello. **A renúncia de Jânio**: um depoimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

BRANCO, Renato Castelo; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando. **História da propaganda no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

BRUNO, Paula. **Elias Palti**: La nación como problema. Los historiadores y la “cuestión nacional”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 2011.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CABRAL, Carlos Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

CAMILOTTI, Virgínia Célia; NAXARA, Márcia Regina Capelari. História e Literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. In: **História: Questões & Debates**, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento** – Brasil: JK-JQ. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARLI, Gileno de. **Visão da Crise: 1961-1964**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

CARLI, Gileno de. **Os tempos de Jânio Quadros**. Companhia Editora de Pernambuco: Recife, 1982.

CARRARO, Adelaide. **Eu e o governador**. 17 ed. São Paulo: L. Oren, 1977.

CASTRO, José Viriato de. **O fenômeno Jânio Quadros**. 3. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: J. V. Castro, 1959.

CECCI, Luiz Antônio Hungria. **A crise do populismo**. Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 1986.

CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: A História entre Certeza e Inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

CHIARAMONTE, José. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. *In.*: CARMAGNANI, Marcello (org.). **Federalismos latinoamericanos**: México/Brasil/Argentina. México: Fondo de Cultura Económica: 1993, p. 81-132.

COSER, Ivo. O conceito de Federalismo e a Idéia de Interesse no Brasil do Século XIX. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 51, 2008, p. 941-981.

CPDOC/Forense-Universitária. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro 1930-1983**. FGV/CPDOC-FINEP, 1984.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DIRETRIZES do Estado Novo (1937 - 1945): Queda de Vargas e fim do Estado Novo. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas>. Acesso em: 9 jan. 2020.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 1995.

FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira**. O Brasil republicano – estrutura de poder e economia (1889-1930). Tomo 3, v. 8.

FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão**: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal *O Estado de São Paulo* (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013.

FIGUEIREDO, Rubens (org.). **A conquista do voto**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

FRANCO, Alvaro da Costa (org.). **Documentos da política externa independente**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. v. 1.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FUNDAÇÃO do Instituto: As sessões da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional em que foi preparada a fundação. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,

2019. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/ihgb/historico/fundacao-instituto.html>. Acesso em: 11 dez. 2019.

GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GOMES, Neusa Demartini. **Formas persuasivas de comunicação política**: propaganda política e publicidade eleitoral. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

KUNTZ, Ronald. **Marketing político**: manual de campanha eleitoral. São Paulo: Global, 2004.

KWAK, Gabriel. **O trevo e a vassoura**: os destinos de Jânio Quadros e Adhemar de Barros. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MALERBA, Jurandir (org.). **História e Narrativa**. A ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MANHANELLI, Carlos. **Jingles eleitorais e marketing político**. Uma dupla do barulho. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

MARKUN, Paulo; HAMILTON, Duda. **1961**: O Brasil entre a ditadura e a guerra civil. São Paulo: Benvirá, 2011.

MAUGERI NETO, José. **Varre, varre, vassourinha**. Disponível em:

<https://www.letras.com.br/maugeri-neto/varre-varre-vassourinha>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MEYRER, Marlise Regina. A Vassoura, A Simpatia e a Espada: Imagens da democracia brasileira nos anos 50. **Revista Tempo e Argumento**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 174-204, 2012.

Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304022012174>. Acesso em: 3 maio 2021.

MELLÃO NETO, João. **Jânio Quadros: 3 estórias para 1 história**. São Paulo: Editora Renovação, 1982.

MONASTERIO, Leonardo; Ehrl, Philipp. Colônias de Povoamento versus Colônias de Exploração: de Heeren a Acemoglu. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 37, n. 72, p. 213-239, mar. 2019. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/71287/52466>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MORAES, Euclides Rodrigues de. 1960 – Jânio Quadros comercial. **Youtube**, 2012.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdkFq3c2Gy8&t=24s>. Acesso em: 2 maio 2021.

MORÃO, Paula (org.). **Autobiografia**. Auto-Representação. Lisboa: Colibri, 2002.

MUNIZ, Camille Bezerra de Aguiar (org.). Brasil. Presidente (1961). **Discursos selecionados do Presidente Jânio Quadros**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Contexto, 2017.

NÓBREGA, Vandick L. da. **A campanha da vassoura**. Rio de Janeiro: Vandick L. da Nóbrega, 1960.

O RIO onde milhares de imigrantes arriscam a vida em busca do sonho americano. **BBC News Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48832565>. Acesso em: 31 ago. 2021.

PEREIRA, José. **Bilhetinhos de Jânio**. 2 ed. São Paulo: ELIYAHU BEHAR - Editora, 1959.

PINHEIRO, Luiz Adolfo. **Jânio, Jango & Cia**. 1. ed. Brasília: Editora Eco, 1988.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

QUADROS, Jânio. **Quinze contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

QUADROS, Jânio. **Curso Prático da Língua Portuguesa e sua Literatura**. São Paulo: Formar, 1966. 6 v.

QUADROS, Jânio. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Rideel, 1976.

QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo Lobo Botelho. **Jânio Quadros: memorial à história do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 1996.

QUELER, Jefferson José. Quando o eleitor faz a propaganda política: o engajamento popular na campanha eleitoral de Jânio Quadros (1959-1960). **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 59-84, junho 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 dez. 2019.

QUELER, Jefferson José. **Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)**. 349 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

QUELER, Jefferson José. A roupa nova do presidente: a politização da imagem pública de Jânio Quadros (1947-1961). **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 45-69, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2019.

REIS FILHO, Daniel Aarão. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. In.: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 319-377.

RIBEIRO, Mauro. **Diário de um confinado**. São Paulo: Editora do Povo Brasileiro, [196?].

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: EdUnicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1997.

RUOCCO, Andrea Ramon. **As formulações de nação na trajetória de Graça Aranha**. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017.

SAMPAIO, Regina. **Adhemar de Barros e o PSP**. São Paulo: Global Editora, 1982.

SANTOS, Vidal dos; MONTEIRO, Luiz. **Diário de uma campanha**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, [20--].

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado espetáculo**. Algés: Difel, 1978.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **A Renúncia**. São Paulo: Editora Três, 1975.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOBRINHO, Maugéri; DAGÔ, Victor; MULLER, Lauro. **O Jânio vem aí**. [S.l.]: RGE, 1960. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/composicao/121622/o-janio-vem-ai>. Acesso em: 2 maio 2021

SOURÃO, Jacintho Bemvindo Vaz; BOMFIM, Aguiar Passos de; ROIZ, Fred. **Jânio em 3 toadas**. 2 ed. São Paulo: Edição Voxpópuli, 1959.

SOUSA, Pompeu de. **Bilhetinhos a Jânio**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1987.

SZWAKO, José; ARAUJO, Ramon. Quando novos conceitos entraram em cena: história intelectual do “populismo” e sua influência na gênese do debate brasileiro sobre movimentos sociais. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 67, p. 469-499, maio 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862019000200469&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2020.

VALENTE, Nelson. **A vida de Jânio em quadros**. São Paulo: Editora Nacional, 1993.

VALENTE, Nelson. **Jânio da Silva Quadros: crônica de uma renúncia anunciada**. 1. ed. São Paulo: Intermedial Editora, 2007.

VALENTE, Nelson. **Luz... câmera... Jânio Quadros em ação: o avesso da comunicação**. São Paulo: Editora Panorama, 1998.

VALENTE, Nelson. **Jânio de fio a pavio**. 2. ed. São Paulo: EDICON, 1996.

VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros face a face com a renúncia**. São Paulo: Editora Panorama, 1997.

VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros: fi-lo porque quis**. São Paulo: O Artífice, 2002.

VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros: o estadista!** São Paulo: EDICON, 2011.

VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros: a vassoura em ação**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

VICTOR, Mário. **Cinco anos que abalaram o Brasil** (de Jânio Quadros ao Marechal Castelo Branco). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

VIEIRA, Evaldo. **Estado e miséria social no Brasil:** de Getúlio a Geisel. São Paulo: Cortez, 1985.

WALMSLEY, Silvana Maria de Moura. **Origens do Janismo:** São Paulo (1948-1953). 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira.** 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 4, out. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

ZIGON, Carlos. **Jânio Quadros não renunciou:** polêmica. Porto Alegre: C. Zigon, 1990.